



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
MESTRADO PROFISSIONAL GESTÃO E TECNOLOGIAS  
APLICADAS À EDUCAÇÃO – GESTEC**

**CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O  
IGETEC (RODAS DE CONVERSA, RÁDIOS E CURADORIAS  
DIGITAIS DE ARTE POPULAR) COMO PROPOSTA INOVADORA DE  
FOMENTO AO PROTAGONISMO JUVENIL**

**ALBERTO BATINGA PINHEIRO**

**Salvador**

**2020**

**ALBERTO BATINGA PINHEIRO**

**CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O  
IGETEC (RODAS DE CONVERSA, RÁDIOS E CURADORIAS  
DIGITAIS DE ARTE POPULAR) COMO PROPOSTA INOVADORA  
DE FOMENTO AO PROTAGONISMO JUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, vinculado ao Departamento de Educação – DEDC – Campus I, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Cláudio Rocha

**Salvador**


**2020**

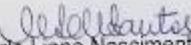
## FOLHA DE APROVAÇÃO


**“CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O  
IGETEC (RODAS DE CONVERSA, RÁDIOS E CURADORIAS  
DIGITAIS DE ARTE POPULAR) COMO PROPOSTA INOVADORA  
DE FOMENTO AO PROTAGONISMO JUVENIL”**

**ALBERTO BATINGA PINHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração I – Gestão da Educação e Redes Sociais, em 27 de fevereiro de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

  
Dr. José Cláudio Rocha  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutorado em Educação  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

  
Prof.ª Dr.ª Carla Liane Nascimento dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Ciências Sociais  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

  
Dr.ª Angela Machado Rocha  
Universidade Federal da Bahia – UFBA  
Doutorado em Energia e Ambiente  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

P654c

Pinheiro, Alberto Batinga

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O IGETEC (RODAS DE CONVERSA, RÁDIOS E CURADORIAS DIGITAIS DE ARTE POPULAR) COMO PROPOSTA INOVADORA DE FOMENTO AO PROTAGONISMO JUVENIL / Alberto Batinga Pinheiro.– Salvador, 2020.

111 ffs : il.

Orientador(a): José Cláudio Rocha.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC, Câmpus I. 2020.

1.Cultura Popular. 2.Protagonismo Juvenil. 3.Cidadania. 4.Inovação. 5.IGETEC.

CDD: 107

**ALBERTO BATINGA PINHEIRO**

**CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O  
IGETEC (RODAS DE CONVERSA, RÁDIOS E CURADORIAS  
DIGITAIS DE ARTE POPULAR) COMO PROPOSTA INOVADORA DE  
FOMENTO AO PROTAGONISMO JUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, vinculado ao Departamento de Educação – DEDC – Campus I, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Cláudio Rocha

Aprovado em 27 de fevereiro de 2020.

---

Prof. Dr. José Cláudio Rocha  
Orientador - Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Carla Liane Nascimento dos Santos  
Membro interno - Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Patrícia Lessa Santos Costa  
Suplente Membro interno - Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Angela Machado Rocha  
Membro externo - Universidade Federal da Bahia - UFBA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Amélia Vitória de Souza Conrado  
Suplente Membro externo - Universidade Federal da Bahia - UFBA

Ao *Lírio*, Walber Batinga Pinheiro, irmão amado.  
♡ 08.02.1955 ☆ 09.10.2019)  
(*In Memoriam*)

## **BREVES AGRADECIMENTOS EM FORMA DE UMA BREVE HISTÓRIA DE (QUASE) TUDO**

Este trabalho decorre – e, enquanto consequência, ameniza – de uma antiga ambição que, como professor, alimentei ver materializada no transcurso da minha experiência docente no âmbito da educação básica.

O fruto mesmo desta ambição, que encontra-se na base do projeto intitulado “CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O IGETEC (RODAS DE CONVERSA, RÁDIOS E CURADORIAS DIGITAIS DE ARTE POPULAR) COMO PROPOSTA INOVADORA DE FOMENTO AO PROTAGONISMO JUVENIL”, tem estrita ligação com o sentimento inarredável e a esperança geográfica de que cultura popular e cidadania devem cingir as percepções, atitudes e valores ligados ao meio ambiente.

Chega-me assim, e aos outros e outras, aos colegas, aos professores e professoras do Programa de Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, vinculado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em formato de dissertação e destinado à obtenção do grau de Mestre mas, honestamente – faz-se absolutamente necessário que se diga – não o considero nem como resultado, nem como corolário do Projeto.

Tendo isto por esclarecido, a partir deste ponto gostaria de descrever um pouco da minha própria trajetória, da qual esse projeto e todas as outras histórias, são tributários.

Início a minha vida como professor de Música em 1979, ao mesmo tempo em que trabalho como estagiário de Eletrotécnica numa oficina de aviões no aeroporto de Salvador - Bahia. Aquela dupla atividade a que me refiro, claramente tão diversa, mostrava-se imensamente importante no plano dos desejos e das escolhas pessoais que viriam a nortear meus caminhos; é quando acabaria por optar em definitivo pela Música.

A música já estava presente desde a infância, assim como o desejo de torná-la profissão, enquanto que a opção pela carreira de professor só viria mais tarde, e de modo fortuito. Foi dando aulas de violão para os amigos e amigas que descobri que “levava jeito” para ensinar, e a partir daí não mais foi possível deixar de ser professor. Nem o queria, como ainda não o quero.

Passo a frequentar, primeiramente o curso livre de Música da Universidade Católica do Salvador – UCSAL e, posteriormente, da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Das aulas avulsas para os amigos e amigas, logo aparece a oportunidade para lecionar no âmbito da Instrução Primária em escolas particulares.

Seguem ainda, nos anos 1980, as aulas de instrumentos e de Teoria Musical, agora também em escolas exclusivamente do gênero. Assim foi até a década de 1990, quando passo a trabalhar na construção e na implantação de projetos voltados para crianças e adolescentes em situação de risco social (denominação vigente à época), permanecendo por mais de dois anos numa conhecida instituição em Salvador.

Em paralelo ao curso de Licenciatura em Música na UCSAL começo a formar corais e a empreender a própria escola de Música.

Em 1989, 1993, 1995 e (bem depois, em 2002), vêm ao mundo os filhos e filhas queridos(as): Emi, Izabel, Dan, e Ian! Não são poucos, assim como não é pouca a minha alegria e não é pequeno o meu orgulho em tê-los junto ao coração e a alma.

Nos anos 2000, a convite, passo a trabalhar no Centro de Referência Estadual de AIDS da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia – SESAB, dirigindo montagens de espetáculos do gênero Musical Infantil com a participação dos funcionários e cuidadores de pessoas portadoras do vírus do HIV. Importante dizer que as apresentações eram voltadas para os portadores e seus familiares, com a completa adesão dos que participavam do programa de saúde lotando o auditório da instituição. Bonito momento. Esse período é também marcado pelo meu retorno às atividades como instrumentista em shows, festivais e afins.

Tendo deixado incompleta a minha graduação em Música, ainda nos anos 2000 senti a necessidade de voltar a estudar. Contudo, desta vez, não optaria por um curso na minha área, um tanto segura para mim, mas sim pela Licenciatura em Geografia na UFBA: um risco!

Uma delicada pessoa, pela qual tenho a mais profunda amizade, admiração e respeito profissional, a professora de Geografia, aposentada da UCSAL, amiga pessoal e ex-aluna de violão, Marlene Pires d’Aragão Carneiro, teve influência positiva e direta nessa escolha. Amiga e ex-aluna do professor



Milton Santos, a professora Marlene mostrou-me a face de uma Geografia desconhecida. Eu conhecia apenas aquela de – como ela mesma dizia – “cabos e ilhas”: uma Geografia tanto descritiva; quanto tão pouco explicativa.

Uma homologia aqui, em forma de paráfrase, se pode, forçosamente, interpor: “Mostre-me quem devo desejar”, diz Roland Barthes (1981, pp 128). Para Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, mesma página, “O ser amado é desejado porque um outro ou outros mostraram ao sujeito que ele é desejável: por mais especial que seja, o desejo amoroso é descoberto por indução”. Não é amor o que muitas vezes nos impõe escolhas subjetivas entre sujeitos, sejam estes quais forem? Mostre-me, então, por indução, não a quem, mas ao *que* devo desejar!

Por essa via o encantamento, o *Mirandum* (aquilo que transcende a percepção do concreto), se deu. Definitivamente o professor Milton Santos e sua Geografia Crítica (vertente do movimento de renovação do pensamento geográfico), na qual os autores são aqueles que – entre outros aspectos – segundo Antonio Carlos Robert Moraes (1985, pp 112) “[...] se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo”, encontraram uma porta em aberto na minha vida e ampliaram os meus horizontes para além dos cabos e das ilhas.

Sempre sonhei, como professor e como pessoa, com a transformação da realidade social e tinha na música uma ferramenta já poderosa para isto. Com a chegada da Geografia essa perspectiva foi ampliada. Em lugar de uma ferramenta, duas. Mas ferramentas precisam ser calibradas! Em 2008 ingressei, via vestibular, para a segunda turma do recém criado curso noturno de Licenciatura em Geografia da UFBA.

Um pouco mais à frente, iniciei meu período como bolsista no projeto *Limites e possibilidades do uso do sistema de avaliação e seus indicadores para a gestão da Educação Básica com qualidade social* (Fapesb/ UFBA). Passei a ser membro honorário do Grupo de Avaliação (GA), da Linha Políticas e Gestão da Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFBA, trabalhando diretamente com o professor Dr. Robinson Tenório, amigo e importante referência na minha iniciação científica. Para além dele, as professoras Dra. Dora Leal Rosa e Dra. Rosilda Arruda, o professor

Dr. Robert Evan Verhine e Dr. Albertino Lordelo, e outras e outros tão importantes quanto os citados para a minha formação como professor e aluno.

Nesse período, produzo ainda oito capas de livros para a Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), e componho o Hino orquestrado a Cansação (cidade do semi-árido na Bahia) sob encomenda do escritor e historiador baiano Oleone Coelho Fontes.

Fui, posteriormente, bolsista no projeto *EJA e Economia Solidária* (FAPEX/ UFBA), na Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Escola de Administração da UFBA, junto ao amigo e professor Dr. Genauto Carvalho de França Filho.

No final de 2011 viajo com a família para Lisboa, na esperança de fazer parte da graduação em Geografia numa Universidade portuguesa, mas o intercâmbio não deu certo e tive que solicitar trancamento do curso na UFBA, por tempo determinado.

Morando em Lisboa por três anos trabalhei, por dois dos três anos como residente, como professor de Atividades Extra-Curriculares (AEC), uma modalidade de ensino de Artes e Inglês, na escola pública portuguesa. As AECs são um serviço contratado, prestado por pequenas empresas privadas portuguesas conhecidas por Atividades de Tempos Livres (ATLs).

Ainda em Portugal coordenei o Projeto Educativo nomeado *Dois Irmãos*, e realizado pela ATL na qual eu trabalhava à época. O Projeto, parte das comemorações do Ano do Brasil em Portugal e uma articulação entre o Ministério dos Negócios Exteriores de Portugal, a Associação das Indústrias Portuguesas e duas escolas públicas selecionadas (uma em Lisboa, outra em Salvador) envolvia a mostra de um panorama cultural do Brasil e de Portugal e um intercâmbio entre alunos e alunas das escolas públicas de Salvador e de Lisboa.

De volta a Salvador, em finais de 2014, retomo o meu curso na UFBA. Em 2015, passo a lecionar música em uma escola pública do Diogo, povoado de Mata de São João, na Linha Verde. Ao mesmo tempo, começo a ensinar (na modalidade Regime Especial de Direito Administrativo – REDA) Artes e Sociologia para o Fundamental II, no Colégio Estadual Raphael Serravalle, em Salvador. Sou contemplado com outra bolsa na UFBA, desta vez do Observatório da Educação (OBEDUC), projeto *Determinantes da equidade no*

*ensino superior* (CAPES/ FAGED/ UFBA), onde exerço a função de coordenador administrativo adjunto do projeto pelos dois anos seguintes.

A partir de 2015, e até 2017, leciono Geografia no Ensino Médio em uma escola particular em Salvador. Desejoso por calibrar ainda mais os instrumentos de navegação pelo mundo e, ainda em 2017, entro para a pós-graduação da UNEB, como aluno especial do Mestrado, onde tenho a honra de conhecer o meu atual orientador, professor Dr. José Cláudio Rocha.

Em 2018, sou selecionado como aluno regular no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, da UNEB, e passo a ter contato mais intenso com uma escola da qual me sinto feliz em poder fazer parte, e com professores e professoras dos quais e das quais posso seguir falando com orgulho, como as professoras Dra. Carla Liane Nascimento dos Santos e Dra. Patrícia Lessa Santos Costa, entre outros e outras.

No ano de 2018 sigo na pesquisa do Mestrado enquanto leciono Geografia para as séries finais do Fundamental na Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos, em Mata de São João, Região Metropolitana de Salvador.

O ano de 2019 é um ano de mudanças, desta vez também de cidade. Saio com a família de Salvador para morar na Chapada Diamantina, no Vale do Capão. E, depois mudo-me, no final deste mesmo ano, para Mucugê, onde resido atualmente. Gosto de pensar que mudar é uma maneira de elevar a imaginação.

Desejo destinar estes agradecimentos em forma de relato da minha trajetória – um pouco pessoal, um pouco profissional – a todos e todas, homens e mulheres, famílias de origem e de destino, trechos do caminho da minha história, onde vou e volto com o intuito de redescobrir-me e aos outros e outras, e reencantando-me, “*Mirandumdando-me*”, com o simples e o complexo: viver!

A Kleber Alvim Pinheiro e Nola Batinga Pinheiro, pais; A Kleber Batinga Pinheiro e Walber Batinga Pinheiro, irmãos; A Emi Pinheiro, Izabel Pinheiro, Dan Pinheiro, Ian Pinheiro, filhas e filhos, aos netos Yud e Ragnar Pinheiro, e a Tícia, companheira em vida e música.

À professora Lígia, que me ensinou a ler e a escrever ainda no Jardim de Infância; À professora Marlene Pires d’Aragão Carneiro, com afeição; Ao professor Dr. Robinson Moreira Tenório, que uma vez me disse que não era tarde e acendeu as luzes no caminho quando eu voltei a escolher a Academia; e a todos os outros professores e professoras (inclusive a minha mãe, professora Nola Batinga) que me apontaram caminhos sem determinar rumos para mim: Obrigado!

Aos amigos e amigas que representam os trechos caminhados e adoçaram e adoçam o viver com seu companheirismo, música da boa e alegria.

Bem. Gostaria de encerrar estes agradecimentos repartindo com todos e todas um pedacinho da fala da personagem Ulisses, em *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* (1969) de Clarice Lispector (1998, p. 59) [...] “Não esqueço nunca. Mas há poucas coisas de que eu me lembre”. Com isso busco pedir desculpas, portanto, àqueles e àquelas que porventura tenha deixado de citar aqui, lembrando-lhes de que não serão inteiramente esquecidos, mas podem ser (temporária, ou mais frequentemente) esquecidos.

O que aqui se seguirá, portanto, nessa forma escrita, com seus cânones e regras que são, concordo, absolutamente necessários ao relato de uma experiência no ambiente da escola pública e da Academia (e fora delas) é, tão-somente, o rito final de cumprimento da tarefa que escolhi e à qual foi-me designado cumprir, uma prestação de contas desse desígnio à sociedade à qual pertenço, e a possibilidade de vê-la replicada e sempre melhorada.

Eis porque compreendo como resultado dessa minha tarefa, de aluno e professor, não somente o produto final, mas o privilégio do próprio percurso trilhado, com todos e todas, mas sobretudo com os alunos e alunas, na escola – e além – para aprender a fazer e ser ensinando a fazer e a ser.

*Imaginei que seria bom, ao completar sessenta anos, dar sinal de mim mesmo.*

Prof. Milton Santos

## RESUMO

O presente trabalho é uma dissertação de mestrado, que se intitula: “Cultura popular e educação para a cidadania: o IGETEC (rodas de conversa, rádios e curadorias digitais de arte popular) como proposta inovadora de fomento ao protagonismo juvenil”, e investiga a importância da cultura popular na escola pública como incentivo a uma formação cidadã no ambiente escolar (e para além dele). Serão apresentadas algumas discussões sobre as relações entre cultura popular, território e identidade, cidadania e formação cidadã nas escolas, além, claro, de protagonismo juvenil. Os pressupostos básicos para esta investigação, foram:

- A importância que, de fato, se atribui à cultura popular na escola como formadora de criticidade, de postura cidadã;
- O papel da autogestão estudantil despertando seu protagonismo e apontando caminhos para a cidadania, pela via da cultura popular.

Este trabalho presta-se a ser parte dos requisitos para o título de Mestre em Educação, trazendo em sua composição informações acerca da elaboração, construção, implantação e desenvolvimento do projeto e o relato acerca de seus resultados e produtos. Ainda cabe dizer que presta-se à socialização das atividades desenvolvidas e como sistematização da pesquisa apresentando, em detalhes, suas etapas, os passos dados e os não dados na sua realização, buscando consonância aos mecanismos exigidos à natureza dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** Cultura popular, Protagonismo juvenil, Inovação, IGETEC, Cidadania.

## ABSTRACT

The present work is a master's dissertation, entitled: "Popular culture and education for citizenship: IGETEC (conversation circles, radio and digital curators of popular art) as an innovative proposal to promote youth protagonism", and investigates the importance of popular culture in public schools as an incentive for citizen training in the school environment (and beyond). Some discussions will be presented on the relations between popular culture, territory and identity, citizenship and citizenship formation in schools, besides, of course, youth protagonism. The basic assumptions for this investigation were:

- The importance that, in fact, is attributed to popular culture at school as a trainer of criticality, of citizenship;
- The role of student self-management, awakening its leading role and pointing out ways for citizenship, through popular culture.

This work lends itself to be part of the requirements for the title of Master in Education, bringing in its composition information about the elaboration, construction, implantation and development of the project and the report about its results and products. It is also worth mentioning that it lends itself to the socialization of the activities developed and as a systematization of the research, presenting, in detail, its steps, the steps taken and the steps not taken in its realization, seeking consonance with the mechanisms required to the nature of this research.

**Keyword:** Popular culture, Youth protagonism, Innovation, IGETEC, Citizenship.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Mapa com a localização de Mata de S. João, Bahia / 22
- Figura 2** Mapa com a localização da sede de Mata de S. João, Bahia / 23
- Figura 3** Tabela e gráfico IDEB 2017 / 23
- Figura 4** Mapa com a localização de Palmeiras, Bahia / 24
- Figura 5** Mapa com a localização do Vale do Capão, Bahia / 25
- Figura 6** Modelo da Hélice Tríplice da Inovação / 63
- Figura 7** Modelo estatista / 66
- Figura 8** Modelo *laissez-faire* / 67
- Figura 9** Modelo Estrutura social da Hélice Tríplice / 67
- Figura 10** Modelo alternativo para Hélice Tríplice baseado em modelo de Etzkowitz / 70
- Figura 11** Modelo alternativo para Tríplice Hélice baseado em modelo de Etzkowitz / 71



## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** Conceitos de Eco-Inovação / 55; 56
- Quadro 2** Comparativo entre a Hélice Tríplice e o “sistema de inovação” / 68
- Quadro 3** Comparativo entre pesquisa-ação e pesquisa participante / 74
- Quadro 4** Logística da pesquisa / 75
- Quadro 5** Infraestrutura básica da Escola Nadir Ribeiro / 78
- Quadro 6** Infraestrutura básica do Anexo Nilde Xavier / 79
- Quadro 7** Escolas do município de Mata de S. João, Bahia / 80; 81 e 82

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>ASPECTOS TEÓRICOS</b>	<b>31</b>
2.1	Cultura popular e território em diferentes cenários disciplinares: os cidadãos têm múltiplos conceitos para defini-los	33
2.2	Cultura popular, território e cidadania: convergências miltonianas	38
2.3	Cultura popular e escola: algumas divergências	46
<b>3</b>	<b>O AMBIENTE INOVAÇÃO, GESTÃO ESTUDANTIL TECNOCRIATIVA E CIDADÃ: O IGETEC</b>	<b>50</b>
3.1	O IGETEC no contexto das pré-incubadoras, incubadoras e da Pesquisa	52
3.2	Algumas palavras sobre o protagonismo juvenil no contexto do IGETEC	59
3.3	A Hélice Tríplice, a universidade, e o IGETEC	61
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>73</b>
4.1	Escolha de um município, de um distrito e de suas respectivas escolas e estudantes como participantes da pesquisa	76
4.2	Campo em Mata de São João	83
4.3	Finalização da observação na Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos	86
4.4	Campo em Caeté-Açu, Vale do Capão	87
4.5	Finalização da observação no Anexo do Colégio Estadual Nilde Maria Monteiro Xavier	93
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>98</b>
	<b>APÊNDICE – Registros em imagens</b>	<b>102</b>
	<b>ANEXO – Documentos Institucionais</b>	<b>106</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o princípio enxerguei essa pesquisa, como proposta, sob duas e integradas perspectivas: uma educacional, e a outra da gestão. A primeira porque dá-se no âmbito da escola, mas, sobretudo com os estudantes, pondo-os em diálogo com a universidade na construção do conhecimento, e quer valorizar o percurso e a práxis; a segunda, porque acredito nela para “criar” soluções criativas, e fornecer muitas das condições necessárias para a compreensão e a utilização do conhecimento disponível.

Percebi, na prática, que sua validade como produto teria que estar atrelada ao fato de que gostaria de vê-lo replicado nas escolas e, ou, nas suas respectivas comunidades escolares, ou mesmo a um Plano de Capacitação, uma oferta de curso.

Nesse entendimento, cada passo do Projeto foi pensado para a sua reprodução futura sem deixá-lo cair na tentação das soluções fáceis, mas tendo em mente a simplicidade e – porque não dizê-lo –, até mesmo o improvisado como recursos factíveis.

Entendida a pertinência da minha tarefa atual no meu trabalho docente, passei a aspirar a um arcabouço teórico que desse conta de descrever os passos da pesquisa, explicando-os em suas limitações, desafios e oportunidades. E não pude compreendê-lo, senão à luz da ciência geográfica.

Busquei então, acredito, aquele ideal acerca do qual falava o professor Milton Santos (1996, 1997, 1999, 2002, 2014, p.18), em seu livro *A Natureza do Espaço*. Para ele, descrição e explicação são inseparáveis e supõem um sistema e “quando este faz falta, o que resulta em cada vez são peças isoladas, distanciando-nos do ideal de coerência próprio a um dado ramo do saber e do objeto de pertinência indispensável”.

Visando a possibilidade de uma leitura holística, harmoniosa e ecológica dos eventos vamos delineando, orientando, e iluminando, aos poucos, da escolha do tema ao referencial teórico, da delimitação ao problema, dos objetivos às categorias, do método ao produto, buscando compreender o todo sem considerá-lo a soma de suas partes.

Para Fritjof Capra (1982, p. 49), “a visão do mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, (...) têm que ser cuidadosamente reexaminados”. Não me cabe reexaminá-los aqui, mas posto que estes continuam a nos fornecer um paradigma de descrição e explicação do mundo restritas a uma concepção mecanicista, enxerguei na Geografia, nos seus ampliados modos de ler as paisagens do mundo e o espaço onde a vida se dá – por seus “mapas” e suas “lentes” –, um instrumento de leitura dos mais adequados para me auxiliar nesse projeto.

Outro importante auxílio com o qual sempre conto, é o de seres humanos tranquilos, coerentes também com uma leitura sensível da existência e posta a serviço da luta cotidiana; luta pelos direitos humanos, pelo amor, pela cidadania, pela Educação. Pela dignidade, enfim, como forma primeira e última de vida. Nessa cena, o meu orientador, professor Dr. José Cláudio Rocha (UNEB). Parafrazeando o compositor Luiz Melodia (1951-2017), na belíssima canção *Juventude Transviada*, isso seria – para mim “(...) O auxílio luxuoso”. Verdadeiramente.

Outros auxílios não menos importantes para a compreensão do significado da largueza de um mestrado, da sua função e importância social, e dos sinais que apontam caminhos, sem deixar de apontar também a liberdade de escolher por onde ir, foram os das professoras Dra. Carla Liane, Dra. Patrícia Lessa, Dra. Lídia Boaventura, dos professores Dr. Túlio Pinheiro, Dr. Marcius Gomes, Dr. Sérgio Conceição, e Dr. César Barbosa, todos docentes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e da professora Dra. Angela Machado, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Veremos que o tema central desse trabalho é a cultura popular e sua importância para a escola. É tema central, mas sua centralidade não aprisiona e, por isso mesmo ele estabelece como limites delicados tecidos territoriais, sem determinar, contudo, fronteiras.

Como eixo central da nossa discussão a cultura popular vai interagir com a escola e a comunidade escolar. Ainda, com o protagonismo juvenil, com as técnicas, a inovação e a tecnologia, com a identidade, com o território, com a gestão, com a educação básica e é assim, em relação com a pesquisa participante, que vai buscar a descrição e a explicação de situações concretas,

engendrando respostas e novas perguntas para os problemas sob a forma de diretrizes de ação transformadora.

Para René Silva (2008, p. 15) “Ninguém, hoje em dia, negaria o papel de enorme importância que a escola tem na defesa, promoção, difusão e conhecimento das manifestações culturais populares”. No entanto, a despeito da luta para colocar a cultura popular na escola em seu lugar devido, mesmo projetos pedagógicos mais progressistas, têm dificuldades em “romper com o senso comum presente na prática escolar, que quase sempre associa cultura popular a folclore”, como argumenta Carlos Martins (2008, p. 58).

Restringe-se, assim, o espectro de ação da cultura popular na escola. Muitos coordenadores pedagógicos e professores entendem-na como mero adereço a ser incluído em festas folclóricas regionais e, outros, como eventos pontuais relacionados a datas nacionais comemorativas.

Alunos e alunas aprendem, nesse contexto, também a vê-la como algo desimportante e desconectado das suas vidas e isso vai, aos poucos, tornando-a invisibilizada. Inserem-se aí, por exemplo, as festas realizadas na escola pelo Dia do Folclore: desde as demonstrações de capoeira – quando desvinculadas de sua importância histórica e sociocultural –, à inclusão de “baianas do acarajé” e seus tabuleiros – num flagrante e tantas vezes repetido desrespeito às religiões de matrizes africanas e suas práticas.

Segundo Milton Santos, em *O Espaço do Cidadão* de 1987, (2007, p. 17) “O modelo cívico forma-se, entre outros, de dois componentes essenciais: a cultura e o território”. Portanto, em cada lugar, em cada tempo que se sucede, a conexão da cultura popular com a cidadania deve ser vista como uma ação transformadora no território e uma conquista a se manter, posto que ambas dialogam com a liberdade e são passíveis de uma – como o quer Felipe Addor (2015, p.10) “articulação com o poder público, as organizações sociais e os cidadãos”.

Se a cidadania é uma forma de liberdade – e também o é a cultura popular –, elas podem ser aprendidas, em conjunto, na escola. Por isso Santos (2007, p. 11) diz que “A cidadania, sem dúvida, se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito enraizado na cultura”.

Como trabalhar, então, a questão da cidadania na escola do ponto de vista da importância da cultura popular como fator contributivo ao seu

desenvolvimento? Como revalorizar e reatribuir, enfim, sentido de reconhecimento individual e coletivo à cultura popular, tornando-a visível e de importância política no ambiente escolar e para fora dele? É, portanto, no presente trabalho que procuro apresentar o que já foi realizado e de que maneira a pesquisa teve lugar nas escolas Professora Nadir Ribeiro Santos e Nilde Maria Monteiro Xavier – ainda que apenas como parte das respostas às questões anteriormente levantadas.

Parte do meu pressuposto é que, mesmo sendo a cultura popular um processo dinâmico que sofre transformações (quiçá positivas) em consonância ao contexto social no qual são produzidos os eventos culturais, ela vem sendo mais e mais fortemente absorvida pela indústria cultural na sociedade do consumo.

Obviamente não trago com isso novidade, pois isto está implícito e explícito em muitos dos textos que tratam da questão complexa da cultura na sociedade hodierna. Mas entendo, como o quer Antonio Arantes (2006, p.22), referindo-se à cultura popular, que “é possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significados”.

E é aí no uso, nas finalidades, numa distorção pragmática desses significados, que considero residirem as intenções que acabam por fragilizar a cultura popular, num cenário de consumo exarcebado e acrítico. Cenário limitador da voz da cultura popular, e que traz consequências para as comunidades e também para a escola, seus alunos e alunas.

Outra parte, a que sustenta o argumento central e que busca dar alguma substância a esse trabalho, é o fato de considerar que essa absorção implicaria diretamente e de modo negativo na construção da cidadania na escola, e para os alunos e alunas da educação básica, em lugares onde a realidade social não fosse a das grandes cidades, e onde o consumismo dos centros urbanos não fosse ainda o imperativo para o exercício da cidadania. Desejo de vir-a-ser, como o queria Milton Santos (2007, p.18) “uma cidadania que se nos ofereça como respeito à cultura e como busca da liberdade”.

O pressuposto por mim utilizado explica, em grande parte, o porque da escolha das duas escolas – embora sejam escolas muito diferentes em suas características mais básicas como localização, infraestrutura, número de

alunos, organização e, principalmente, condições materiais –, onde o projeto está inserido. Ambas não se localizam em grandes centros urbanos, ambas têm seus próprios meios de criar e resolver situações que, marcadamente, são regidos pela cultura do lugar e por seus próprios valores, atitudes e percepções ambientais; e isso me interessa particularmente como geógrafo e como pesquisador.

Os lugares escolhidos para a realização do projeto, foram, inicialmente, a cidade de Mata de São João, na Região Metropolitana de Salvador e, posteriormente, a Vila de Caeté-Açu (mais conhecida como Vale do Capão, na Chapada Diamantina), distrito da cidade de Palmeiras, ambas na Bahia.

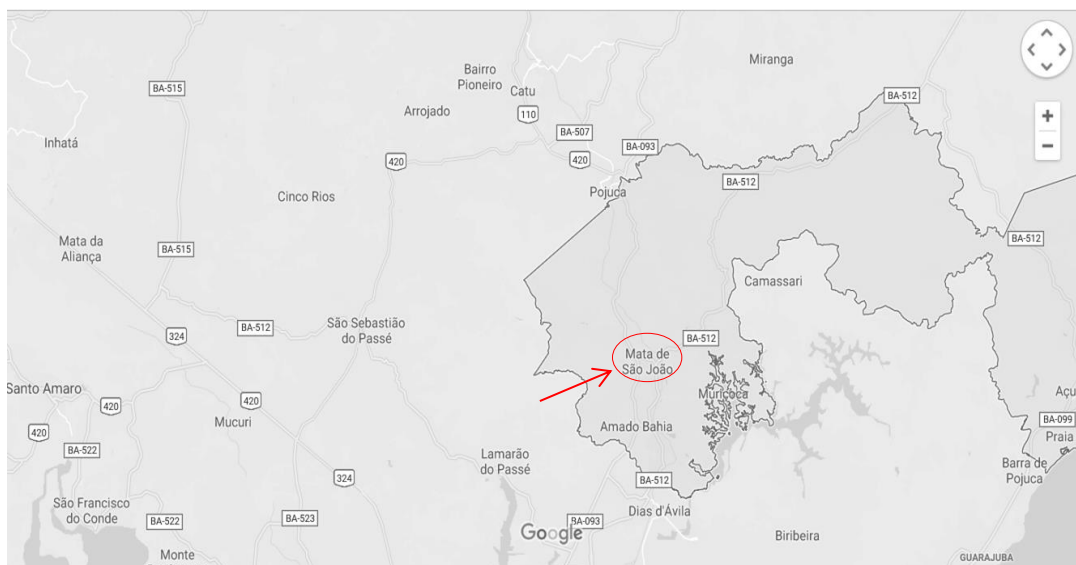
A primeira, a Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos está localizada na sede de Mata de São João, Região Metropolitana de Salvador, e é a escola onde lecionei Geografia, para os anos finais do Fundamental, no ano letivo de 2018, em regime de Escola de Tempo Integral.

**Figura 1 – Mapa com a localização do município de Mata de São João no Estado da Bahia, 2019.**



Fonte: Wikipedia (2019).

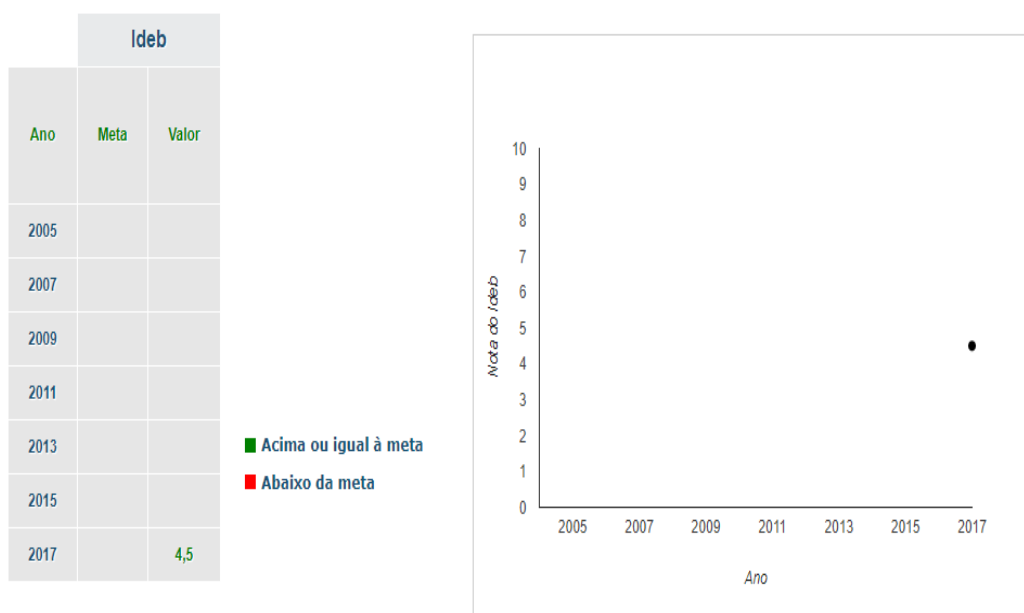
**Figura 2 – Mapa com a localização de Sede do município de Mata de São João, onde está situada a Escola Municipal Nadir Ribeiro dos Santos.**



Fonte: Wikipedia (2019).

A escola tem (4,5) segundo aponta o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB/ 2017 conforme é apresentado no gráfico exibido a seguir, e ocupa atualmente a posição 12.205 entre as 25.530 escolas de todo o país

**Figura 3 – Tabela e gráfico IDEB 2017, 2019.**



Fonte: Inep (2017, 2019).



A Nadir Ribeiro ocupa a posição 164 entre as 1.848 escolas do Estado da Bahia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. E, ainda segundo o IBGE, a escola ocupa a posição 5.744 entre as 14.342 escolas da rede municipal do país, a posição 140 entre as 1.586 escolas da rede municipal do Estado.

Num ambiente com 270 alunos, distribuídos por 9 turmas, do 6º ao 9º Ano, foram selecionados duas turmas para participar do projeto: o 8ºA, e o 8ºB, selecionando-se aí um total de 10 alunos e alunas participantes. As razões dessa escolha para o desenvolvimento ou para as limitações das ações do projeto serão explicadas em pormenores mais adiante, no decorrer do texto.

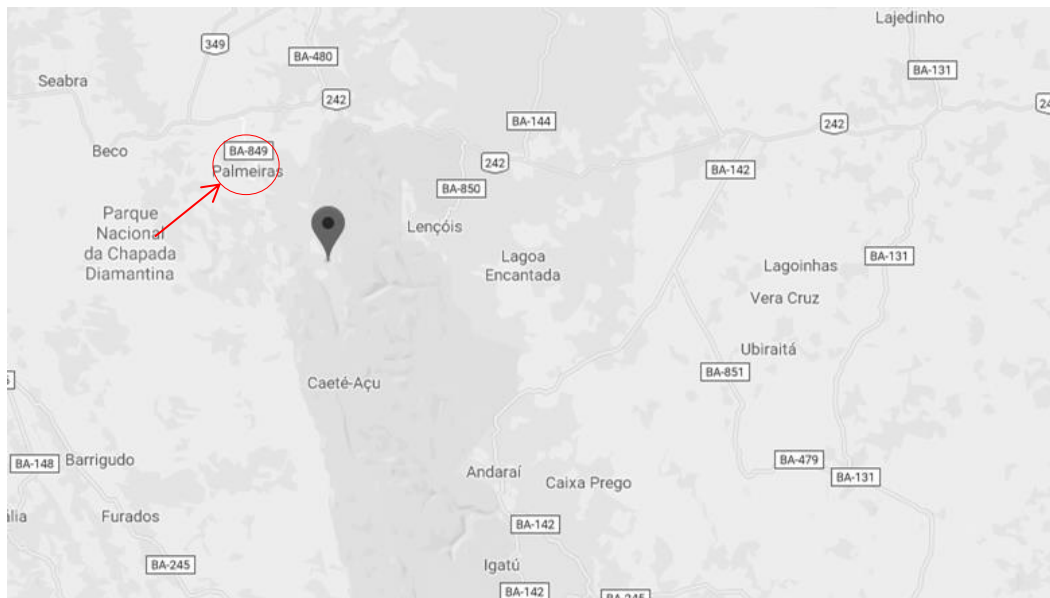
Em segundo, temos um anexo, de mesmo nome, da Escola Estadual Professora Nilde Maria Monteiro Xavier, situado em Caeté-Açu, Vale do Capão na Chapada Diamantina. Como morador, e também professor – embora não da unidade –, o acesso do projeto ao Colégio se fez possível pela apresentação da proposta e por meio do diálogo entre os pares.

**Figura 4 – Mapa com a localização do município de Palmeiras, Chapada Diamantina, no Estado da Bahia, 2019.**



Fonte: Wikipedia (2019)

**Figura 5 – Mapa com a localização do Distrito de Palmeiras, denominado Caeté- Açú, e mais conhecido pelo nome de Vale do Capão, onde está situado o anexo do Colégio Estadual Nilde Maria Monteiro Xavier, de Palmeiras, 2019.**



Fonte: Google Maps (2019).

Conquanto o município de Palmeiras tenha IDEB (2.8) no Ensino Médio, em dados atualizados pelo IDEB/ 2017, e divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o IDEB/ 2017 do Colégio Estadual Nildes Maria Monteiro Xavier não consta. Segundo informações do IDEB, o Colégio, que contava em 2017 com 405 alunos matriculados – somados os do anexo – tem ausência de média em função do “Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados” (INEP, 2017). Também não há metas projetadas para o Colégio no [site ideb.inep.gov.br](http://site.ideb.inep.gov.br).

O anexo do Colégio Nilde Maria Monteiro Xavier tem um total de 42 alunos e alunas estudando no Ensino Médio no ano de 2019, segundo a Coordenação e a Direção adjuntas do curso.

Nosso objetivo era investigar, em oficinas produzidas juntamente com os estudantes de Mata de São João e de Caeté-Açú, como a cultura popular local pode contribuir para estreitar e fortalecer os laços entre os atores da escola, incentivando seu protagonismo e sua formação crítica enquanto cidadãos e cidadãs. Para tanto, três ações foram sendo postas em prática:

- A implantação das rádios temáticas no ambiente das escolas;
- A promoção de rodas de conversa com os discentes, pessoas da comunidade, e convidados para discutir temas caros à cultura popular, ao protagonismo juvenil e à cidadania;
- A criação de curadorias digitais de cultura popular, para coletar, classificar e por em acervo “permanente” a produção cultural estudantil e do lugar.

Às rádios NadirRádio (a fios) e Estação Buena (WEB), cabe criarem e executarem programas das mais variadas naturezas radiofônicas, como: noticiários, entrevistas, boletins diários sobre a cidade, o estado, o país e o mundo, atualidades, curiosidades científicas, meio ambiente e sustentabilidade, moda, programas de calouros, rádio novelas, programas de música, poesia, cultura popular, avisos, divulgação de programações e eventos culturais, divulgação dos eventos escolares e seu calendário etc.

As Rodas de Conversa Papo Franco (seu nome é uma homenagem a Mariele Franco) é um espaço privilegiado para meninas, com reuniões mensais, e por elas organizado no âmbito da escola, onde são discutidos temas como: feminismo, protagonismo juvenil, a importância da mulher na cultura popular, e a condição da mulher jovem no contexto do mercado de trabalho.

O espaço é um espaço de troca e construção de conhecimento, posto que as conversas têm viés científico e sempre como ponto de partida textos, documentários, filmes. Há, eventualmente, a presença de palestrantes. Apesar de uma perspectiva predominantemente feminina, na roda de conversa não é vetada a presença de meninos, mas a presença dos mesmos só se dá quando as organizadoras consideram isto conveniente.

E por fim, a Curadoria Estudantil e Digital da Arte Popular Matense, e a Curadoria Estudantil e Digital da Arte Popular do Vale do Capão. Constituem-se em grupos de alunos e alunas que produzem sua própria arte e não dispõem de espaços privilegiados para levantamento, coleta, exibição, divulgação, guarda, e preservação das suas obras.

Mais que isto, a curadoria também pode abrigar a produção em arte popular da comunidade à qual os jovens pertencem. Muitos dos alunos e

alunas têm, além do mais, parentes ou amigos que fazem parte de conjuntos musicais locais, desenham, pintam, ou trabalham com artesanato.

Trata-se, a curadoria, de um espaço digital no centro do qual se organizam os materiais culturais de arte popular da sede e do distrito, também a música dos compositores locais para que façam parte de um acervo de divulgação e preservação. Grupos de música, e artistas ligados ao artesanato local têm lugar na pesquisa e coleta realizadas pelos estudantes.

No estado da arte da pesquisa, a Rádio Estação Buena – uma Rádio WEB posta em funcionamento pelos participantes na pesquisa, no Vale do Capão, desde junho de 2019 – pôde operacionalizar duas das três dimensões ativas desse projeto: a própria Rádio e a Curadoria.

A rádio WEB abriga outras possibilidades como espaços para vídeos, para matérias escritas, chats e podcasts, ampliando, e muito, as funções de uma rádio tradicional, além de possibilitar a inserção de conteúdos via Internet. Isto a torna mais ágil em termos de planejamento e gestão da sua programação, aparência e funcionamento.

Os responsáveis podem se comunicar para além do espaço físico escolar, acessando-a de qualquer lugar para corrigir, atualizar e acrescentar conteúdos, disponibilizando-os para o local e o global.

Um podcast é como um programa de rádio, um conteúdo de mídia (geralmente áudio) transmitido via Really Simple Syndication (RSS), que é um formato de distribuição de informações em tempo real pela Internet, com temas abrangentes e variados, e podendo ser acessado de onde e quando se quiser.

A Roda de Conversa, por exemplo, poderia colocar podcasts de seus encontros gravados, ou mesmo propor colocar os temas, entrevistas com especialistas, artigos e conclusões das discussões realizadas, caso tivéssemos tido mais sucesso com as atividades relacionadas a esta dimensão.

Quanto à Curadoria, puderam fazer os participantes da pesquisa uploads de seus registros em vídeos para um canal específico na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, e colocá-los na área que agrega vídeos na Rádio WEB Estação Buena. Há, no site da rádio, um espaço que abriga os vídeos que foram postos no Youtube.

Os vídeos precisam ser editados pelo(s) autore(s) que pode(m), posteriormente, fazer o upload na rede social, tornando-os, assim, disponíveis

na plataforma. Estas e outras condições, como os espaços para texto – notícias, artigos etc.) e podcasts, justificam a atual opção pela rádio WEB em lugar da rádio com fios que antes tentamos implantar, com menos sucesso, na Escola de Mata de São João.

Por não serem os indicadores quantitativos uma determinante na maneira de abordar o nosso problema, e considerando a possibilidade de interpretação dos fenômenos tratados e a atribuição de significados aos mesmos, foi feita a opção pela pesquisa qualitativa.

Os procedimentos metodológicos apontam para a pesquisa participante, e assim visam tratar e modelar diálogos criativos e vínculos mais estreitos entre as pessoas, a cidadania, a tecnologia e a cultura popular intervindo no espaço escolar e, de certa forma fora dele, com vistas a uma formação cidadã para alunos e alunas. Esse, o ponto de partida para verificar como a cultura popular pode contribuir, de fato, no incentivo a esta formação.

Quando M. Thiollent (2011, p. 70), na Metodologia da Pesquisa-Ação, refere-se à forma como se dá a delimitação do campo de observação empírica, do uso ou não uso de amostras etc., faz-nos perceber que o assunto é controverso e que é objeto de larga discussão entre interessados e pesquisadores, demonstrando ainda o quanto e como são diversas as posições relativas a este tema.

Dentre estas posições, ele nos fala da delimitação que exclui a pesquisa por amostra, que nos parece, no âmbito da nossa pesquisa, a melhor alternativa procedimental, pois assim “a pesquisa deve abranger o conjunto da população que será consultada sob a forma de questionários ou de discussões em grupo”.

E, para partidários desse tipo de procedimento, e como também nos parece mais aplicável ao nosso caso, em particular, “Tal postura é viável quando a população é de tamanho limitado”, possibilitando um efeito conscientizador e de mobilização em torno de uma ação coletiva. Isto explica a opção pelas atividades executadas por pequenos grupos de participantes na pesquisa.

Foi a partir desse cenário que surgiu a ideia do ambiente Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã – o IGETEC, a qual considero, de fato, o motor dos objetivos desse trabalho. É por meio desse ambiente, das

discussões em pequenos grupos de participantes na pesquisa, de tarefas refletidas, de pautas planejadas e executadas sob sua centralidade, que compreendo tornarem-se possíveis os efeitos conscientizador e de mobilização catalisando a ação coletiva com finalidades educacionais, demanda desse trabalho.

Por esta razão, o IGETEC, passou, desde então, a abrigar as três dimensões “tangíveis” do projeto – as rádios NadirRádio e Estação Buena, as Rodas de Conversa Papo Franco, e as Curadorias Estudantis e Digitais de Arte Popular Matense e do Vale do Capão –, antes ações isoladas no corpo do projeto.

Denominaremos de Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã – para fins da pesquisa –, a possibilidade de organizar e empreendendo aprender, por meio da cultura local, da tecnologia e da criatividade, um modo de organização e trabalho consoante à ecologia, vindo a ser, também, aquilo que predomina na concepção primeira do IGETEC. E qual o papel primeiro do IGETEC? É ser um ambiente de inovação educacional, tecnológico, orgânico e estrutural do trabalho criativo e coletivo de alunos e alunas, no âmbito escolar – e para além dele – baseado na promoção, impulso e apoio à criatividade, à autogestão, e à solidariedade.

Propõe-se, então, o IGETEC como um Território Escolar Criativo, um TEC, ambiente de inovação, que poderá vir a encetar outros tantos iguais ou semelhantes, com variantes e objetivos adequados a diferentes ambientes escolares tanto quanto a suas diferentes necessidades.

Entendemos o *ambiente*, no contexto desse projeto, como um incentivo à educação cidadã e ao desenvolvimento de talentos na comunidade possibilitados por meio da autogestão. Consideramos que ele tem potencial como núcleo de aprendizagem da gestão estudantil fazendo uso da criatividade, da tecnologia e da arte para a transformação da realidade, sendo consentânea, portanto, ao projeto, a cidadania e à educação.

Este trabalho divide-se em cinco capítulos, incluindo-se esta introdução.

O segundo capítulo, dividido em três subseções, versa sobre diferentes conceitos ligados ao tema, esclarece algumas escolhas referentes aos aspectos teóricos da pesquisa, promovendo uma discussão acerca disto com os autores e autoras aos quais o pesquisador recorreu quando dos passos

iniciais do seu projeto, e depois, ao longo do mesmo, para contribuir em alargar horizontes, corroborando ou discordando de suas próprias convicções. Acrescenta, ainda, um breve e discreto olhar sobre cultura popular e algumas de suas manifestações na escola.

O terceiro capítulo, dividido em três subseções, é dedicado a uma apresentação do ambiente Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã – IGETEC. Nele propomos, além de sua apresentação, examiná-lo relacionando-o ao contexto da pré-incubação, da incubação, da inovação e do protagonismo juvenil. E, por fim, propomos uma discussão acerca do conceito da Tríplice Hélice e seus possíveis usos no âmbito do IGETEC.

No quarto capítulo, ocupamo-nos de uma exposição geral das opções metodológicas – métodos, materiais e procedimentos – aplicadas no decorrer da realização da pesquisa nos municípios de Mata de São João, e na Vila de Caeté-Açu, e das necessárias justificativas para uma efetiva implantação, ou não, em suas respectivas escolas.

O trabalho de campo e os produtos da pesquisa, os quais remetem às percepções sobre os primeiros efeitos de sua implantação, seus limites e oportunidades, suas finalidades confirmadas ou questionadas, seus usos possíveis para além desta experiência, virão descritos ainda nesse quarto capítulo.

Este capítulo está estruturado em cinco subseções onde (1) justificamos as escolhas – município e distrito; (2) as primeiras experiências em campo no município de Mata de São João, com seus primeiros desafios e atividades; (3) a finalização da observação na Escola Nadir Ribeiro, em Mata de São João e suas razões; (4) o início das atividades de implantação da pesquisa no Vale do Capão; e, por fim, (5) seu encerramento. Em todo esse percurso encontraremos a descrição e a explicação das interações possíveis entre o IGETEC e os objetivos da pesquisa.

Finalizar-se-á este trabalho com o quinto capítulo que tratará das conclusões. Conclusões que avaliam o percurso da pesquisa ao reforçar seus mais importantes resultados.

E, por fim, as referências estudadas para a composição desse trabalho.

Alguns materiais como cópias de documentos utilizados no início e no decorrer da intervenção, fotos e outros elementos bastantes que se façam

necessários às comprovações da execução das práticas de operacionalidade exigidas pela intervenção virão no apêndice e no anexo.

## 2. ASPECTOS TEÓRICOS

Nesta seção realizamos uma discussão em torno da cultura popular no território brasileiro, para a qual recorreremos a pesquisadores da área da cultura popular e da área geográfica, e apontamos ainda para uma terceira via: uma perspectiva que as unifica, marcadamente a do professor Milton Santos.

Também trazemos o geógrafo Rogério Haesbaert, e outros autores, vez que não pretendemos discutir cultura popular sem levar em conta sua relação com o território. Para tanto, será preciso adentrar a seara dos conceitos de ambas as vertentes.

E eles, os conceitos, são muitos e carregados de polissemia. Uma vez que são variadas as abordagens, os usos, um conceito também é apresentado e afirmado de acordo com os interesses e o foco das áreas disciplinares que dele se utilizam. No entanto, segundo o geógrafo Haesbaert (2009, p. 12) isto não é tão importante quanto o seu “foco”, seu núcleo ordenador e as suas articulações integradas na arquitetura de um corpo teórico

Poderíamos dizer que o conceito precisa "estar focado", ter um núcleo central ordenador, dentro das múltiplas relações que desenha num grande conjunto, maior, ou, como afirmou Gilles Deleuze, dentro de uma "constelação" de outros conceitos – constelação que constrói um corpo teórico, uma teoria mais articulada (HAESBAERT, 2009, p.12)

É nesse sentido, o de chegar a uma dada unidade teórica, apenas que atenda a demanda da pesquisa e que represente cultura popular no território brasileiro que, mais adiante, pretendemos trazer o professor Milton para a discussão.

Mas antes de lá chegar, abordaremos a cultura popular e o território somente em seus aspectos teóricos que consideramos mais pertinentes, e não mais do que na perspectiva desse nosso trabalho, para apoiar o que na pesquisa a ela diz respeito, pois a discussão acerca do tema da cultura popular



já é extensa e não temos a pretensão, nem a ambição de exauri-la com o presente empenho.

Para a finalidade dessa investigação importa que seja explicitada apenas a cultura popular no território e sua relação com o papel que ela hoje exerce para a formação cidadã nas escolas que abrigam a pesquisa, mas tudo isso – como afirmamos na introdução deste trabalho – sob a lente geográfica. E, sob essa lente, cultura popular, cidadania e território não se separam.

Este capítulo apresenta-se dividido em três subseções que contextualizam de modo relativamente sucinto a análise de literatura realizada para efeito da pesquisa.

A primeira traz uma breve reflexão acerca de alguns dos conceitos de cultura popular, vista em sua relação com o território, com o território brasileiro e procura mostrar a importância da mesma para uma educação cidadã e integral.

A segunda subseção traz, nomeadamente, o olhar do professor Milton Santos: olhar que ajuda, e muito, a compor a visão que queremos dar de cultura popular, para sustentar essa investigação. A terceira e última subseção desse capítulo abre espaço para algumas considerações sobre as formas em que é manifestada a cultura popular na escola e alguns de seus efeitos.

É bom, neste ponto, enfatizar a importância que tem a etapa da pesquisa bibliográfica para um projeto. No contexto dessa pesquisa, as referências bibliográficas foram utilizadas para contribuir na construção das categorias de análise e vieram a corroborar com a organização do trabalho de campo com os alunos e alunas, demandado pela intervenção.

De acordo com isto pudemos identificar o quanto é fundamental a discussão conceitual acerca dos fatores-chave que devem sustentar esta proposta de trabalho, desde o painel inicial da sua elaboração até a orientação das práticas, dúvidas e acertos que surgiram e exigiram apontar os rumos da experiência.

Uma das características mais marcantes para o pesquisador é a curiosidade despertada pelo tema de sua eleição de trabalho. As inquietações decorrentes do seu envolvimento pelo seu objeto de estudo apresentam uma diversidade de configurações disponíveis e possíveis; um amplo mosaico de ensejos, aparentemente, ao alcance das suas mãos.

Fundamentar-se, nessa perspectiva, pode também representar um risco para a construção do alicerce da sua pesquisa. Fazem-se pois, necessárias idas e vindas para “garimpar” os materiais mais adequados ao que pretende e que darão suporte ao edifício decorrente do seu esforço de trabalho. Este esforço que aqui se permite agora apresentar, é derivado desse mesmo cuidado com muitos dos propósitos iniciais – não todos, claro –, com as escolhas dos percursos trilhados, e dos outros caminhos a abandonar.

## **2.1 Cultura popular e território em diferentes cenários disciplinares: os cidadãos têm múltiplos conceitos para defini-los**

Quando falamos em cultura popular, estamos nos referindo a uma miríade de fragmentos sobre uma particularidade da “cultura”, alguns mais consagrados que os outros, em um oceano de definições ainda não muito bem firmadas.

Cultura popular, que nas palavras de Arantes

[...] está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da cultura (ARANTES, 2006, p. 7)

Nesse contexto vislumbra-se a cultura popular assumindo múltiplos significados: desde a sua concepção como fortaleza inexpugnável de tradições tecnológicas e artísticas, até o seu entendimento como folclore ou, uma concepção de cultura como colcha de retalhos (Arantes, 2006, p. 40). Associada à ideia de tecnologia, a cultura popular remete ainda à importância das técnicas e ao seu desenvolvimento.

No entanto, para compreender a cultura popular, tal como a estamos pondo aqui, neste escrito, convém que nos valhamos de uma perspectiva que leve em consideração aspectos das esferas da vida social, dos quais a cultura popular é tributária, com seus códigos e convenções simbólicas (Arantes, 2006, p. 34).

Para Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória, o conceito de cultura, definido em seu sentido antropológico amplo

[...] denota todo o modo de vida de uma sociedade, incluindo-se aí, tanto a produção e reprodução das idéias (significados e valores), como a produção e reprodução dos objetos materiais (LASTÓRIA, 1994, p. 12)

Para N. G. Canclini,

Com a cultura, o objeto tradicional da Antropologia, acontece o mesmo que com os objetos das comunidades que esta ciência estuda: ao passarem de um lado ao outro da montanha, os elementos mais cotidianos, a água ou o sol, mudam de nome. Também os fatos culturais, presentes em todas as sociedades, trocam de nome, ao sabor da disciplina que estamos visitando (CANCLINI, 1983, p. 17)

Entendemos que a expressão “cultura popular” esteve sempre fortemente sujeita a tantas generalizações quanto às tentativas de definição por parte de disciplinas como a Antropologia, a Sociologia e a Etnologia. Consideramos que isto não pode vir a ser facilmente compreendido.

Fenômeno complexo e polissêmico, a ideia de cultura popular vai desde um intrínseco e simples entendimento pessoal até ao que ruma de encontro a uma noção de tradição preservada numa dada comunidade, num dado território, e para ainda mais além: a uma leitura do aprofundamento das desigualdades e da segregação socioespacial.

Seja como for, uma tendência muito particular na compreensão de cultura popular é sua forte indução à ideia de passado estando, no entanto, sujeita a múltiplas transformações no contexto da história. E nessa perspectiva, pode ser examinada também a partir de um enfoque materialista-histórico.

Por isso, Canclini (1983, p. 18) nos diz “Mais do que um quadro teórico adequado para a análise da cultura, interessa-nos um quadro que nos ajude na explicação das desigualdades e dos conflitos entre os sistemas culturais”

A cultura popular e seus símbolos, tal como os compreendemos e os colocamos neste trabalho, apenas para as nossas finalidades, tem seu entendimento como quer Arantes (2006, p. 35) “produtos de homens reais, que

articulam, em situações particulares, pontos de vista a respeito de problemas colocados pela estrutura de sua sociedade”.

E não há cultura popular, nesse contexto, que não esteja inserida no território, uma vez que não há sociedade sem história nem em alheio ao território. Segundo Rogério Haesbaert (2009, p.11) “Cada episteme, cada leitura de mundo, refere-se não apenas ao contexto histórico em que é produzida, mas também ao "ambiente" geográfico em que é gestada”.

São tradições, normas, manifestações de convívio e de representação consuetudinária como afirmações de pertencimento e identidade comunitária – esta última fortalecida pela história dessa comunidade e pela sua relação com as outras – como o quer Haesbaert (200, p. 11) – no “ambiente” geográfico.

Seria o território esse “ambiente” do qual nos fala o autor? Para que sigamos adiante em nossas reflexões, admitiremos que sim, vez que o escopo desse trabalho não é refletir teoricamente sobre muitas das diferentes vertentes conceituais ou concepções de território no atual estado da Geografia, mas buscar criar um panorama modesto que, no entanto, se preste a sustentar alguns pressupostos dessa investigação e de suas regras de operação.

Curiosamente, me parece, em se tratando de cultura popular, como no que diz respeito ao território, tudo corrobora com uma ampliação do caráter polissêmico dos conceitos em questão.

Quando tentamos, portanto, aprofundar o entendimento do que é território encontramos-nos – sem querer insistir no trocadilho –, num território complexo: para adentrar a sua seara parece ser preciso optar por uma visão ligada a uma dada disciplina. Não existe também consenso – assim como no de cultura popular –, em torno desse conceito e, portanto, cada disciplina ou pessoa o formula e o utiliza como convém. Para Haesbaert,

Território, em toda a sua polissemia (...) aparece hoje como um desses conceitos que, às vezes muito amplos, às vezes mais estritos, abarcam processos sócio-espaciais que, dependendo da "escola", podem ser apreendidos sob outras nomenclaturas (HAESBAERT, 2009, p. 11)

Embora sujeito à toda polissemia e amplitude convém destacar que, assim como no que diz respeito ao conceito de cultura, podemos encontrar um

foco – o foco central – e aportá-lo para que venha a possibilitar o entendimento das relações acerca das quais se deseja investigar, falar, descrever e explicar, conquanto se deva entender que o foco não representa em si uma restrição à análise daqueles que investigam, mas um modo de dizer sobre o seu objeto

Mesmo sem limites claros e com múltiplas áreas de interseção, o conceito não pode perder seu foco – assim, território é um conceito cujo foco central está colocado nas relações de poder, seja na visão mais estrita e tradicional do poder centrado na figura do Estado ou de uma classe sócio-econômica, seja na visão mais ampla, foucaultiana, do poder num sentido relacional, inerente a toda relação social. Um poder, igualmente, cuja análise não se restringe a seus efeitos materiais, mas também a sua dimensão simbólica (como no "poder simbólico" tão evocado por Pierre Bourdieu, e que implica a leitura do cultural, sempre, como "cultura política" (HAESBAERT, 2006, p.12)

É apenas, como nos diz Fernanda Cristina de Paula (2011, p. 107), com o surgimento e difusão do horizonte humanista-cultural em Geografia que serão incluídas matrizes socioculturais na compreensão de dinâmicas espaciais. Torna-se possível então adotar uma posição onde o simbólico possa de fato ser incorporado, como nos traz de Paula

Tem havido recentemente no Brasil um aumento de estudos sobre territórios que surgem e se desenvolvem em função de dinâmicas socioespaciais que se manifestam na vida cotidiana. Estes estudos abordam, sobretudo, territórios cujos agentes e poderes não são necessariamente institucionalizados, fundados pela interação diária das pessoas e o espaço. Ou seja, são estudos sobre territórios que surgem em função da dimensão vivida do espaço. Dentre as principais perspectivas sobre território apresentadas por Rogério Haesbaert, aqueles que surgem a partir da dimensão vivida corresponderiam à perspectiva que “[...] prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (de PAULA, 2011, p.108).

Esse é um dado que nos parece deveras importante para justificar inclusive a conjuntura da “localização epistêmica dos conceitos” Haesbaert (2009, p.11), e é o que vai colaborar para ensejar a nossa investigação

Todo conceito não apenas é historicamente situado, no sentido da história social em que é produzido, como, ele próprio, tem sua história (enquanto história das idéias), e é preciso respeitá-la. Conceitos não são completamente reinventados o tempo todo, eles carregam um longo percurso, quase como se pudessem amadurecer ao longo do tempo (alguns, é verdade, assim, também fenecem). Com o território ocorre a mesma coisa. Como bem destaca Hissa, ele "jamais poderá ser monopolizado por um campo disciplinar" – pelo simples fato de que, já no seu nascimento, ele brota em diferentes áreas, da Ciência Política (com a figura do Estado territorial – que são todos os Estados) à Biologia (especialmente na Etologia, ao trabalhar com o comportamento territorial dos animais). (HAESBAERT, 2006, p.12)

Sobremaneira, nos interessa muito quando este autor vai adiante e adentra a questão dos simbolismos, dos valores culturais que impregnam as discussões sobre os territórios, e o vemos sugerindo-os como formas de apropriação espacial.

Dessa maneira, permitimo-nos aportar a cultura popular nessa investigação também como uma representação imaterial, mas, com efeito, no território vivido. Presta-se a ser um elemento a mais de negação da aparente inércia do território, de sua passividade e, ainda, de sua finalidade, aquela que mais facilmente compreendemos: sua ligação apenas a um plano político-econômico engendrado pelas relações de poder entre os homens

(...) um dos principais dilemas que percorre o debate sobre o território e a territorialidade humana: seria o território uma entidade eminentemente vinculada a processos de dominação político-econômica ou estaria também impregnado de simbolismos, de valores culturais capazes de sugerir outras formas de apropriação do espaço (...)? (HAESBART, 2006, p.10)

Maria Adélia Aparecida de Souza (2003, p. 17) diz ser essa uma dificuldade conceitual quando destaca que há dificuldade de compreensão “mesmo entre os geógrafos, que insistem em adotar o espaço geográfico<sup>1</sup> como palco das ações humanas e não como *imanência* dessas mesmas ações”.

---

<sup>1</sup> Espaço geográfico está aqui posto como propôs Milton Santos, referenciado em François Perroux: colocado como sinônimo de território usado ou espaço banal.

Enxergamos, como ela diz, essa imanência e, desse modo, uma coexistência plausível entre a cultura popular e o território. Acreditamos que isso possa ser uma chave para compreendermos traços que a conectam ao exercício da cidadania, um revelador das desigualdades e, sobretudo, um contributo inestimável à educação integral para que se possam colocar os jovens em situação, em postura de criticidade e protagonismo.

## **2.2 Cultura popular, território e cidadania: convergências miltonianas**

Passaremos, agora, a explorar um pouco da visão miltoniana de cultura, cidadania e território. Fazemo-lo porque buscamos aqui uma síntese – ainda que primária – entre cultura, cultura popular, cidadania e território que possa dar conta de oferecer contexto plausível aos nossos pressupostos nesta investigação, e porque ajuda, alhures, a compreender a sua importância no quadro da educação integral.

Entendemos que o professor Milton Santos, melhor do que ninguém, defende a inseparabilidade entre os termos *cidadania*, *cultura* e *território*.

E porque para o professor Milton Santos (1999, p.18) “o território não é uma categoria de análise, a categoria de análise é o território usado”, assim como está explicado a seguir

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (...). O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico (...) sem o qual não se pode falar de territorialidade. Esta não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos (SANTOS, 2007, p.81)

Para o professor Milton Santos (p.13), o território é o lugar em que “desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as

forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”.

Desse modo, podemos admitir que a cultura popular e suas manifestações, tendo o seu entendimento integrado ao de território usado e vivido, estão em relação direta – mas nem sempre em sintonia – com os significados e valores que a ela se atribuem na sociedade.

Tais significados e valores podem ou não ser mantidos – ainda que o sejam os objetos, as características plásticas exteriores, como dissemos antes, por meio da fala de Antonio Arantes, na introdução desse trabalho –, porém vem a ser modificados na medida que os interesses sociais sejam cada vez mais deslocados para os interesses da dinâmica subjacente aos fenômenos atuais.

N. G. Canclini (1983, p. 13), a esse respeito, nos diz

Com a finalidade de integrar as classes populares ao desenvolvimento capitalista, as classes dominantes desestruturam – mediante processos distintos, mas que são subordinados a uma lógica comum – as culturas étnicas, nacionais e de classe, reorganizando-as num sistema unificado de produção simbólica. É com esse intuito que separam a base econômica das representações culturais, rompem a unidade entre produção, circulação e consumo, bem como entre os indivíduos e a sua comunidade. Enquanto que, num segundo momento, recompõem os pedaços, subordinando-os a uma organização transnacional da cultura que é correlata à multinacionalização do capital (CANCLINI, 1983, p. 13)

Canclini defende, portanto, um enfoque materialista-histórico para fornecer-nos a demonstração de uma das compreensões acerca dos fenômenos culturais. Segundo Lastória, “o autor (Canclini) procura demonstrar como o sistema capitalista apropria-se das manifestações culturais populares reestruturando seu significado e função”.

A cultura popular, seus saberes, suas manifestações, seus modos próprios de fazer, estão cada vez mais sujeitos a uma hierarquização no contexto da sociedade brasileira e vem, paulatinamente, perdendo o seu lugar para a indústria cultural transnacional; esta última objeto de maiores investimentos por parte das corporações, instituições, do Estado.



Embora haja políticas públicas que apontem para um esforço no sentido da valorização e da democratização da cultura popular, elas ainda estão muito aquém de proporcionar um posto privilegiado, merecido, e visível neste cenário.

O professor Milton Santos tece também, ainda, uma importante percepção do papel das mídias e seu esforço para garantir a alienação do cidadão para torná-lo, sempre mais, consumidor.

O consumo de massa esboçado valeu-se da mídia, em crescimento vertical, para impor gostos e preços. Esse trabalho de sedução foi facilitado pela própria atração que as novas mídias impuseram sobre o público. Criadores de moda, difusores do crédito, o papel dos meios de difusão deve ser realçado como o do colaborador privilegiado das artimanhas da produção de massas estilo brasileiro, uma produção de massas contente de si mesma e necessitada apenas de um mercado voluntariamente restringido. Isso garante o não-esgotamento da revolução das esperanças - isto é, das grandes esperanças de consumir -, e ajuda a colocar, como meta, não propriamente o indivíduo tornado cidadão, mas o indivíduo tornado consumidor (SANTOS, 2007, p.27)

Tal percepção, entendemos, abrange claramente as relações entre cultura popular e cultura de massas, incorporando, a nem sempre tão clara assim, discussão acerca de uma “inferioridade” da segunda em relação à primeira.

Não pretendemos aqui aprofundar este debate, e bem menos ainda esgotá-lo, mas apenas para trazer uma outra visão é importante dizer que para alguns autores como Teixeira Coelho

(...) parece inevitável, também, que se estabeleça um confronto entre a cultura de massa e a cultura popular – propondo-se entre ambas um relacionamento de subordinação e exclusão quando, na verdade, deveriam ser entendidas em termos de complementação. É que muitos não conseguem entender que a cultura popular é uma das fontes de uma cultura nacional, mas não a fonte, não havendo razão para usá-la como escudo num combate contra a cultura de massa, dita também cultura pop (...) Para esses, a cultura popular (a soma dos valores tradicionais de um povo, expressos em forma artística, como danças e objetos, ou nas credences e costumes gerais) abrange todas as verdades e valores positivos, particularmente porque produzida por aqueles mesmos que a consomem, ao contrário do que acontece com a pop. Este

traço da produção da cultura pelo próprio grupo (caracterizando o valor do uso da cultura) é positivo – mas insuficiente para justificar a defesa da popular contra a pop. Há um outro componente fundamental para a existência de uma forma cultural adequada: o traço de recusa, da contestação às normas e valores estabelecidos. E se esse traço inexistente na maior parte da produção pop, ele está igualmente ausente da cultura popular, marcada pela tendência para o não questionamento. De fato, a cultura popular embora possa ser útil em seu papel de fixação e auto-reconhecimento do indivíduo dentro do grupo, não questiona sequer a si mesma, seus próprios processos e arranjos formais – necessitando por isso, para manter-se dinâmica da complementação de fontes como a própria cultura pop. (COELHO, 2013, p.20)

Consideramos que essa visão traz em si – mesmo que incorporando o confronto da cultura popular e da cultura de massa, que entendemos como importante se não para este momento dessa investigação, mas para compreender o contexto de juízo de valor no que diz respeito à cultura e suas vertentes – uma compreensão que não inclui a cultura popular e na sua vertente de implicações para a cidadania.

Movimentos sociais que integram a cultura popular e suas manifestações no exercício de suas ações políticas, por exemplo, têm negado fundamentalmente o que diz esse autor acerca da cultura popular ser marcada pela tendência para o não questionamento.

Isto não é uma tendência, mas sim um dos efeitos daninhos de uma alienação promovida por uma minoria em relação a uma maioria da população brasileira, como nos explica devidamente o professor Milton Santos, para quem o indivíduo, meta da mídia a serviço do(s) poder(es), não é o cidadão, mas o cidadão tornado consumidor

Os efeitos daninhos dessa metamorfose ainda se farão sentir por muito tempo, e agora funcionam como um fator limitativo na elaboração de um projeto nacional mais conseqüente (sic), já que os projetos pessoais afloram e se exprimem com um vasto componente de alienação. É assim para a maioria da população, desprovida de meios para uma análise crítica de sua própria condição (SANTOS, 2007, p.28)

Sentimos, portanto, na fala de Teixeira Coelho, insistimos, uma ausência de abordagem que estabeleça nexos mais coerentes entre cultura popular e

território, entre territorialidade(s), cultura e cidadania e, sobretudo, a poética das pessoas.

Mas, e por isso mesmo, convidamos o leitor a retornar ao ponto em que iniciamos essa digressão. Milton Santos evoca a cidade para mostrar onde e como a cultura popular, aquela dos projetos das pessoas, vem perdendo o espaço da sua liberdade e da sua poética

Na cidade, sobretudo na grande, os cimentos se dissolvem e mínguam as solidariedades ancestrais. Ali onde o dinheiro se torna a medida de tudo, a economização da vida social impõe uma competitividade e um selvagismo crescentes. As causas dos males aparecem como se fossem a sua solução, círculo vicioso que escancara as portas das favelas para a cultura de massas, com o seu cortejo de despersonalização, e a substituição dos projetos pessoais saídos da cultura, isto é, de dentro do indivíduo, por outros projetos elaborados de fora deste mesmo indivíduo, projetos decididos a conquistar todo mundo pela força da propaganda. Assim, a cultura popular, cultura "selvagem" e irracional, é substituída, lenta ou rapidamente, pela cultura de massas; o espaço "selvagem" cede lugar a um espaço que enquadra e limita as expressões populares, e o que deveria surgir como sociedade de massas apenas se dá como sociedade alienada (SANTOS, 2007, p.29)

Nos últimos anos, acompanhando a dispersão das recentes tecnologias e uma destinação dos recursos mais das vezes direcionada à valorização de projetos da indústria cultural transnacional – estes, de maior visibilidade nos grandes centros urbanos –, a cultura popular e suas manifestações mais legítimas têm encontrado dificuldades sempre maiores em engatar seus projetos, e em preservar suas tradições

A urbanização fundada no consumo é, também, a matriz de um combate entre a cultura popular que desertava as classes médias para ir se abrigar nos bairros pobres, cultura popular hoje defendida pelos pobres, cuja pobreza impede, afinal, sua completa imersão nessas novas formas de vida, fundadas pelo mesmo consumo que levou os pobres à cidade ou nesta fez pobres os que ainda não o eram (SANTOS, 2007, p.29)

É certo: há ainda relativa, talvez grande, ocorrência de cultura popular nas periferias das grandes cidades.

Mas são também os lugarejos, os povoados, as vilas, os distritos, enfim, os lugares onde ainda se produzem os artefatos, o conjunto de atividades materiais e simbólicas: o cancionero, as histórias da vida no lugar, os artesanatos e é, também, onde, em contrapartida, a cultura popular anima e dá vida a estes mesmos lugares.

Numa fala do professor Milton Santos (2009, p.63-64), registrada em uma entrevista que trata de território e sociedade, ele nos presenteia esclarecida e permanentemente com a sua visão inequívoca, consideramos, sobre isto

É que no local tem-se a obediência e a revolta. Há sempre as duas coisas. Evidente que há a cultura de massa, que está presente em toda parte, mas existe também a cultura popular que renasce a cada momento, porque há uma produção de pobreza permanente. A cada vez a pobreza fica maior, e mais numerosos os objetos e os desejos (...) O lugar geográfico é também o lugar filosófico da descoberta, porque nele se batem forças contraditórias. Há de um lado, os que buscam o lucro a todo custo e se apropriam dos pontos mais vantajosos e há todos os demais, mais ou menos afetados por uma situação que desejam modificar para melhor. (SEABRA; CARVALHO; LEITE, 2009, p. 63-64)

Compreendemos, portanto, a cultura popular e assim também a educação pela arte como remanescentes focos de resistência em nossa atual conjuntura socioeconômica e política. Mas nesse cenário cada lugar, em suas especificidades culturais, tem sido mais do que nunca diretamente afetado pelo global hegemônico.

Segundo Lastória (1983, p.12) [...] Canclini aponta a mercantilização da cultura como o elemento central de uma estratégia metodológica que visa contribuir para uma redefinição do que se entende hoje por “cultura popular”. Isto vai sendo, pessimamente e aos poucos, incorporado interna e externamente na forma como o lugar se enxerga e como é visto culturalmente.

Se para Tuan (1980, p.114), “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”, ainda assim o lugar, com seus indivíduos, vem cada vez mais desatrelando dessa consciência e introjetando novas formas de pensar conteúdos, objetos, usos e comportamentos culturais à venda pelo

mundo global, levando-o muitas vezes, a não reconhecer-se como produtor, curador e difusor da sua própria cultura.

A força da alienação, afirma-nos Milton Santos (2007, p.30) vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.

Tudo isto parece-nos por demais aderir à realidade local na forma de uma acobertada, real e pragmática exclusão: exclusão do passado, das tradições da cultura popular no seio das comunidades, de suas narrativas, assim como também do acesso a uma desejada igualdade de condições para as pessoas realizarem-se plenamente como seres humanos por meio de suas práticas e plenas em seus costumes.

Deste modo, não se deve menosprezar a importância, face as contradições, de reconhecer os processos globalizatórios, por um lado como incentivadores da perda de significados ligados aos valores locais: inclusive da afetividade atribuída ao lugar e aos valores materiais e imateriais que este consigo carrega; e por outro lado, como possibilidade de resistência ao consumo e até mesmo ao modo de pensar consumista, este último fortemente incentivado e propalado como via única para tornar-se *pessoa* na sociedade capitalista pós-moderna.

Como pano de fundo do que estamos a tratar aqui, é bom que se diga: pós-moderno designa aquele estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes do século XIX (Lyotard, 2009, Introdução, p.XV).

Para Helena Copetti Callai

Cada lugar tem uma força, tem uma energia, que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Esta não vem de fora, nem é dada pela natureza. É o resultado de uma construção social, na vivência diária dos homens que habitam no lugar, do grau de consciência das pessoas como sujeitos de um mundo em que vivem, e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. É o resultado do somatório dos tempos curtos e de tempos longos que deixam marcas no espaço. (CALLAI, 2008, p. 121-122)

Neste contexto, há o lugar como político e os homens e mulheres que nele vivem, aprendem, ensinam, e produzem e se reproduzem, tornando-o um

espaço real – para, além do ponto de vista geográfico, do ponto de vista mesmo da vida visível e vivida.

Ser ator neste contexto, como o quer Betinho de Souza (1984, p.12), é ser um ator social quando ele representa algo para a sociedade, quando encarna uma ideia, uma reivindicação, um projeto. Pode e deve cada pessoa assumir então uma perspectiva autoral e reivindicatória sempre mais e mais voltada para seu o próprio desenvolvimento e do grupo social em que está inserido, e a pessoa política é uma construção social (HARVEY, 2006, p.309).

Seguindo a proposta de Bachelard (1993, p.20) quando afirma que as lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas, entendemos que nunca será inteiramente possível o absoluto abandono da sua própria identidade, de seus elementos, seus valores comuns, nem mesmo abrindo mão do seu passado.

Se possível fosse, isso poderia representar, em alguns casos, uma aparente conquista de alguns, e se daria pela via da completa desconfiguração dos valores e das práticas comuns de outros que se encontram representadas no território pela cultura popular. Ainda assim, permanecem as lembranças como inconsciente dos lugares.

Daí a importância de se garantir espaços onde se deem as representações da própria identidade, como a cultura popular. Garantir evitar, como o queria Milton Santos (2007, p. 29) “a substituição dos projetos pessoais saídos da cultura, isto é, de dentro do indivíduo, por outros”.

Isto não implica, necessária e obviamente, numa forçosa, “purificadora” e ilusória perda de contato com o global – ao contrário, é necessário, como já se disse antes, usá-lo como alavanca educacional e civilizatória (vista aqui no sentido do uso da força das suas próprias contradições). Usá-lo dentro de um ao menos, e inicialmente, utópico, poético que seja, contexto de equidade que pode ser vislumbrado por uma comunidade a partir da prospecção e dos meios de manutenção da sua própria história, costumes e tradições.

Para Maria da Conceição Tavares, referindo-se ao otimismo do professor Milton Santos

A tirania do Dinheiro e da Informação, produzida pela concentração do capital e do poder, tem hoje uma unidade

técnica e uma convergência de normas sem precedentes na história do capitalismo. O seu caráter globalmente destrutivo acaba porém sendo contraditório, levando à resistência parcelas crescentes da humanidade a partir de seus distintos “lugares”. O velho otimismo do grande geógrafo brasileiro reaparece em relação às cidades, como espaço de liberdade para a *cultura popular* em oposição à cultura midiática de massas, como espaço de solidariedade na luta dos “de baixo” contra a escassez produzida pelos “de cima” (TAVARES, 2001, p.2)

Mas também é preciso, como na visão de Lastória (1994)

Contribuir para a formação do senso crítico e resgate dos valores inerentes à cidadania junto aos indivíduos e grupos destas camadas (*as populares*), oportunizando-lhes o acesso a diversificados padrões éticos e estéticos veiculados por uma multiplicidade heterogênea de eventos artístico-culturais. (LASTÓRIA, 1994, p.49)

Queremos argumentar, doravante, que olhando para a escola como o locus onde ainda se pode pensar e *enxergar* criticamente – apesar da atual conjuntura sociopolítica –, a cultura popular e suas representações devem para a escola ser levadas e encontrar espaço receptivo, aberto, para que dêem-se a (re)conhecer em um dos seus lugares de reconhecimento.

Que firmem-se aí, em toda a sua devida importância, enquanto agentes emancipatórios na luta, na força e na representatividade dos seus saberes, na sua não subalternidade a uma cultura dominante, na sua possibilidade como educação integral na construção de sujeitos autônomos, protagonistas na sua contribuição para a afirmação dos direitos humanos na sociedade.

### **2.3 Cultura popular e escola: algumas divergências**

Um contraponto que consideramos importante e com o qual iniciamos esta subsecção é o fato de que, se por uma lado reconhecemos quão interessante a cultura popular pode ser para contribuir na formação crítica na escola, por outro lado há exames, mais ou menos severos, com argumentos mais ou menos plausíveis que apontam para uma compreensão distorcida dessa sua relevância.

Vamos, a partir desse ponto, trazer alguns argumentos que podem ser vistos como uma breve apreciação do uso que se faz, atualmente, na escola, da cultura popular.

Para adentrar este terreno, um tanto “pantanosos” e “escorregadios”, é bom que se fale antecipadamente de folclore. Por que? Porque a razão dessa discussão advém, em boa parte, de uma noção de folclore. Porque na raiz dos equívocos do uso da cultura popular na escola, está a sua associação com as práticas do folclore.

E aqui é preciso usar de uma distinção básica entre folclore e folclorização. E há de nos perguntar o leitor: “Acaso o folclore não é cultura popular”? A resposta é, sem dúvida, sim! Mas a *folclorização*, que vem a ser o uso das manifestações folclóricas esvaziadas de seus significados e do contexto em que foram produzidas, não é *folclore* e serve apenas para esvaziar os atributos da vida viva, da vida vivida a elas associadas.

O folclore é cultura popular. Mas, o é, quando no contexto da cultura popular. O é quando contextualiza os significados que a ela são atribuídos, como nos explica a antropóloga Maria Laura Cavalcanti

Uma peça de cerâmica é mais do que o material de que é feita, e a técnica com que é trabalhada. Uma festa é mais que a sua data, suas danças, seus trajes e suas comidas típicas. Elas são o veículo de uma visão de mundo, de um conjunto particular e dinâmico de relações humanas e sociais (CAVALCANTI, 2008, p.24)

O problema sobre o qual estamos a nos referir é aquele que trata do uso, ou dos usos melhor dizendo, do folclore e das manifestações da cultura popular sem a devida atenção nas escolas, onde nem sempre são tratados como uma “visão de mundo” a ser respeitada. Isso esvazia os seus significados, apresentando-os apenas como um enfeite, com função alegórica, sob a aparência de uma pretensa ação educativa.

Por muitas vezes professores e professoras, alunos e alunas, são envolvidos nos processos de organização de datas festivas na escola, ou mesmo no dia-a-dia em suas abordagens por meio das componentes curriculares, mas a real importância, aquilo que dá sentido por trás do visível,



não é trabalhado, não é explicado. E as atividades relativas à cultura popular tornam-se, nesse contexto, também esvaziadas de sentido.

Obviamente, isso não agrava a todas as escolas nem a todos os seus profissionais, como no faz ver Carlos Martins

Algumas escolas, seja através de projetos pedagógicos mais progressistas, seja mesmo mediante ações isoladas de alguns educadores, estão travando uma verdadeira batalha no sentido de utilizar elementos de cultura urbana no processo de ensino e aprendizagem e, com isso, romper com o senso comum presente na prática escolar, que quase sempre associa cultura popular a folclore. Podemos citar, por exemplo, a capoeira que, de modo geral, está atrelada às aulas de Educação Física. Ao restringi-la apenas às práticas corporais, perdemos a possibilidade de ampliação do seu campo de ação, uma vez que deixamos de discutir com os alunos a respeito dos diversos aspectos culturais e sócio-históricos que compõem a capoeira e a tornam uma das maiores expressões da cultura popular, que vem sofrendo diversas transformações, que se urbaniza e, ao mesmo tempo em que é apresentada como espetáculo (MARTINS, 2008, p.58)

Esse senso comum de que nos fala Martins, está de tal forma arraigado em boa parte das escolas que seus alunos e alunas aprendem a ver a cultura popular como algo sem importância, e sem conexão com as suas vidas, com as suas histórias pessoais.

Não por poucas vezes escutamos em reuniões de professores, convocadas pela coordenação para organizar uma data comemorativa como o Dia do Folclore, falas que consideravam como importante a presença ao menos de uma “baiana de acarajé” com seu tabuleiro para compor a festa.

Ora! Sabe-se bem que as assim chamadas “bairanas de acarajé” não são folclore. São pessoas, em geral, ligadas a uma religião de matriz afro-brasileira, e sua prática tem expressão a um tempo cultural e religiosa que, portanto, de modo algum pode ser folclorizada. Mas associações como essa são frequentes por constituírem o senso comum sobre aquilo que se considera como boas práticas das manifestações da cultura popular na escola.

Mas aí estão presentes também aqueles jogos mais gerais da sociedade de desqualificação e até de proibições de uma cultura pela outra, muitas vezes disfarçados sob uma máscara de inocência. Há aí nesse “jogo” culturas de excelência e culturas menores; há cultura e “incultura”, enfim.

Essas são ideias que necessitam de uma melhor avaliação pessoal e coletiva quando emitimos pareceres sobre o nosso entendimento nesse jogo de superioridade x inferioridade.

Devemos sempre perguntar-nos: haverá mesmo uma cultura superior? Ou: devemos apenas (re)aprender, pela cultura, sobretudo na escola, o respeito, a liberdade, e a valorização da pluralidade?

De que cultura estaremos falando? Sobre a cultura de massas, que se alimenta das coisas, ou da cultura profunda, cultura popular, que se nutre dos homens? A cultura de massas, denominada *cultura* por ser hegemônica, é adversária de consciência (SANTOS, 2007, p.84)

O jogo vai estar sempre posto; suas possibilidades de mudar também! Porque as coisas não são entendidas por todos de maneira igual e no mesmo momento. A cultura, o território, a cidadania, nada disso tem a sua distribuição de modo igual para os homens. Tudo é buscado e nem sempre encontrado numa relação *com* os outros homens.

Para R. Haveman (1967, p.174), citado pelo professor Milton: "Enquanto a sociedade se encontrar longe da meta da liberdade, o homem se encontrará em conflito entre a sua aspiração pessoal e os interesses da totalidade".

E é o próprio Milton Santos quem acrescenta:

Isso, no entanto, não implica em um impasse definitivo, mas, ao contrário, em uma esperança. Pois a meta da liberdade começa no espírito do homem e a condição de liberdade é a imersão do indivíduo renovado numa sociedade onde o homem é o sujeito e não o objeto. E fundamental, todavia, ultrapassar a reconstrução solidária do indivíduo e transformá-la em ação solidária. A individualidade somente se realiza no grupo (SANTOS, 2007, p.102)

Trago aqui também Paulo Freire, que será sempre uma mensagem de esperança para o que somos e para o que fazemos, deixando um pouco de sua criação e recriação de seres humanos melhores

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa

tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2006, p.54)

E o que é importante, portanto, para esse fazimento?

É importante para este trabalho investigar como a escola e seus estudantes, são afetados pela produção cultural local.

Investigar de que maneira os alunos e alunas aprendem sobre si mesmos com esta produção. De que modo pesquisar a cultura popular, nos moldes aqui propostos, contribui para ampliar o debate entre ela e a indústria cultural.

E nesse exercício – nesse fazer participativo –, aprender a importância de valorizar não só a própria cultura, uma ecologia, o protagonismo, a iniciativa com solidariedade e sustentabilidade, mas também a pesquisa como o quer (Goldenberg, 2004, p.68), como uma ocasião única para fazer alguns exercícios que servirão por toda a vida.

### **3. O AMBIENTE INOVAÇÃO, GESTÃO ESTUDANTIL TECNOCRIATIVA E CIDADÃ: O IGETEC**

O ambiente Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã – o IGETEC, é um ambiente de inovação de caráter socioeducativo, que visa criar espaços para o protagonismo juvenil na gestão de seus próprios projetos no âmbito da escola, ou para além dela. Nesse sentido a IGETEC é o motor desse trabalho, abrigando as três oficinas propostas como objetivos do projeto:

- A implantação das rádios temáticas no ambiente (e para além) das escolas;
- A promoção de rodas de conversa com os discentes, pessoas da comunidade, e convidados para discutir temas ligados à cultura popular e à cidadania;
- A criação de curadorias de cultura popular, para coletar, classificar e por em acervo “permanente” a produção cultural estudantil e do lugar.

Propõe-se o IGETEC como um território criativo escolar vivo. Um símile de pré-incubadora social diversa das outras em sua finalidade, que vise a

abertura de caminhos para não somente transformar as ideias do presente trabalho em produtos, processos e/ou serviços de base tecnológica inovadora e a criação e a replicação das atividades em outras escolas e (ou) comunidades.

Mas que venha a ser, sobretudo, incubadora de protagonismos, inovadora de gente que possa gerir sua imaginação com vistas a transformação pessoal e social; podendo vir a encetar outros tantos iguais ou semelhantes, com variantes e objetivos adequados a diferentes ambientes escolares tanto quanto a suas diferentes necessidades.

Entendemos, portanto, o IGETEC, no contexto desse projeto, como um incentivo à educação cidadã e ao desenvolvimento de talentos na comunidade possibilitados por meio da autogestão. Consideramos que ele tem potencial como núcleo de aprendizagem da gestão estudantil fazendo uso da criatividade, da tecnologia, da inovação e da arte para a transformação da realidade, sendo consentâneo, portanto, ao projeto, a cidadania e à educação.

É por meio do IGETEC, das discussões em grupos de participantes, de tarefas refletidas, de pautas planejadas e executadas sob sua centralidade, que compreendemos tornarem-se possíveis os efeitos conscientizador e de mobilização catalisando a ação coletiva com finalidades educacionais, demanda basilar dessa pesquisa.

Por esta razão, o IGETEC, passou a abrigar as três dimensões “palpáveis”, objetivos do projeto – as rádios Nadir Rádio e Estação Buena, as Rodas de Conversa Papo Franco, e as Curadorias Estudantis e Digitais de Arte Popular Matense e do Vale do Capão –, antes ações isoladas no corpo do projeto.

Denominaremos de Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã – para fins da pesquisa – a possibilidade de organizar e empreendendo aprender, por meio da cultura local, da tecnologia e da criatividade, um modo de organização e trabalho consoante à ecologia vindo a ser, também, aquilo que predomina na concepção primeira do IGETEC. E qual o papel primeiro do IGETEC? É dar suporte educacional, tecnológico, orgânico e estrutural ao trabalho criativo e coletivo de alunos e alunas, num ambiente escolar baseado na promoção, impulso e apoio à criatividade, à autogestão, e à solidariedade.

Tal trabalho é inicialmente realizado oferecendo a cada um dos alunos e alunas da escola pública em foco a possibilidade de ser inserido ou inserida no

ambiente de inovação a partir da escolha de um, ou dos três subambientes dos quais pretendam fazer parte, sejam: rádio, rodas de conversa ou curadorias digitais. No caso dessa pesquisa piloto fizemos a oferta por meio de apresentações e, posteriormente, de formulários indicados para preenchimento e explanação de motivos para participar.

Entendemos que a grande ocorrência inicial pelo IGETEC, por parte dos estudantes, pode indicar um desejo de participar de algo onde sua presença, sua autonomia, seu protagonismo, tenham importância significativa e fala da necessidade de atividades educativas que extrapolem o âmbito da sala de aula, e mesmo as próprias aulas no formato tradicional.

Podemos, a partir daí, perceber que o IGETEC é proposto e aceito como um território criativo escolar, entendido na, e para além da escola, e que poderá vir a encetar outros tantos iguais ou semelhantes, com variantes e objetivos adequados a diferentes ambientes escolares tanto quanto a suas diferentes necessidades.

E já que falamos nisso, considerando o quão importante é que o seu estímulo encontre-se presente nas práticas pedagógicas e na gestão escolar, desejamos, a partir deste ponto, dedicar algumas linhas para o esclarecimento do ambiente IGETEC e, depois, deste que (Müller & Ujjie, 2014, p. 2) deve ser promovido e fortalecido, enquanto prática pedagógica, democrática e instrumentalizadora da formação política e cidadã no cotidiano escolar: o protagonismo juvenil.

### **3.1 O IGETEC no contexto das pré-incubadoras, incubadoras, ambientes de inovação e da pesquisa**

As incubadoras são geralmente entendidas como programas de desenvolvimento do empreendedorismo. Podem atuar em diversos campos tal qual o campo empresarial (incubadoras tecnológicas), educacional, ou social – como as incubadoras tecnológicas sociais, de economia solidária, por exemplo. Estas últimas prestam-se a apoiar projetos para que deem impulso em seu processo de desenvolvimento local, geralmente, em micro-territórios (bairro popular, pequena comunidade ou povoado) empobrecidos.

O assessoramento no planejamento e na implantação, com a capacitação dos participantes – como forma de alavancar os seus projetos – criam importantes espaços para o desenvolvimento do protagonismo social. As capacitações se dão por meio de oficinas, palestras, consultorias e reuniões, onde os integrantes devem ter voz e participação direta em todo o processo decisório.

Há, para citar um exemplo, experiências exitosas com a criação e promoção de bancos comunitários de desenvolvimento em zonas carentes no Nordeste brasileiro. É importante frisar que nessas incubadoras a gestão participativa e o diálogo permanente com as comunidades são, não um pormenor, mas, mecanismos de destaque.

A esse contexto associa-se a ideia de pré-incubação que segundo Neto, Passos e Martins (2018, p.59), é a etapa de início da formação de uma empresa para a definição de um projeto<sup>2</sup>. Para os autores

A pré-incubação objetiva a abertura de caminhos que transformem as ideias do empreendimento em produtos, processos e/ ou serviços de base tecnológica inovadora e a criação e maturação desses empreendimentos (NETO, PASSOS & MARTINS (2018, p. 59)

Entendemos que, por não estarmos inseridos num contexto empresarial – nem estarmos falando de um empreendimento no campo da Economia, mas no educacional – o entendimento mesmo, essa compreensão, acerca de pré-incubação e incubação ainda encontra dificuldade de aderência a alguns pontos de nossa proposta, em uns tantos aspectos que consideramos importantes e que buscaremos descrever e explicar a seguir.

Para tanto, a partir deste ponto, estenderemos a discussão acerca disto apresentando construções alternativas que coadunem de modo mais amplo com o nosso trabalho.

Pensando nas incubadoras?! Naquelas mesmas que representam importantes mecanismos de desenvolvimento do protagonismo social – e que poderiam, grosso modo, apresentar melhores conexões com a educação? É provável que, aí, fossem sendo percebidas como menos voltadas aos

---

<sup>2</sup> MAPI – Manual de Processos Institucionais relacionados à Pesquisa, Inovação e Publicações do Instituto Federal Rio Grande do Norte - IFRN

empreendimentos de mercado – e encontraríamos aderências importantes como a articulação entre diferentes atores sociais que têm em comum seus interesses; neste caso, esta pesquisa.

No entanto, o risco de que suas formulações poderiam gerar pontos de vista inteiramente conflitantes na perspectiva educacional da qual trata esse trabalho, seria iminente. Neste aspecto, tal como o entendemos, convém pensar em uma proposta que, em sua funcionalidade, articule satisfatoriamente com um ambiente de outros significados, melhormente representados e mais implícitos, ligados à educação.

O que pretendemos argumentar é que o conceito e a ideia de incubação, embora fossem úteis a essa pesquisa em alguns aspectos, não atenderiam plenamente à natureza do trabalho; ainda que estivéssemos falando de incubadoras sociais – presumidamente – menos identificadas com as finalidades empresariais. É necessário aportar as características essenciais do IGETEC nessa pesquisa com elementos de estruturação, funcionamento e articulação na base da sua intencionalidade educativa, da existência de elementos mais flexíveis em sua finalidade, e do rito final daquilo que é compreendido aqui como protagonismo juvenil e atitude cidadã.

Nesse contexto, acreditamos que é necessário esclarecer as divergências e as convergências encontradas entre os elementos de organização dos mais diversos ambientes de inovação, em suas atuais tipologias, para que o IGETEC possa ser situado entre eles, na forma que seja mais adequada às suas finalidades.

Para tanto, traremos ao centro de um breve debate, ao menos, um conceito que contemple a inovação, pois isto representa o ponto de partida desta descrição e de sua consequente explicação.

Para Regina Tunes, geógrafa e professora da Geografia Humana

Inovação é entendida como a criação do novo e/ ou algo substancialmente melhorado que pode ser um produto novo, um processo de produção original, uma forma de organização da empresa inédita ou um marketing singular (TUNES, 2016, p. 2)

Desejamos argumentar que esse conceito de inovação não a demove do contexto empresarial ou econômico. Decerto que os desafios teóricos e metodológicos são grandes para que seja empreendida uma caminhada nessa direção. De modo geral, ainda é pequena a produção intelectual ou científica no Brasil sobre uma ideia de inovação que contemple mais generosamente o campo da educação.

Claro que essa abordagem, com tão poucas referências não tem a finalidade de imprimir certezas acerca do assunto, mas, faz-se importante dizer, dispõe de um certo pragmatismo, ainda que pequeno, para o entendimento de questões relacionadas à inovação como tema.

Outras vezes encontramos conceitos e definições, relativamente novos que, apesar de seus vieses ambientais e ecoambientais, apenas roçam a superfície de algo que possamos usar para a educação como, por exemplo, em Maçaneiro & Kindl da Cunha, quando propõem o quadro a seguir.

No quadro encontra-se uma síntese dos conceitos elaborados pelos principais autores da área de eco-inovação – termo utilizado, pela primeira vez, por Fusller e James em seu livro *Driving Eco-Innovation*, publicado em 1996.

**Quadro 1 – Conceitos de eco-inovação, 2010.**

Autores	Conceituação
James (1997)	A eco-inovação é considerada como novo produto ou processo que agrega valor ao negócio e ao cliente, diminuindo significativamente os impactos ambientais.
Rennings (1998), Kemp e Foxon (2007) e Arundel e Kemp (2009)	É a produção, aplicação ou exploração de um bem, serviço, processo de produção, estrutura organizacional ou de gestão ou método de negócio que é novo para a empresa ou usuário. Os resultados, durante o seu ciclo de vida, são para uma redução de riscos ambientais, poluição e os impactos negativos da utilização dos recursos, se comparado com as alternativas correspondentes.
Andersen (2008); Foxon e Andersen (2009)	É definida como inovação que é capaz de atrair rendas verdes no mercado, reduzindo os impactos ambientais líquidos, enquanto cria valor para as organizações.
Könnölä; Carrillo Herмосilla; Gonzalez (2008)	É um processo de mudança sistêmica tecnológica e/ou social que consiste na invenção de uma idéia e sua aplicação na prática da melhoria do desempenho ambiental.



Reid e Miedzinski (2008)	É a criação de novos e competitivos esforços de produtos, processos, sistemas, serviços e procedimentos concebidos para satisfazer as necessidades humanas e proporcionar melhor qualidade de vida para todos, com utilização mínima do ciclo de vida de recursos naturais e liberação mínima de substâncias tóxicas.
OECD (2009a)	Representa uma inovação que resulta em uma redução do impacto ambiental, não importa se esse efeito é intencional ou não. O âmbito da eco-inovação pode ir além dos limites convencionais das empresa em inovar e envolver um regime social mais amplo, que provoca alterações das normas sócio-culturais e estruturas institucionais.

Fonte: Maçaneiro & Sieglinde Kindl da Cunha (2010, p. 4.)

Conforme podemos observar no quadro há, mesmo no tocante ao ambiente e à eco-inovação, uma quase que constante preocupação (percebe-se na escolha das palavras) com as ideias de: *produto, valor agregado ao negócio, cliente, processo de produção, estrutura organizacional, valor para as organizações, empresas etc.*, querendo parecer que isso está associado as recentes transformações no mundo do trabalho, à intensificação dos fluxos internacionais de mercadorias, pessoas, informação e capitais e à metropolização do espaço. E para a educação?

No Brasil, a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores – Anprotec, por meio de sua publicação periódica Locus, Ambiente de Inovação, aponta que entre as 2.448 IES do País (dados do Censo da Educação Superior em 2017), pode-se afirmar que 15% consideram o papel da incubadora e da inovação como agentes que promovem o desenvolvimento da universidade empreendedora, com a realização de atividades de ensino, pesquisa e empreendedorismo simultaneamente.

Ainda na mesma publicação podemos ver que ambiente de inovação deve ser compreendido como algo que cinge as incubadoras, aceleradoras e parques tecnológicos. Mas aqui ainda são frágeis, e sem definição, os limites entre inovação, educação e empreendedorismo, pois esse entendimento é mais aplicável ao campo empresarial e mais ligado ao âmbito socioeconômico.

Na visão do professor português José Pacheco (2020) um dos pensadores da Escola da Ponte, em Portugal, referência mundial em Educação, “Inovação” é tudo aquilo que é novo, que possui valor e capacidade de se renovar/ reinventar no decorrer do tempo”.

E explica: “o termo “Inovação tem origem etimológica no latim *innovatio*. Refere-se a ideias, métodos ou objetos criados que não semelhantes a ideias, métodos ou objetos conotados com padrões anteriores”.

Em suma, para o professor José Pacheco

[...] Inovação é, efetivamente, algo novo que contribui para a melhoria de algo ou de alguém. E que pode ser replicado, por exemplo, a partir da criação de protótipos. Inovação será algo inédito, útil, sustentável e de provável replicação. No campo da educação, será um processo transformador que promova ruptura paradigmática, mesmo que parcial, com impacto positivo na qualidade das aprendizagens e no desenvolvimento harmónico (sic) do ser humano. Consiste em superar aquilo que se manifesta inadequado, obsoleto. Significa trazer à realidade educativa algo efetivamente novo, ao invés de não modificar o que seja considerado essencial. Pressupõe, não a mera adoção de novidades, inclusive as tecnológicas, mas mudança na forma de entender o conhecimento. As escolas se têm enfeitado de novas tecnologias, mas sem lograr intensificar a comunicação e a pesquisa (PACHECO, 2020)

E conclui: [...] “onde há sala de aula, não existe inovação” (Pacheco, 2020), apontando para o estado de crise e da necessária transformação nos modelos educacionais vigentes. Para este e para outros tantos autores, pedagogos e pensadores,

[...] as aulas e respectivas salas já deviam fazer parte do passado uma vez que foram pensadas para responderem às necessidades da primeira revolução industrial do século XIX. Muito mudou desde então, menos o sistema educacional, uma das áreas que menos sofreu evolução (PACHECO, 2020)

Naturalmente o sistema educacional é mais amplo do que apenas a sala de aula e mesmo que as aulas. Mas é aí, nesse *locus*, ou ao menos, visando-o, que se encontra grande parte dos desafios para se proceder as mudanças necessárias. Como agir frente a essas necessidades tão presentes em nosso tempo?

Tais reflexões parecem indicar fortemente que a inovação precisa chegar com mais força ao sistema educacional, funcionando como impulso para as mudanças na forma de compreender o conhecimento.

E essas mudanças na educação devem se dar no âmbito das pedagogias, como o quer Saviani (1985, p. 92) na especificidade da contribuição pedagógica para a sua – é necessário que se diga – importância política. Entretanto, as pedagogias devem estar *pari passu* com a inovação. Assim se poderá enfrentar e tentar sanar as novas necessidades e desafios que se apresentam.

Tais desafios encontram-se mesmo no caráter progressista da educação como política na prática, e não nos domínios específicos da política (e aqui nos arriscamos sob a égide da afirmação de Aristóteles de que “o homem é um animal político”). Vista dessa forma, tal hipótese nos levaria, numa tautologia infinita, a afirmar que tudo é político como tudo é educativo ou outra coisa qualquer (Saviani, 1985, p. 94). Não se trata disto. Mas, sim, de que entendemos que não é possível fazer inovação ou educação sem levar em conta a importância de sua dimensão política.

Então, o que podemos entender é que: ou não existe linha limítrofe entre inovação, pedagogias e política ou, é necessário, em última instância, entendê-las de forma não integrada, mas como inseparáveis; sob o mesmo prisma da autonomia, liberdade, responsabilidade, *entreaajuda*, noção de comunidade e criatividade, se se quiser construir uma educação que respeite os alunos e alunas como seres conscientes e autônomos Pacheco (2020).

Pode-se já depreender a partir deste ponto, pelo que já fora explicado antes, neste texto, que esta é uma proposição de inovação que bem se aplica ao IGETEC. O ambiente de inovação que o IGETEC pretende coaduna com as aspirações e com os elementos distintivos das reflexões que nos traz o professor José Pacheco.

Uma das articulações possíveis entre a fala do professor e a concepção de inovação que as operações do IGETEC sustentam é a fala de que aquela inovação “*pode ser replicada, por exemplo, a partir da criação de protótipos. Inovação será algo inédito, útil, sustentável e de provável replicação*”. Mas não só: “*Pressupõe, não a mera adoção de novidades, inclusive as tecnológicas, mas mudança na forma de entender o conhecimento*”. De acordo!

### 3.2 Algumas palavras sobre o protagonismo juvenil no contexto do IGETEC

Para Branca Sylvia Brener (2016, p. 1), a rigor, etimologicamente, a palavra protagonismo vem de “protos”, que em latim significa principal, o primeiro, e de “agonistes”, que quer dizer lutador, competidor. E afirma

Este termo, muito utilizado pelo teatro para definir o personagem principal de uma encenação, foi incorporado à Educação por Antonio Carlos Gomes da Costa, educador mineiro que vem desenvolvendo uma nova prática educativa com jovens (BRENER, 2016, p.1)

Há poucos autores e pensadores da educação no Brasil a tratar da questão do protagonismo juvenil relacionado à educação formal. Dentre estes o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa, pioneiro em nosso País.

Tomaremos como ponto de partida, então, uma citação do próprio autor, para o qual toda Educação tinha de levar em conta duas questões basilares: “Que tipo de homens e mulheres se pretende formar, e que tipo de sociedade pretendemos construir”? A visão deste pedagogo nos parece melhor adequada para se apresentar um conceito sobre protagonismo juvenil

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividade que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário (COSTA, 2000, p. 90)

Tal conceito, como acima é descrito, vem de encontro ao que entendemos como protagonismo nessa pesquisa. E há sempre uma preocupação presente nesse texto de indicar, melhor, complementar, quando é dito que nossa tarefa, a pesquisa, dá-se no âmbito escolar. O complemento repete o *sub-bordão* que diz: “também para além da escola”.

Este é um aspecto importante, pois o protagonismo deve sempre extrapolar os limites da escola e entranhar-se na vida cotidiana do estudante. Como bem observa Costa, para quem

[...] educar é criar espaços para que o educando possa empreender ele próprio a construção do seu ser, a realização de suas potencialidades em termos pessoais e sociais. O educando, no interior dessa visão, passa a ser não um receptor passivo, mas uma fonte autêntica de iniciativa, compromisso e liberdade. (...) Mais do que acumular uma carga cada vez mais pesada de conhecimentos, o importante agora é estar apto para aproveitar, do começo ao fim da vida, as oportunidades de aprofundar e enriquecer esses primeiros conhecimentos, num mundo de permanente e acelerada mudança (COSTA, 2000, p. 16)

Aqui, faz-se necessária um brevíssima e, a nosso ver, importante digressão! Obviamente, não estamos tentando desqualificar a escola como locus privilegiado para a mediação do protagonismo juvenil via práticas pedagógicas e gestão escolar. Ao contrário. E, para além: via do estímulo ao próprio estudante para a conquista de sua autonomia.

O problema reside, de fato, na ideia de que é apenas a escola o locus possível para tal mediação. Ou ainda: de que a escola não é importante para ajudar a disseminar a ideia para além de seus muros.

Nesse contexto, nos explica Brener quando aborda o protagonismo em Antonio Costa

Assim, a concepção de Educação contida na proposta de protagonismo juvenil deve ser entendida de forma abrangente, não podendo limitar-se à Educação escolar, mas incluindo outros aspectos que possam auxiliar os jovens no exercício da vida pública, como o desenvolvimento pessoal, profissional, as relações sociais e o trato com as questões do bem-comum. Ao mesmo tempo os espaços educacionais devem ser compreendidos como múltiplos, ultrapassando os muros das escolas e atingindo outros espaços de referência, como organizações sociais, movimentos sociais, etc. (BRENER, 2016, p. 2)

Uma outra questão que vale levantar aqui diz respeito à forma como aplicamos o termo “jovem” e de que jovem estamos falando quando dizemos “protagonismo juvenil”. Pretende-se com isto evitar equívocos em relação à faixa de idade dos jovens – na verdade, do que entendemos como jovens – que vêm participando da pesquisa no IGETEC. Vamos, mais uma vez, recorrer a Costa para especificar aquele universo ao qual estamos nos referindo

[...] quando falamos em protagonismo juvenil, estamos nos referindo a um tipo particular de protagonismo, que é aquele desenvolvido pelos jovens. Neste livro, cabe ainda um outro recorte. Aqui, quando falamos de protagonismo, estamos tratando de universo ainda mais específico, que é aquele constituído prioritariamente pelos adolescentes. Na legislação brasileira (Lei nº 8.069/90) adolescentes são pessoas entre doze e dezoito anos de idade (COSTA, 2000, p. 1)

E continua, a fim de explicitar e dirimir as dúvidas sobre quais jovens se está falando. Do ponto de vista da nossa pesquisa isto é muito importante, pois delimita o perfil (em termos de faixa etária) dos que dela participam.

O adjetivo, como sabemos, delimita e imprime caráter à coisa adjetivada. Quando falamos de protagonismo juvenil, é preciso delimitar. Estamos tratando de adolescentes ou, no máximo, de adolescentes e de jovens adultos. Não estamos, portanto, nos referindo nem às crianças, nem aos adultos plenos. O segundo ponto de delimitação consiste em responder à indagação acerca do caráter que o adjetivo “juvenil” imprime ao substantivo “protagonismo”. (COSTA, 2000, p. 1)

Explicado isto, por fim, Costa elabora um pensamento que cinge inteiramente o que pretendemos com a nossa proposta e faz com que nos sintamos representados

O protagonismo é uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia, através da geração de espaços e situações propiciadoras de sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais, como já dissemos, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (COSTA, 2000, p. 22-23)

Uma vez apresentadas essas descrições, explicações e reflexões acerca do protagonismo juvenil, sua importância e sua relação com o ambiente Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã, avançaremos para melhor situar o IGETEC no contexto da inovação.

### **3. 3 A Hélice Tríplice, a universidade, e o IGETEC**

A maneira como o IGETEC foi pensado tem seu ponto de partida na ideia de combinar três núcleos, ou dimensões, como preferimos denominar,

aparentemente destituídos de ligações entre eles, mas que fossem importantes para abrigar os estudantes em atividades que possibilitassem a compreensão da importância da cidadania, do protagonismo e da gestão da criatividade no contexto das práticas educativas.

Assim, as dimensões escolhidas foram a rádio, a roda de conversa, e a curadoria digital de arte popular. Esta última carrega o termo arte popular, pois, se o IGETEC é o motor desta pesquisa, com suas três dimensões, a cultura popular é o rumo que norteia a direção, as múltiplas velocidades dos fazeres, as combinações entre seus núcleos e referencia o ponto de partida e de destino, mas, sobretudo, os caminhos a serem trilhados, e por isso haveria de estar representado dentre as dimensões.

Antes que adentremos as especificidades de cada uma das dimensões e para dar ideia de como é estruturado o IGETEC como ambiente de inovação, gostaríamos de trazer algumas considerações acerca do modelo de Hélice Tríplice; uma sugestão das professoras Angela Machado, da UFBA, da professora Carla Liane e do professor Cláudio Rocha, ambos da UNEB, para melhor situar didaticamente as dimensões práticas das oficinas do IGETEC. E o faremos de forma didática, e com o intuito de colaborar, ainda que timidamente, com o debate – que consideramos saudável – acerca do papel da universidade, de sua parcialidade ou imparcialidade como agente criador, promotor e divulgador do conhecimento.

Faremos uso do conceito aqui, mais à frente, para tentar demonstrar também como vem sendo possível estabelecer vínculos entre a inovação, a escola pública e a universidade em nosso caso seria, nomeadamente, com o Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, da UNEB.

O conceito de Triple Helix, ou Tríplice Hélice da Inovação, foi criado na década de 1990 pelos pesquisadores Etzkowitz e Leydesdorff, a partir de trabalhos anteriores de Lowe, Sábado e Mackenzi, bem como de observações realizadas, principalmente, no México e nos EUA. Ele traz à tona uma importante mudança de paradigma na produção de inovação (Equipe AEVO, 2018, p.1)

Na figura a seguir, um modelo da Hélice Tríplice

**Figura 6 – Hélice Tríplice da Inovação**



Fonte: Equipe AEVO, (2018).

A Tríplice Hélice da Inovação consiste em um paradigma de produção de inovação que deixa de ser centrado apenas na indústria e passa a se apoiar em três elementos inter-relacionados: as empresas, as universidades e o governo. Nesse cenário

[...] todas as partes possuem um papel importante. As universidades são centro da produção de inovação em si, tanto pela formação de profissionais de alto nível quanto pela pesquisa e desenvolvimento de tecnologias, pois congregam pessoas e conhecimentos especializados; as empresas puxam esse processo, a partir de suas demandas práticas; e o governo é o facilitador, seja por meio de programas de incentivo à pesquisa, seja reduzindo as burocracias necessárias para desenvolver e implementar as inovações (EQUIPE AEVO, 2018, p.1)

O conceito de Hélice Tríplice está diretamente vinculado à universidade, à inovação e ao empreendedorismo. Vem sendo visto como fenômeno de crucial importância nos mais recentes estudos sobre inovação e tem servido como guia de políticas e práticas nos âmbitos local, regional, nacional e multinacional (Etzkowitz & Zhou, 2017, p. 1).

Ainda para Etzkowitz & Zhou

As interações universidade-indústria-governo, que formam uma “hélice tríplice” de inovação e empreendedorismo, são a chave para o crescimento econômico e o desenvolvimento social baseados no conhecimento (ETZKOWITZ & ZHOU, 2017, p. 1)

Para os autores, a Hélice Tríplice oferece uma metodologia que vem a preencher lacunas entre os elementos clássicos das parcerias público-privadas, a indústria e o governo, e a universidade, na medida que apresenta um modelo capaz de levar a universidade a assumir um papel social



equivalente ao da indústria e do governo, como geradora de novas indústrias e empresas. Os autores afirmam que

À medida que a sociedade industrial é suplantada por uma era baseada no conhecimento, o conhecimento avançado é cada vez mais expeditamente traduzido em usos práticos, devido à sua natureza polivalente, simultaneamente teórica e prática. Processos de transferência de tecnologia a partir de descobertas teóricas que outrora levavam gerações para ocorrer agora transcorrem ao longo da vida profissional de seus inventores, dando-lhe a possibilidade de participarem tanto do processo de inovação como no de pesquisa (ETZKOWITZ & ZHOU, 2017, p. 1)

Estes autores consideram também que houve, e ainda está em curso uma Primeira Revolução Acadêmica, iniciada em meados do século XIX, que teria legitimado a pesquisa como missão da Academia, e uma Segunda Revolução Acadêmica; sua consequência e seu seguimento. Esta Segunda (Etzkowitz & Zhou, 2017, p. 1) teria surgido da confluência do desenvolvimento interno das instituições de ensino superior como a estruturação de grupos de pesquisa como “quasi-empresas”, e de influências externas sobre as estruturas acadêmicas associadas à eclosão da inovação “baseada no conhecimento”.

Aqui, neste ponto, não resistimos à tentação de convidar para a discussão, em oposição ao que está anteriormente posto, o filósofo francês Jean François Lyotard. Para ele a Ciência vinha se convertendo em mais uma força de produção capitalista enquanto a universidade vai se convertendo em uma instituição semelhante a uma empresa capitalista do Estado.

Ele iria ainda mais longe e afirmaria de modo radical em *A Condição Pós-Moderna*

O Estado e/ ou a empresa abandona o relato de legitimação idealista ou humanista para justificar a nova disputa: no discurso das financiadoras de hoje, a única disputa confiável é o poder. Não se compram cientistas, técnicos e aparelhos para saber a verdade, mas para aumentar o poder (LYOTARD, 2009, p. 83)

Esta afirmativa de Lyotard critica a validação do discurso científico pós-moderno, que estaria, para o autor, na base do novo papel da universidade e da pesquisa, e está em oposição à visão e valores dos teóricos da Hélice

Tríplice que trouxemos e que, nos parece até aqui, flertarem com o neoliberalismo... ao menos da forma como argumentam Etzkowitz & Zhou!

Não tentaremos estender essa discussão – que é longa e profícua – neste texto, por questão de espaço inadequado e exíguo para ela, mas é importante trazer contrapontos que nos fazem pensar e “elaborar inovações” em nossos discursos. Ao menos, em última instância, fazemos uso disto para balizar, ponderar, entre verdades, alguma equação. Afinal, quase em *hay kay*: uma verdade é, quase sempre, apenas uma metade!

Mas como não cesse o desejo de “trazer mais lenha” para o debate, convocamos o professor Milton Santos, quando ele, em plena voz sobre a intencionalidade – parte nem sempre visível de toda ação humana – afirma que

A ação é tanto mais eficaz quanto os objetos são mais adequados. Então, à intencionalidade da ação se conjuga a intencionalidade dos objetos e ambas são, hoje, dependentes da respectiva carga de ciência e de técnica presente no território (SANTOS, 2014, p. 94)

Vemos aí porque o mundo se dá como latência, como o queria o professor Milton Santos (2014, p.123) como um conjunto de possibilidades que ficam por aí, vagando, até que, chamadas a se realizar, transformam-se em *extenso*, isto é: em qualidades e quantidades. Possibilidades! Dentre essas possibilidades, deveremos, doravante optar por um certo pragmatismo na nossa abordagem didática da Hélice Tríplice.

Como não desejamos totalizar, mas tão somente alcançar alguns fins particulares ficaremos, apenas para a finalidade dessa discussão e dentro dessa nossa pesquisa, com a opção do interesse objetivo. Tal interesse constitui-se de enxergar no conceito de Hélice Tríplice algo que nos ofereça a possibilidade de sermos didáticos com aderência à pesquisa sem que, para isto, precisemos colocarmo-nos em posição alienada. Daí o convite aos pensadores para orientar e iluminar esta discussão tanto delicada quanto complexa.

Prossigamos, após essa breve digressão, então, com o conceito de Hélice Tríplice e sua relação com a inovação, sistema de inovação, ou ainda (Eco) sistema de inovação.

Vejamos o que nos acrescentam os próprios desenvolvedores do conceito:

O caminho para a Hélice Tríplice parte de dois pontos de vista opostos: um modelo estatista de governo que controla a academia e a indústria (...) e um modelo *laissez-faire*, em que a indústria, a academia e o governo, separados uns dos outros, interagem apenas modestamente através de fronteiras firmes (...) De ambas as perspectivas, há um movimento rumo a uma maior independência da universidade e da indústria em relação ao Estado, por um lado, e a uma maior interdependência dessas esferas institucionais, por outro. A interação entre as esferas institucionais da universidade, indústria e governo, que desempenham seus papéis tradicionais e também os papéis umas das outras, em variadas combinações, é um estimulante da criatividade organizacional. Novas inovações organizacionais surgem especialmente das interações entre as três hélices (...). O formato comum de Hélice Tríplice substitui as variantes nos sistemas nacionais de inovação (ETZKOWITZ & ZHOU, 2017, p. 6)

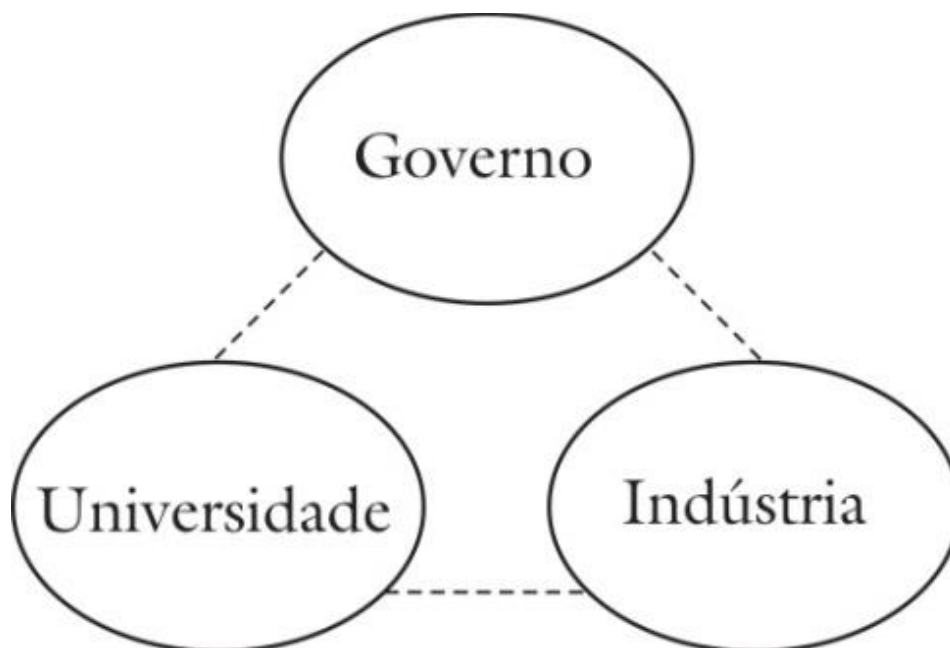
Os modelos em figuras

**Figura 7 – O modelo estatista.**



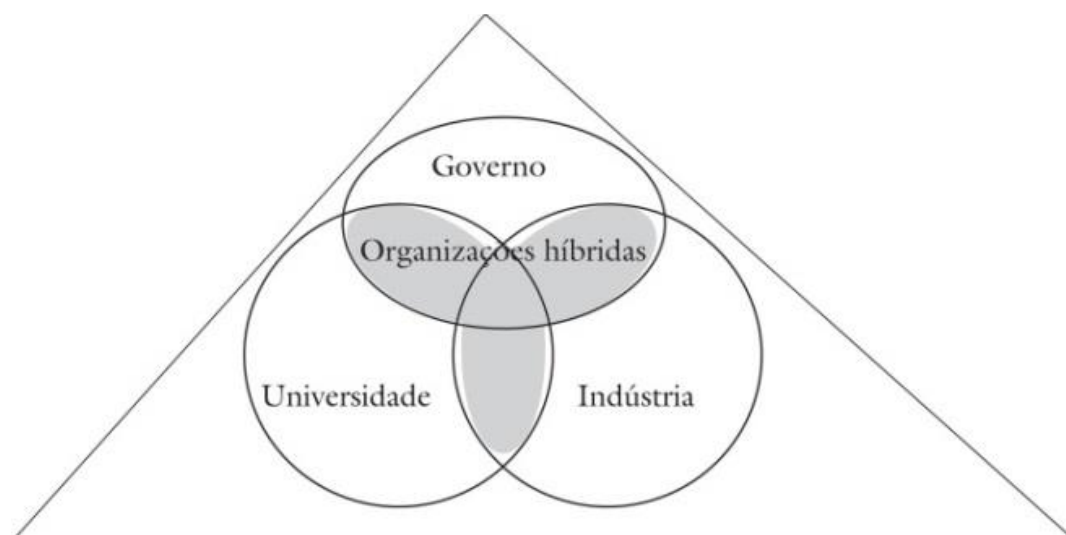
Fonte: Etzkowitz & Zhou (2017).

**Figura 8 – O modelo *laissez-faire*.**



Fonte: Etzkowitz & Zhou (2017).

**Figura 9 – Estrutura social da Hélice Tríplice.**



Fonte: Etzkowitz & Zhou (2017).

E, por fim, uma tabela onde apresentamos o resumo de algumas relações importantes entre a Hélice Tríplice e o “sistema de inovação”

**Quadro 2 – Tabela Comparativa entre a Hélice Tríplice e o “sistema de inovação”**

<b>(Eco) sistema de inovação</b>	<b>Hélice Tríplice</b>
Origem: Reino Unido. Observações sobre inovação e empresas japonesas feitas por Christopher Freeman (1986).	Origem: Estados Unidos. Sumário de Henry Etzkowitz sobre MIT, Stanford e o crescimento econômico regional (1993)
Múltiplos elementos-chave, incluindo academia, governo, indústria, organizações intermediárias, instituições financeiras, sociedade civil.	Três atores principais certos, mais atores coadjuvantes (organizações híbridas formadas por interações universidade-indústria-governo)
A universidade (academia) é vista como um elemento igualmente importante dentre outros no sistema.	Ressalta os papéis distintos da universidade na inovação e no empreendedorismo. Considera a universidade empreendedora como um motor da economia baseada no conhecimento.
Funções dos elementos.	Funções das esferas institucionais.
A estrutura do sistema (redes) formada pelos elementos determina as funções do sistema.	As interações entre esferas institucionais relativamente independentes ressaltam a complementaridade de funções existentes.
Presta atenção à abertura/fechamento dos sistemas e às fronteiras do sistema de inovação.	Preocupa-se com o que acontece nas fronteiras das esferas institucionais, incluindo a “sobreposição” das relações entre elas.
Dinâmica para a evolução do sistema: competição e sinergia.	Dinâmica para crescimento/desenvolvimento: interações entre as esferas institucionais, começando pelo “iniciador de inovação” e organizado pelo “organizador de inovação”.
Enfatiza o processo de “autorregulação”/ “autocorreção” por meio de retroalimentação e visa à evolução “auto-organizada”.	Destaca o “organizador de inovação”; no âmbito regional, é considerado um papel muito importante, denominado “organizador regional de inovação”.
Formação da inovação: atualização/ evolução do sistema: (1) cumpre as quatro condições para a evolução auto-organizada; (2) atualização/evolução do sistema quando este atinge massa crítica e pontos de bifurcação.	Formação da inovação: realização da Hélice Tríplice: (1) desenvolve interações entre esferas institucionais relativamente independentes; (2) forma “três espaços de Hélice Tríplice”: espaço de conhecimento, espaço de consenso e espaço de inovação.

Fonte: Fonte: Etzkowitz & Zhou (2017).

Para concluir esta breve introdução ao conceito de Hélice Tríplice, gostaríamos de trazer também parte da conclusão dos autores Etzkowitz & Zhou, no seu artigo *Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo*, de 2017

Ao longo do tempo, as interações universidade-indústria-governo passam a ser aceitas como algo natural, e são obscurecidas pela ideologia do empreendedor individual heroico, um reflexo dos vieses culturais prevalentes. Assim, muitas vezes é preciso redescobrir e recuperar da obscuridade o fato de que a Hélice Tríplice é um processo dinâmico que permite entender melhor como foram criados os ecossistemas

de inovação mais produtivos (ETZKOWITZ & ZHOU, 2017, p. 10)

Devemos discordar dos autores no que diz respeito a este “algo natural”, e também de que a única alternativa em contraposição à sua proposta seja o obscurantismo da ideologia do empreendedor individual heroico. Afinal: “*quem é este sujeito*”?

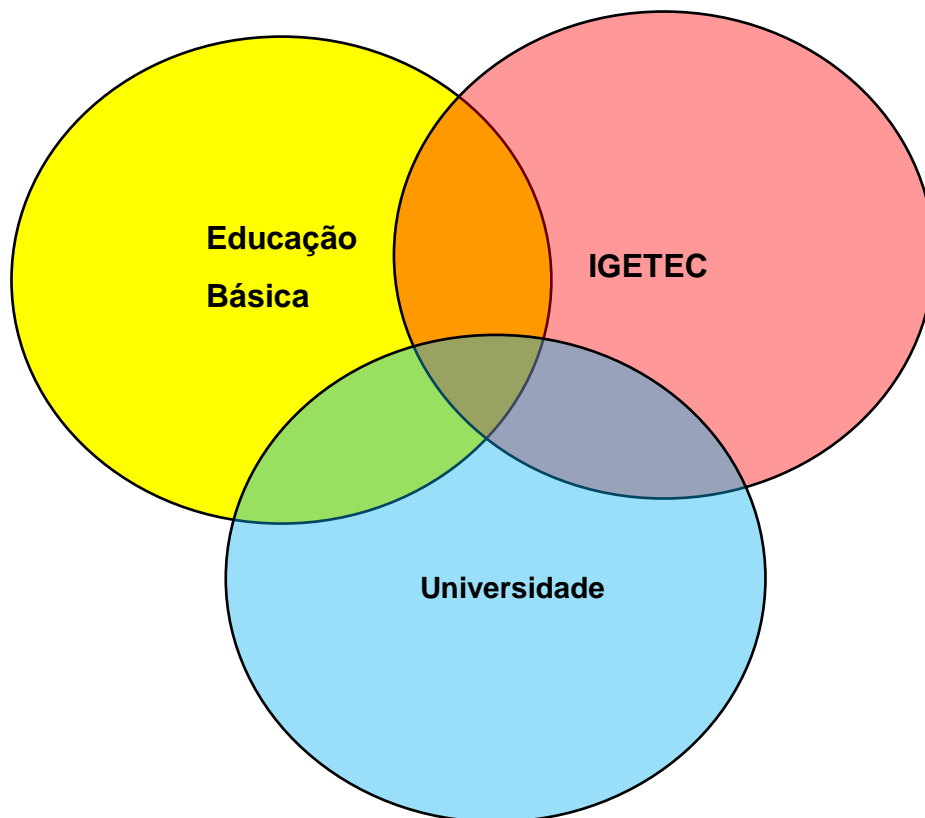
Em primeiro, consideramos que é necessário haver moderação na interação dos elementos que compõem a Hélice Tríplice, para que seus papéis primordiais não sejam obliterados, e que apenas passem a ser instrumentos amalgamados pelo capital e pelo poder em seu próprio benefício. Além do mais os ecossistemas de inovação não precisam ser vorazes máquinas de maior produtividade, e o que produzem precisa estar ao alcance de todos e todas que se esforçam para que a universidade esteja lá, onde estiver.

Em segundo, compreendemos que haveria muito mais questionamentos que precisam ser levados em conta e analisados com apuro, em oposição à proposta dos autores, do que meramente a ideologia do empreendedor individual heroico; como, por exemplo, o posicionamento de vertentes de pensamento que defendem um distanciamento da universidade em relação à iniciativa privada para a saúde do Estado de Bem-Estar Social.

Agora, pretendemos, ousadamente, é claro, avaliar a possibilidade de uma proposta de Hélice Tríplice que seja composta pelo IGETEC, pela universidade, e pela educação básica. Tal proposta consiste numa versão alternativa para a Hélice Tríplice de Etzkowitz, trazendo, não apenas um elemento diferente dentre os seus constituintes – no caso, a escola pública – mas visões diferentes em relação a suas aplicações no universo da inovação.

Um primeiro esboço disto, em forma de gráfico, seria este a seguir

**Figura 10 – Modelo alternativo para Hélice Tríplice, baseado em modelo de Etzkowitz.**

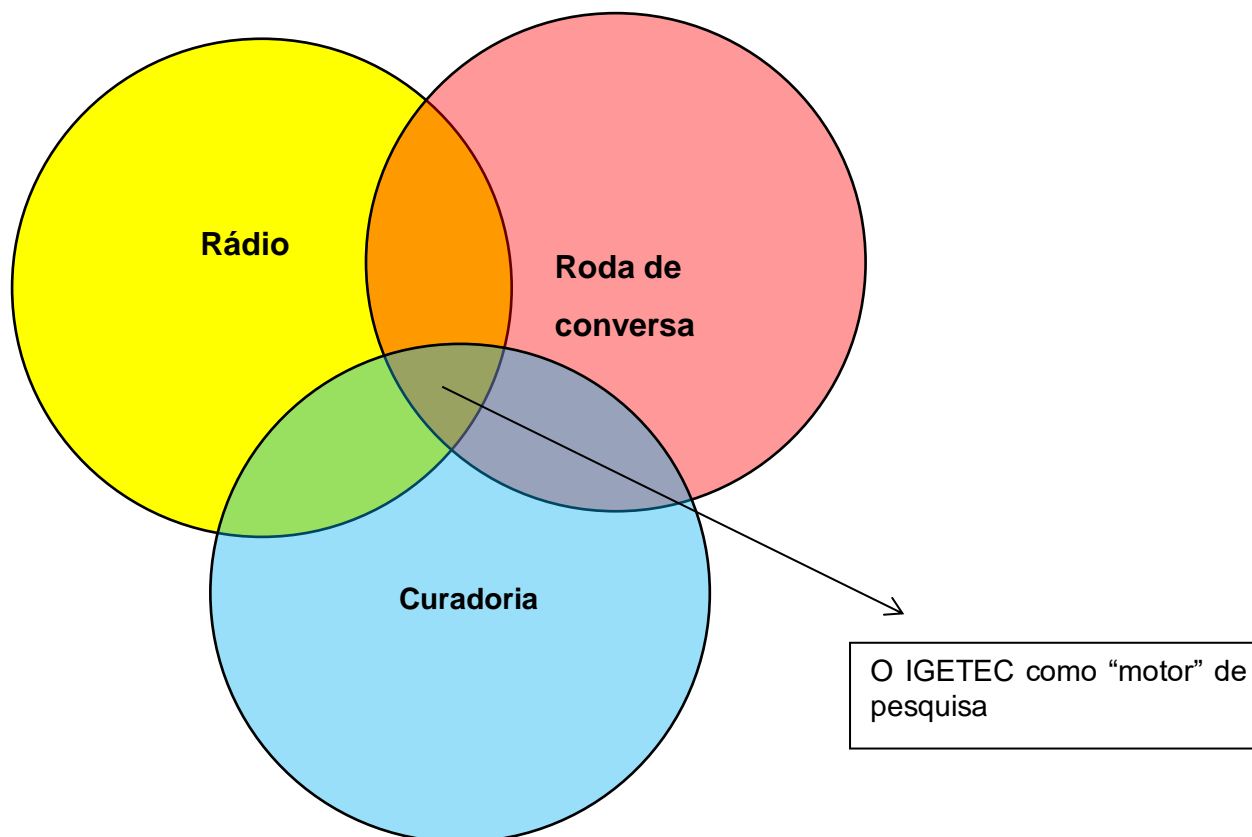


Fonte: O autor, baseado em modelo de Etzkowitz (2020).

Neste formato-modelo sintetizaríamos visualmente, e em parte, o que pretendemos com o IGETEC: que é uma articulação, e um processo também dinâmico, entre o ambiente Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã, a universidade e a educação básica, no intuito de promover o permanente diálogo entre as partes na busca de processos criativos que promovam, fomentem a inovação, a cidadania, e o protagonismo juvenil; daí sua importância e aderência frente ao programa da pós-graduação GESTEC.

Também podemos, ainda didaticamente, mas sem a intenção de determinar-lhe um corpo teórico específico, dizer que o modelo explica, também em parte, a estruturação interior do IGETEC, sejam: a rádio, a roda de conversa e a curadoria digital de arte popular. Senão, vejamos

**Figura 11 – Modelo alternativo IGETEC para Hélice Tríplice, baseado em modelo de Etzkowitz.**



Fonte: O autor, baseado em modelo de Etzkowitz (2020).

Em mais uma aparente digressão, gostaríamos de trazer uma analogia da ideia de Hélice tríplice como alternativa, com o funcionamento das pás da hélice de uma aeronave

A hélice de uma aeronave consiste de duas ou mais pás conectadas ao cubo central no qual essas pás são fixadas. Cada pá é essencialmente uma asa rotativa, toda pá é um perfil aerodinâmico capaz de gerar uma sustentação. Essa força de sustentação no plano em que a pá se desloca recebe o nome de tração ou propulsão. A força necessária para girar a hélice é fornecida pelo motor (HOMA, 2015, p.1)



Comparativamente ao ambiente Inovação, Gestão Estudantil Tecnocriativa e Cidadã – o IGETEC, seria o motor e o eixo da pesquisa, enquanto que a rádio, a roda de conversa e a curadoria, seriam as pás da hélice a promover o impulso necessário ao ambiente de inovação como um todo, não havendo nenhuma prevalência entre as partes, mas fomentando um sistema dinâmico e propício para a manifestação da autonomia e do protagonismo juvenil.

Uma vez esclarecidos os pontos, mediante a descrição e a explicação que subsidiam este texto, daremos seguimento a este trabalho e, a seguir, falaremos da metodologia que foi a ele aplicada.

Para tanto, no próximo capítulo esclareceremos os métodos, os materiais e os procedimentos usados na pesquisa.

#### 4. METODOLOGIA

O presente capítulo tem como objetivo esclarecer a metodologia aplicada até o presente momento na investigação. É, desse modo, dedicado a uma exposição geral das opções metodológicas – métodos, materiais e procedimentos – aplicadas no decorrer da realização da pesquisa nos municípios de Mata de São João, e na Vila de Caeté-Açu, e das necessárias justificativas para uma efetiva implantação, ou não, em suas respectivas escolas.

O presente capítulo está dividido em cinco subseções. A primeira justifica a escolha dos lugares onde a pesquisa foi desenvolvida. Na segunda subseção é trazida apresentação dos detalhes do campo em Mata de São João, na terceira subseção abordaremos ainda a finalização do campo nesse município. Na quarta subseção relatamos o campo em Caeté-Açu, e na quinta a sua finalização.

Essa pesquisa tem por base um princípio educativo e por tal razão preocupam-se os participantes não apenas com o produto decorrente das atividades, mas com a valorização dos processos criativos em movimento.

A metodologia utilizada tem caráter qualitativo e os procedimentos metodológicos apontam para a pesquisa participante, e assim visam tratar e modelar diálogos criativos e vínculos mais estreitos entre as pessoas, a cidadania, a tecnologia, o território e a cultura popular intervindo no espaço escolar e, de certa forma fora dele, com vistas a uma formação cidadã para alunos e alunas.

Gajardo (apud Soares; Ferreira, 2006) entende que, na América Latina, a pesquisa participante desenvolve-se inicialmente no âmbito educacional, cujo marco pode ser ligado a uma experiência-piloto de pesquisa temática criada e implementada por Paulo Freire na década de 60 do século passado. Há, entretanto, outras origens possíveis.

Carla Felcher, André Ferreira e Vanderlei Folmer (2017, p.6) destacam em seu artigo, citando Brandão (1984), que “não há modelo único nem normativo da pesquisa participante, ela é um instrumento dentro da ação popular”.

É importante observar que embora a pesquisa participante seja muitas vezes confundida com a pesquisa-ação, há pontos que as diferenciam e devem ser levados em conta pelos pesquisadores quando optam pelos procedimentos metodológicos que nortearão a pesquisa. O quadro a seguir mostra diferenças que devem pesar nessa decisão.

**Quadro 3 – Diferenças entre pesquisa-ação e pesquisa participante**

<b>PESQUISA-AÇÃO</b>	<b>PESQUISA PARTICIPANTE</b>
Toda pesquisa-ação é do tipo participativa;	Tudo que é chamado de pesquisa participante não é pesquisa-ação;
O pesquisador não é pesquisado;	Cada um dos envolvidos é pesquisador e pesquisado ao mesmo tempo; Aspira-se uma comunicação o mais horizontal possível entre todos os participantes;
Supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional ou outro;	Ações planejadas nem sempre se encontram em propostas de pesquisa participante;
O pesquisador TEM uma ação destinada a resolver o problema em questão;	O pesquisador NÃO tem uma ação destinada a resolver um problema;
O pesquisador é quem se apropria mais intensamente dos dados;	Utiliza o diálogo como o meio de comunicação mais importante no processo conjunto de estudo e coleta de informação;
Pesquisador deve ter um alto grau de análise, moderação, de interpretação e de animação, dominar técnicas de dinâmica de grupo.	As metas e o desenvolvimento do projeto não são previamente determinados, mas que se elaborem com a intervenção de todos os participantes.

Fonte: FELCHER, Carla Denise; FERREIRA, André Luís; FOLMER, Vanderlei (2017).

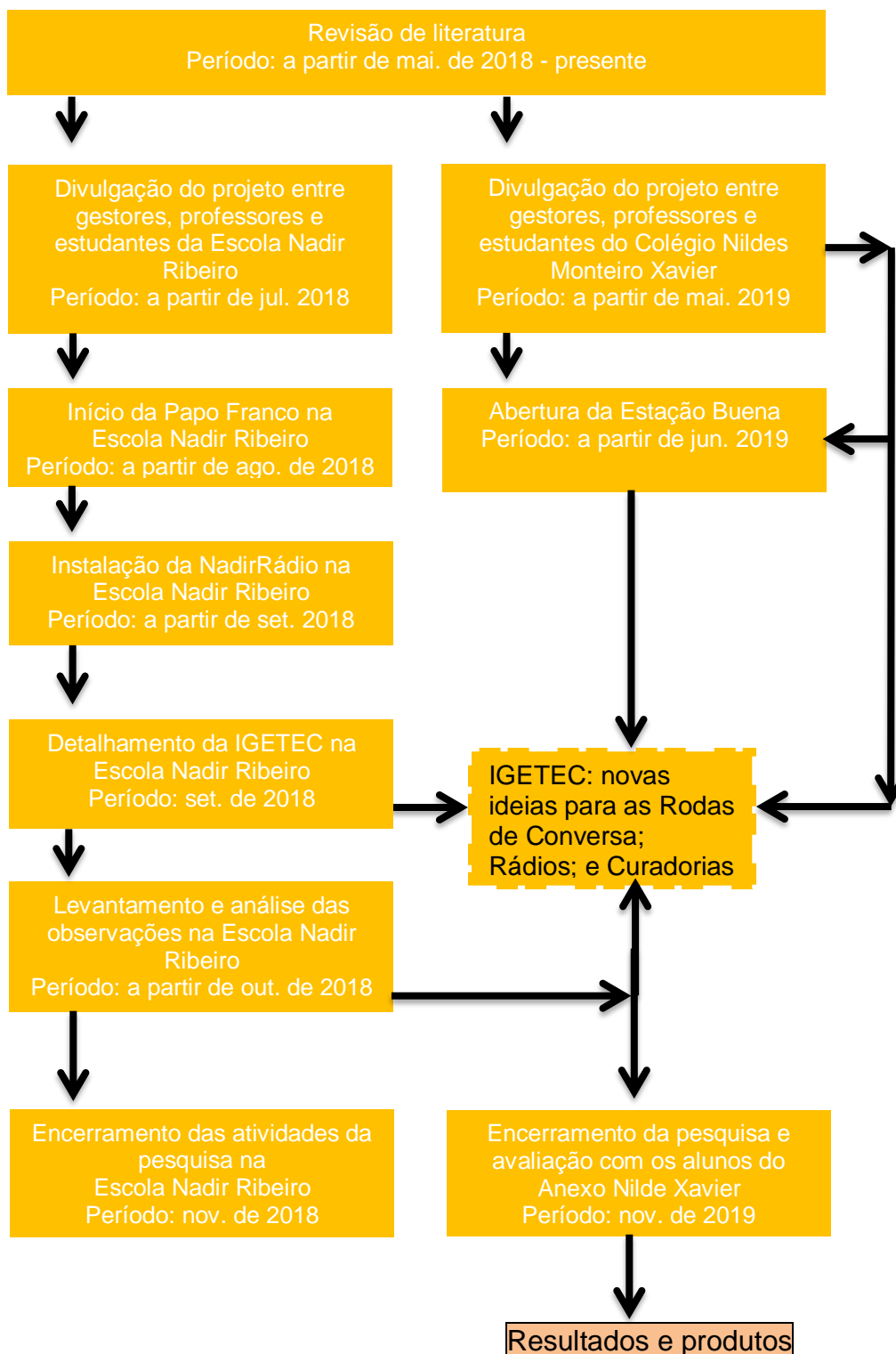
Segundo Le Boterf (1984), citado pelos autores (2017, p.6) na pesquisa participante é importante salientar que “os participantes não têm suas funções resumidas a delegação de tarefas, pois todos são detentores do conhecimento produzido e colaboradores na pesquisa”.

No caso dessa investigação, essa opção não se deu desde o início do projeto, mas foi no seu desenvolvimento, e com a contribuição dos professores no mestrado que percebemos a importância de optar pela pesquisa participante. Dar a importância da voz de todos os envolvidos e do diálogo permanente e livre de hierarquias de comando para elaborar as atividades e a intervenção proposta.

A metodologia utilizada tem, portanto, caráter qualitativo, e os procedimentos metodológicos foram conduzidos sob uma perspectiva da

pesquisa participante por ser a que apresentava mais indícios de aderência a essa investigação.

#### Quadro 4 – Logística da pesquisa



Fonte: Quadro sinóptico elaborado pelo autor (2018).

#### **4.1 Escolha de um município, de um distrito e de suas respectivas escolas e estudantes como participantes da pesquisa**

Os lugares escolhidos para a realização da pesquisa foram, inicialmente, a sede do município de Mata de São João, na Região Metropolitana de Salvador e, posteriormente, a Vila de Caeté-Açu (mais conhecida como Vale do Capão, na Chapada Diamantina), distrito do município de Palmeiras, ambas na Bahia. Essas escolhas se deram por diferentes fatores que privilegiaram não só a proximidade com o tema de eleição, mas também os aspectos da logística.

O primeiro deles é a relação do autor com os lugares em questão. Em Mata de São João, fui professor de Geografia durante o ano letivo de 2018 – período que coincidiu com a minha aceitação como aluno regular do mestrado – e me deslocava para o trabalho por três dias na semana para lecionar no Escola Municipal Nadir Ribeiro, em regime de Escola de Tempo Integral. Isto proporcionaria um contato frequente com o lugar da pesquisa.

No início de 2019, por razões de trabalho e de saúde familiar, deslocamos a investigação para o distrito de Caeté-Açu, Vale do Capão, na Chapada Diamantina – onde residi – e para o anexo do Colégio Estadual Nildes Monteiro Xavier.

Devido a distância, e a outros aspectos que explicaremos no decorrer desse capítulo, descontinuamos a investigação em Mata de São João, buscando no Vale do Capão a sua continuação.

Um outro fator importante como critério de escolha foi que, desde o princípio, desejamos tocar o projeto com alunos e alunas da educação básica onde a realidade social não fosse a de uma grande cidade, e onde o consumismo dos grandes centros urbanos não fosse ainda o imperativo para o exercício da cidadania.

Consideramos isso importante por entender que há um cenário presente de desqualificação da cultura popular pela indústria cultural que, pressupomos, implica direta e negativamente no modo como se entende uma educação pela cidadania. Nesse contexto, Mata de São João e Caeté-Açu representam lugares possíveis para a investigação.

Numa conjuntura global e nacional de hierarquias e aprofundamento de desigualdades – expressas e contraditoriamente reproduzidas no lugar pelas

forças hegemônicas do atual cenário da globalização – recontextualizar, resguardar e promover a importância da produção artística local no âmbito da cultura popular e de seus saberes para a cidadania na escola, entendendo, são projetos emancipatórios.

O pressuposto utilizado nessa investigação explica, em grande parte, o porque da escolha das duas escolas – embora sejam escolas muito diferentes em suas características mais básicas como localização, infraestrutura, número de alunos, organização e, principalmente, condições materiais –, onde o projeto foi inserido.

Ambas não se localizam em grandes centros urbanos, ambas têm seus próprios meios de criar e resolver situações que, marcadamente, são regidos pela cultura do lugar e por seus próprios valores, atitudes e percepções ambientais; e isso, como já fizemos ver na introdução deste trabalho, interessa-nos como geógrafo e como pesquisador.

Um terceiro aspecto que pode ainda se justificar como importante para a pesquisa no município e no distrito foram os seus respectivos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB/ 2017. Enquanto a Escola Nadir Ribeiro tem o IDEB (4,5), o Colégio Estadual Nildes Monteiro (e seu anexo) aponta para uma ausência de média em função do “Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados” (INEP/ 2017). E não há metas projetadas para o Colégio; não que constem até o presente momento no *site* [ideb.inep.gov.br](http://ideb.inep.gov.br).

Considerando esses índices e sua importância no contexto educacional pode-se compreender que a pesquisa, em curso na escola, representa também um espaço para questionamentos e reflexões. Tal espaço, em interação com a gestão e a comunidade pode oportunizar propostas de melhoria da qualidade social da educação.

Para além do IDEB há ainda outros contrastes marcantes, como já foi dito, entre as instalações, localização, infraestrutura, número de alunos, organização e, principalmente, condições materiais das escolas.

Inicialmente trataremos de mostrar as diferenças relacionadas anteriormente entre as características da Escola Nadir Ribeiro, do município de Mata de São João, escola municipal para os anos finais do ensino

Fundamental, e o anexo do Colégio Estadual Nilde Maria Monteiro Xavier, em Caeté-Açu, Vale do Capão, distrito de Palmeiras, para o Ensino Médio.

Segundo dados divulgados pelo Inep no site <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/29468876>, do Censo Escolar da Educação Básica, realizado no ano de 2017, a Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos conta com:

**Quadro 5 – Infraestrutura básica, espaços de aprendizagem e equipamentos, e número de estudantes da Escola Nadir Ribeiro, 2019.**

INFRAESTRUTURA BÁSICA	
Alimentação escolar para os alunos	Sim
Água consumida pelos alunos	Filtrada
Abastecimento de água	Rede pública
Abastecimento de energia eléctrica	Rede pública
Esgoto sanitário	Rede pública
Banheiro dentro do prédio	Sim
Banheiro fora do prédio	Não
Local de funcionamento da escola	Prédio escolar
ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM E EQUIPAMENTOS	
Salas de aula	9/ 12 em uso
Cozinha	Sim
Biblioteca	Sim
Sala de leitura	Sim
Laboratório de Ciências	Sim
Laboratório de informática	Não
Acesso à Internet	Sim
Banda larga	Não
Computadores para uso dos alunos	Não
Pátio descoberto	Não
Pátio coberto	Sim
Auditório	Sim
Quadra de esportes coberta	Não
Quadra de esportes descoberta	Sim
Parque infantil	Não
Área verde	Não
NÚMERO DE ESTUDANTES	
270	

Fonte: Quadro elaborado pelo autor em conformidade aos dados do IDEB (2017, 2019).

Enquanto que o anexo do Nilde Monteiro, funciona nas instalações cedidas pela Escola Municipal de 1º Grau de Caeté-Açu, por não contar com

prédio próprio que abrigue os estudantes do Ensino Médio. Há apenas duas salas disponíveis para o primeiro e o segundo ano. O terceiro ano tem aulas num espaço cedido pelos Correios, em outra casa. Vem sendo realizada uma campanha para arrecadação de fundos entre os moradores do Vale do Capão, que possibilitem a reforma de um antigo prédio que foi doado para abrigar os estudantes do Ensino Médio.

Ainda assim, o anexo Colégio Estadual Nilde Maria Monteiro Xavier conta com:

**Quadro 6 – Infraestrutura básica, espaços de aprendizagem e equipamentos, e número de estudantes do Anexo Nilde Xavier, 2019.**

INFRAESTRUTURA BÁSICA	
Alimentação escolar para os alunos	Sim
Água consumida pelos alunos	Filtrada
Abastecimento de água	Rede pública
Abastecimento de energia eléctrica	Rede pública
Esgoto sanitário	Rede pública
Banheiro dentro do prédio	Sim
Banheiro fora do prédio	Não
Local de funcionamento da escola	Prédio da escola anexo do município
ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM E EQUIPAMENTOS	
Salas de aula	2/ 5 em uso
Cozinha	Sim
Biblioteca	Sim
Sala de leitura	Não
Laboratório de Ciências	Não
Laboratório de informática	Não
Acesso à Internet	Não
Banda larga	Não
Computadores para uso dos alunos	Não
Pátio descoberto	Não
Pátio coberto	Não
Auditório	Não
Quadra de esportes coberta	Não
Quadra de esportes descoberta	Sim
Parque infantil	Não
Área verde	Não
NÚMERO DE ESTUDANTES	
42	

Fonte: Quadro elaborado pelo autor em conformidade aos dados do IDEB (2017, 2019).



Como se pode constatar as escolas são distintas em muitas de suas características, o que acaba por exercer influência direta – embora a tipicidade dos lugares acabe por também influenciar – nas suas dinâmicas internas, nos seus resultados e nas práticas e resultados de docentes e discentes.

Pudemos verificar também que o acesso às reuniões com gestores, professores e estudantes, na Escola Nadir Ribeiro eram sempre mais facilitados, acredito que em função dos espaços físicos disponíveis. Também o do fato das demandas serem melhor distribuídas entre um maior número de pessoas que lá executam suas tarefas e rotinas.

O anexo do Colégio Nilde Xavier tem, para além das suas dificuldades espaciais, um número expressivamente menor de pessoas para as tarefas que lhe são demandadas. Nesse anexo, porque a direção do Ensino Médio se encontra na cidade de Palmeiras, três pessoas se revezam nas funções de direção, coordenação e até mesmo sala de aula. Poucos são ainda os professores. Há apenas cinco professores que assumem as onze disciplinas.

A partir desse cenário, não é muito facilitado o acesso às pessoas que gerem os processos escolares, nem tampouco facilitado, em face das limitações espaciais, o acesso a algum local dentro da escola que possa servir para promover reuniões e atividades com o grupo participante da pesquisa.

O município de Mata de São João, no início da pesquisa em desenvolvimento, somava – sem as creches –, 34 escolas municipais, entre rurais e urbanas (aqui se contam também as do litoral entre as urbanas).

**Quadro 7 – Lista de escolas do município elaborada pelo autor.**

RURAIS	URBANAS
<b>Escola Municipal Arnaldo Souza Prado</b> Endereço: Portão do Lunda, S/N - Núcleo Colônia JK	<b>Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos</b> Endereço: R. Bom Jesus, S/N - Bom Jesus
<b>Escola Municipal Antonio Francisco Alves</b> Endereço: Pedra do Salgado, 36352984 - Zona Rural	<b>Escola Municipal Maria Odília Vasconcelos</b> Endereço: R. Antonio Luiz Garcez, S/N – Centro
<b>Escola Municipal Maria de Lourdes Seixas</b> Endereço: Vila de Camaçari, S/N, - Zona Rural	<b>Escola Municipal João Pereira Vasconcelos</b> Endereço: Praça de Açuzinho, - Açuzinho

<b>Escola Municipal Antônio Balbino</b> Endereço: Núcleo Colônia JK, S/N – Lunda	<b>Escola Municipal Antônio Paiva Tolentino</b> Endereço: R. da Mangueira, S/N -Litoral
<b>Escola Municipal Lafaiete Coutinho</b> Endereço: Vila de Itapecirica, S/N – Vila de Itapecirica	<b>Escola Municipal Elias José dos Santos</b> Endereço: R. Carlos Gomes, S/N – Caboré
<b>Escola Municipal Catarino Ribeiro da Silva</b> Endereço: Vila de Itapecirica, S/N, - Vila de Itapecirica	<b>Escola Municipal José de Almeida Seixas Filho</b> Endereço: R. da Igreja, S/N - Imbassaí
	<b>Escola Municipal Professor Áureo de Oliveira Filho</b> Endereço: R. Direta de Malhadas, S/N Malhadas
	<b>Escola Municipal Amélio Batista Filho</b> Endereço: Entrocamento, S/N - Matadouro
	<b>Escola Municipal Emanuel Fontes</b> Endereço: R. Santa Catarina, S/N - Monte Líbano
	<b>Escola Municipal Wilhelm Hermann Klaus Peters</b> Endereço: R. do Campo, S/N, - Açú Da Torre
	<b>Escola Municipal Professora Valdete Seixas Oliveira</b> Endereço: R. Heitor Vicente Viana, S/N - Amado Bahia
	<b>Escola Municipal Deputado Isaac Marambaia</b> Endereço: R. Direta de Barro Branco, S/N - Barro Branco
	<b>Escola Municipal Professor Robert Lima Costa</b> Endereço: R. Heitor Vicente Viana, - Amado Bahia
	<b>Escola Municipal São Vicente</b> Endereço: R. Direta do Diogo, S/N – Diogo
	<b>Escola Municipal Pedro Joaquim de Souza</b> Endereço: Fazenda Pau Grande, - Pau Grande
	<b>Escola Municipal São Francisco</b> Endereço: Av. Antônio Carlos Magalhaes, - Praia do Forte
	<b>Escola Municipal José Ribeiro de Souza</b> Endereço: R. Heitor Vicente Viana, S/N,- Amado Bahia

	<b>Escola Municipal Aydil Maria Da Cunha Jorge</b> Endereço: Rua Central Sempre Verde, - Amado Bahia
	<b>Escola Municipal João Francisco dos Santos</b> Endereço: Campinas de Malhadas, - Campinas de Malhadas
	<b>Escola Municipal Professora Rosa Maria Vieira Tavares</b> Endereço: Largo do Bonfim, S/N, - Bonfim
	<b>Escola Municipal Areal</b> Endereço: R. Direta do Areal, S/N - Povoado do Areal
	<b>Escola Municipal Nova do Curralinho</b> Endereço: R. Direta Do Curralinho, - Curralinho
	<b>Escola Municipal Monsenhor Barbosa</b> Endereço: R. Laurindo Regis, S/N, - Centro
	<b>Colégio Doutor Ernesto Simões Filho</b> Endereço: R. Silvano Batista, S/N, - Centro
	<b>Escola Municipal Célia Goulart de Freitas</b> Endereço: R. Laurindo Régis, S/N – Centro
	<b>Escola Municipal Monsenhor José Astrogildo Moreira</b> Endereço: R. Benjamin Constant, S/N - Centro
	<b>Escola Municipal Ezilda Pinto Carmo</b> Endereço: R. São Cristovão, S/N, - Sempre Verde
	<b>Escola Municipal Idalba Tolentino de Almeida</b> Endereço: R. Direta do Areal, S/N, - Areal

Fonte: [escolas.inf.br/ba/mata-de-sao-joao](https://escolas.inf.br/ba/mata-de-sao-joao) (2019).

Entre os mais de 10 mil alunos da rede municipal de Mata de São João, a Escola Nadir Ribeiro tem 264 alunos (aproximadamente 2,6%) no ensino Fundamental II (*escolas com sombreados mais escuros*), segundo o último censo, de 2018. Fonte: <https://www.melhorescola.com.br>

## 4.2 Campo em Mata de São João

Os primeiros encontros com os representantes da Escola Nadir Ribeiro foram feitos a partir de julho de 2018. Esses encontros deram-se no decorrer da rotina mesmo da escola: momentos com os colegas professores e professoras, momentos com o coordenador Rafael Sá, momentos com o diretor, professor Samuel Lopes, com o intuito também de encontrar espaços (físicos ou não) no cotidiano escolar para abrigarem as dimensões do projeto.

O objetivo principal dos encontros era o de apresentar a proposta de investigação e de parceria entre a gestão e os participantes da pesquisa, esclarecendo dúvidas e mostrando as oportunidades que o projeto poderia trazer para os estudantes, e para a escola de maneira mais geral.

Num segundo momento a proposta era apresentada aos alunos e alunas em oportunidades possibilitadas pela coordenação e com a aquiescência de alguns colegas professores, que cediam seus horários de aulas para tanto.

Foi assim porque a escola funciona em regime de tempo integral, e não caberia solicitar aos estudantes que permanecessem após estarem liberados para seguir para suas casas, após um dia de atividades escolares. Um outro ponto é que os professores e funcionários também eram liberados para sair juntamente com os estudantes, não permanecendo, assim, ninguém no prédio.

Inicialmente a ideia da rádio, NadirRádio, uma rádio a fio, com caixas de som espalhadas pelos espaços da escola seria implantada, mas precisava de uma sala em que houvessem ao menos dois operadores participantes e o equipamento de transmissão, como mesa de som, amplificador, receiver, microfones etc. já que parte do equipamento tinha sido cedido à escola.

Apesar de grande, a escola tinha poucos espaços ainda não ocupados por outras atividades ou outros materiais, e tivemos que aguardar a liberação de uma sala pequena para a montagem da rádio, o que só se daria, efetivamente, em setembro. Enquanto isso, os estudantes foram solicitados a preencher um formulário com as opções que faziam por esta ou aquela atividade do projeto da qual gostariam de participar, e quais eram os seus motivos para assim o querer.

Recebemos então 62 formulários de inscrição retornados do 8º ano A e 8º B, e 35 do 9º A e 9º B., com todo o tipo de respostas para a solicitação:

“Para começar, conte-nos porque você tem interesse em participar da equipe NadirRádio, da IGETEC”.

Logo em seguida, após um menu de ofertas de variados núcleos da rádio, como Jornalístico, Musical, Rádio Novela, Esportivo etc., onde o aluno, ou aluna podia optar por um, ou mais de um núcleo, e ainda poderia sugerir algum que não houvesse sido proposto, vinha a uma outra solicitação: “Por fim, explique-nos porque você se considera apto para exercer a função que imaginou (ou funções) no(s) núcleo(s) que escolheu”.

O formulário foi apresentado, inicialmente, às duas turmas do 8º ano e às duas do 9º ano. Foi grande o interesse, mas posteriormente decidimos, juntamente com a gestão, que aplicaríamos os formulários apenas nas turmas do 8º ano, pois muitos dos estudantes estariam ali no ano seguinte e poderiam dar continuidade às atividades, caso assim o quisessem. Além do mais, não seria necessário para os fins da investigação ter um número grande de participantes na pesquisa.

Todos e todas foram avisados de haveria ainda um processo seletivo dos participantes, com base na análise das fichas e nas entrevistas que deveriam ser realizadas por mim e pelos professores Eduardo Alves, de Matemática e Liliane Correia, de Biologia, outros parceiros no decorrer do processo.

Foram selecionados para participar da pesquisa 30 alunos e alunas entre as duas turmas do 8º ano. A rádio ainda aguardava pela sala a ser determinada pela direção, mas as caixas de som e as conexões já estavam sendo distribuídas pelo espaço da escola.

No mês de agosto demos início às atividades da Roda de Conversa Papo Franco (nome escolhido pelas meninas/ alunas numa homenagem a Marielle Franco), no âmbito da IGETEC.

Essa é uma atividade para a qual houve imediata adesão das meninas. Por outrem, a expectativa da implantação da rádio mobilizava mais os meninos, embora as meninas demonstrassem também grande interesse.

A Papo Franco fez encontros regulares, uma vez ao mês. Sendo um espaço privilegiado para meninas, com reuniões mensais, e por elas organizado no âmbito da escola, onde eram discutidos temas como: feminismo,

protagonismo juvenil, a importância da mulher na cultura popular, e a condição da mulher jovem no contexto do mercado de trabalho.

O espaço de qual falamos é um espaço de troca e construção de conhecimento, posto que as conversas têm viés científico e sempre como ponto de partida textos, documentários, filmes. Apesar de uma perspectiva predominantemente feminina, na roda de conversa não é vetada a presença de meninos, mas a presença dos mesmos só se dá quando as organizadoras consideram isto conveniente. Os encontros foram registrados em atas .

O livro da escritora e ativista Chimamanda Adichie<sup>3</sup> foi um dos textos utilizados para base das discussões em grupo. O livro foi escolhido por ser acessível em sua linguagem, formato e qualidade textual.

As participantes destacavam parte do texto que seria discutido no encontro e após uma leitura coletiva (texto projetado por um data-show) dava-se início à conversa. Depois outros textos, inclusive recortes de jornais e revistas apresentados por elas e que fornecessem os temas, ou apenas fotos ou charges, foram utilizados. As discussões podiam ser iniciadas por um mote, uma frase destacada do texto, um parágrafo, uma página, uma imagem. Havia liberdade para a escolha do tema e respeitados os valores das opiniões mais variadas.

Em setembro foi designada uma sala bem pequena para a rádio. Não obstante a exiguidade do espaço, conseguimos arrumá-lo pondo os equipamentos lá. Não era satisfatório, mas era o possível. E o tempo corria. Conseguimos com o apoio dos participantes montar os periféricos e por a rádio a funcionar.

Funcionamos em fase de implantação e testes até o início de outubro, quando o equipamento não suportou o calor da sala e, para nossa frustração, superaquecido, deu pane. Embora tivéssemos enviado rapidamente o

---

<sup>3</sup> Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana. Ela é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Chimamanda\\_Ngozi\\_Adichie](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chimamanda_Ngozi_Adichie). Sejam os todos feministas é uma adaptação do discurso feito pela autora no Technology, Entertainment, Design TEDx Euston, série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias.

equipamento (*receiver*) para o reparo, ele não ficaria pronto antes de meados de outubro. Houve problemas com o técnico e, por questões de logística, não podíamos retirá-lo antes do retorno do mesmo às suas atividades.

Nesta fase já havíamos selecionado os participantes, em número de 15 efetivos, e reuníamo-nos para planejar as atividades da rádio, da roda de conversa, e da curadoria. Esta última estava em segundo plano, pois precisaria de atividades como fotografias filmagens em celular, entrevistas com os artistas etc., muitas delas realizadas fora do âmbito da escola.

Em meados de setembro tinha sido enviado à direção da escola um ofício solicitando alguns periféricos e a instalação de ao menos um ventilador para evitar que o equipamento principal, o *receiver*, superaquecesse. O diretor, não tendo como a solicitação atender diretamente, reenviou o ofício à Secretaria de Educação, mas nunca houve retorno de nenhum dos dois.

### **4.3 Finalização da observação na Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos**

No início de outubro, com o equipamento quebrado ainda de posse do técnico, e impossibilitados de dar continuidade às práticas da rádio, iniciamos o levantamento e a análise das observações na Escola Nadir Ribeiro, juntamente com o planejamento da programação, pois não perdemos as esperanças de reaver a nossa poética rádio poética. Foi quando a pequena sala que havia sido destinada à rádio, ainda com o restante do equipamento lá, foi utilizada como depósito de sucatas e até de lixo.

Foi quando tristemente percebemos que deveríamos, muito contrariados, encerrar os trabalhos na escola. Como última opção ainda enviamos um outro ofício para a secretária de educação do Município pedindo que interviesse fornecendo outro equipamento para darmos continuidade aos trabalhos, mas outra vez, foi em vão.

Encerramos, em início de novembro de 2018, a pesquisa na Escola Nadir Ribeiro. Nosso contrato com a escola, como professor, findaria em dezembro e estaríamos em processo de mudança para Caeté-Açu, onde demos continuidade à investigação.

#### 4.4 Campo em Caeté-Açu, Vale do Capão

Incentivar a territorialização da cultura popular com ações locais desperta o ânimo da sua permanência, a renovação das suas práticas e a resignificação dos valores comuns com que a coletividade se afeiçoa. Ainda acreditamos nisso.

A primeira ação para a pesquisa no Vale foi entrar em contato, em fins de maio de 2019, com os gestores da escola local (o Colégio Nilde Monteiro Xavier) para ver as possibilidades de dar continuidade à investigação. Para tanto, fizemos visitas à escola e provocamos encontros com gestores, alunos e alunas, levando as informações necessárias. Entregamos à gestão uma sinopse do projeto

Posteriormente, a diretora para o Ensino Médio em exercício assinou o Termo de Autorização Institucional da Coparticipante com os alunos e alunas do Colégio.

Depois disso agendamos encontros, após inscrições feitas, com os pesquisadores participantes na escola, mas também via Internet. Muitos foram os alunos e alunas que se mostraram interessados em participar da pesquisa. Dessa vez decidimos fazer uma rádio Web, e contratamos os serviços de um domínio de rádio, um site.

Foi assim pelas dificuldades enfrentadas com a rádio a fio na escola Nadir Ribeiro e porque a escola local tem restrição de espaço para alocar os equipamentos – as instalações são bastante precárias em comparação à escola Nadir Ribeiro.

Decidimos então mudar de método e pusemos no ar, em fase experimental, a Estação Buena, uma rádio WEB: a Estação Buena (referência a um bairro local).

Naquele momento, os alunos estavam estudando o manual de uso da rádio para realizar a programação que iria ao ar, e os arranjos possíveis na gestão dos modos de administração, dispostos no *dashboard* (painel de interação dos instrumentos de gestão).

Na rádio, cada aluno ou aluna é um locutor e passa a ter a senha de acesso para preparar as transmissões e fazer no *dashboard* as alterações que se façam necessárias na programação e nos demais recursos.



Os alunos e alunas podem acessar o site de qualquer lugar para fazer a programação tanto quanto para usufruir da mesma. A Estação Buena pode ser acessada de qualquer lugar do mundo onde haja conexão com a Internet e ser visualizada e ouvida por até 5.000 visitantes simultaneamente.

A programação pode ser executada pelo Auto DJ. Trata-se de um recurso (*streaming*, ou transmissão seguida) que mantém a rádio e sua programação no ar, em horários predeterminados e até 24 horas por dia, durante toda a semana. A ideia é programar a rádio em dias alternados, conforme a possibilidade dos participantes.

A rádio WEB abriga em sua arquitetura outras possibilidades como espaços para vídeos, para matérias escritas, chats e podcasts, ampliando, e muito, as funções de uma rádio tradicional, além de possibilitar a inserção de conteúdos via Internet. Isto a torna mais ágil em termos de planejamento e gestão da sua programação, aparência e funcionamento.

Outro importante recurso é o espaço no site para fazer uploads de vídeos e podcasts. A proposta é disponibilizar aí a produção em vídeo e podcasts, respectivamente, da Curadoria Estudantil e Digital da Arte Popular do Vale do Capão e da Roda de Conversa Papo Franco. Na área em que se pode por textos ainda podemos por os textos em estudo pela Papo Franco e algumas opiniões dos participantes sobre isso. Pode-se ainda fazer a inclusão de alguns patrocinadores nos espaços para publicidade e arrecadar fundos para manter a rádio online.

O IGETEC seguiu implementando e discutindo suas oficinas no espaço, fora e dentro da escola, do Centro Digital de Cidadania – CDC local, cedido para a finalidade pela gestão do Colégio Nilde Xavier, e em horários opostos às aulas. Além de conferências via Internet.

Promovemos conversas, algumas formais e outras mais informais, com alguns professores e professora do Anexo. Estabelecemos diálogos produtivos com a professora Marcela de Português; conversas que versaram sobre a possibilidade de participação da professora nas atividades da pesquisa, a princípio vinculando os conteúdos das suas aulas à possibilidade de fazer um pod cast com os estudantes.

Assim também com o professor de Artes, que vinha trabalhando numa pesquisa sobre o Rap e o Hip-Hop com seus alunos. Cogitamos a possibilidade de trazer isto para a rádio.

Também o professor de Física, foi cogitado para participar da pesquisa.

No entanto, a oportunidade de fazer tudo isso em conjunto com os professores, não seguiu bem. Como dissemos antes, os ritmos no Anexo são descontínuos e os professores e professoras são solicitados, a todo momento, a cobrir as aulas de colegas e de chegar até a conciliar 3 ou 4 disciplinas para cobrir a ausência de outros professores e professoras. Isso acabou por prejudicar o envolvimento dos professores nas atividades.

Há uma grande demanda por professores no Anexo, e há até muitos professores concursados disponíveis – sobretudo após o último concurso para professores efetivos nos colégios estaduais do Estado da Bahia – mas demorada, e/ ou insuficiente, é a resposta administrativa a estas demandas, pelo que o recurso do acúmulo de disciplinas, entre menos professores, vem a ser uma prática muito usual nas escolas do estado.

De toda a sorte, a pesquisa prosseguiu com os alunos e alunas com os quais era possível trabalhar. Num primeiro momento, o da exposição da pesquisa aos alunos e alunas, mobilizara muitos deles.

Isso não pode ser visto como algo surpreendente, pois sabemos que os adolescentes quando expostos a uma ideia com a qual simpatizam, logo abraçam a possibilidade da sua participação. Entretanto, com a continuidade e a frequência dos encontros, logo percebemos que o interesse de muitos decaiu, enquanto o interesse de poucos permanece.

Com relação a esse aspecto do trabalho na pesquisa conjunta com adolescentes – nos moldes que elegemos – entendemos a necessidade da replicação de pesquisas desse gênero, que operem com dinâmicas motivadoras da compreensão da importância dos adolescentes estudantes, acerca de seu próprio papel no contexto do protagonismo juvenil com vistas a conquista da sua autonomia e da cidadania.

As pesquisadoras Müller & Ujiie, responsáveis pelo desenvolvimento de uma proposta educacional para o Ensino Médio numa escola da Rede Pública de Ensino do Paraná, e que valorizava, particularmente, o protagonismo juvenil, assim justificam a importância do seu trabalho

A verificação da necessidade de articulação de uma proposta educacional no Ensino Médio voltada ao Protagonismo Juvenil surge da observação de que os jovens estudantes do Ensino Médio [...] dificilmente se integram ou são integrados ativamente às questões da escola ou da comunidade, via compromisso social e político. Participam somente quando são requisitados e ainda assim de forma tímida, não demonstrando e nem defendendo seus interesses. A falta do sentimento de pertencimento e também de atitude, assim como a existência de poucas lideranças ativas e criativas é um fator a ser observado no processo educativo com vistas à necessidade de intervenção político-pedagógica escolar (MÜLLER & UJIIE, 2014, p. 1)

Elas prosseguem observando algo que é muito importante para contexto do nosso trabalho

O Colégio dispõe de mecanismos democráticos para a participação estudantil, entre estes, o Grêmio Estudantil e o Conselho Escolar, mas assim como em muitas escolas, suas ações ainda apresentam-se muito limitadas e dependentes das orientações e decisões de professores ou mesmo da direção do estabelecimento. Também são poucos os estudantes que se dispõem voluntariamente a exercer liderança nestas instâncias colegiadas, assim como em outras situações do cotidiano escolar (MÜLLER & UJIIE, 2014, p. 1)

Como pudemos observar nas citações, as autoras chegam a dizer que as ações de mecanismos democráticos, que deveriam estar sob a gestão dos estudantes, em *muitas escolas* apresentam-se dependentes das orientações e decisões que não emanam dos próprios estudantes. Isso parece querer demonstrar que ainda muito falta para que, no Brasil, os adolescentes e as adolescentes tenham voz ativa nas escolas, mas também que parte da ausência dessa voz poderíamos atribuir a uma limitação mesmo no reconhecimento da sua importância como voz, e do seu protagonismo como ator político.

Daí o porquê da nossa insistência em propor instrumentos, pesquisas e intervenções que venham a corroborar na construção de projetos e de ações. E que estes tenham seus olhares voltados para o protagonismo e a instrumentalização na formação política e cidadã dos jovens estudantes do Ensino Médio – como também o querem Müller & Ujiiie (2014, p. 3), e possam mais e mais, por fim, contribuir com a democratização.

Nos encontros, realizados no intervalo das aulas ou na ausência delas, no pátio do Anexo, no CDC, ou por conferência, foi possível difundir a ideia de base da pesquisa que despertar o interesse dos alunos e alunas pelas mídias do IGETEC, promovendo o seu protagonismo e a cultura popular local, por meio da veiculação de programas por eles produzidos. Buscou-se produzir sempre conteúdos consoantes à cultura local, sem abrir mão do global. Sua efetiva operacionalização aconteceu a partir do mês de agosto de 2019.

Decerto a rádio, sob a orientação solidária do IGETEC, com seus pesquisadores e pesquisadoras participantes, tem um importante papel na veiculação de conteúdos que além de atender ao público mais geral, atende também aos docentes e discentes do Colégio. Acreditamos que isso poderia servir também para reduzir distâncias entre todos os níveis de relações da instituição.

As contribuições não demoraram a aparecer. Muitas matérias foram publicadas na rádio Estação Buena do Capão, sobre os mais variados temas de interesse da comunidade escolar da qual faziam parte os alunos e alunas ligados(as) às atividades da pesquisa.

Treze artigos versando sobre Educação, quatorze sobre variedades, cultura, política, saúde, adolescência e crises da representatividade no mundo contemporâneo, dezesseis artigos sobre História, e variadas *playlists*, ou listas de reprodução (*playlist* é a palavra do idioma inglês para designar uma determinada lista de canções, elaborada para que sejam tocadas em sequência ou de maneira aleatória nos domínios da radiodifusão) foram produzidas para servir às mais variadas programações semanais da rádio.

Além das *playlists*, foram tocadas na rádio Buena composições musicais próprias dos alunos, incluindo *Traps* e *Raps* (o *Trap* é um subgênero do *Rap* e é originário da década de 2000, no sul dos Estados Unidos; enquanto que o *Rap*, de maneira simplista, pode ser definido como um gênero de música popular urbana, que consiste numa declamação rápida e rimada, apoiada por uma trilha instrumental composta para esta finalidade).

Entre estes um, em especial, chamara a atenção, pois foi composto por um aluno participante da pesquisa para ser a vinheta-*jingle* da Estação Buena (vinheta é um tipo de anúncio ou propaganda para rádio, geralmente gravado em estúdio por um locutor e com uma música de fundo; *jingle* — é uma peça

musical, com letra e melodia, em que o anúncio é cantado para gerar empatia e memorização).

Dois *podcasts* (um *podcast* é como um programa de rádio, um conteúdo de mídia (geralmente áudio) transmitido via *Really Simple Syndication* (RSS), que é um formato de distribuição de informações em tempo real pela Internet, com temas abrangentes e variados, e podendo ser acessado de onde e quando se quiser) abordando o tema da cidadania, e de como ela se daria numa situação análoga à do filme estadunidense *Matrix*, de 1999, foram produzidos pelos pesquisadores participantes e colocados na plataforma da Rádio.

Outras publicações importantes de divulgar aqui, são as entrevistas realizadas pelos alunos durante o evento do Festival Vale que Dança, no Capão, na sua edição de outubro de 2019. Quatro alunos providenciaram o contato com a produção do Festival, o acesso aos artistas, planejaram e realizaram as entrevistas com os envolvidos e publicaram, além de fotos, os textos, frutos das entrevistas realizadas durante o evento.

O mesmo aconteceu por ocasião do Festival de Jazz do Capão, na sua edição de novembro de 2019.

Esse conteúdo, além das músicas compostas e produzidas pelos pesquisadores no período, fazem parte do acervo da Curadoria Estudantil e Digital de Arte Popular do Vale do Capão. Ainda que o possamos ver como incipiente, consideramos o material até aqui levantado como resultado de um esforço no sentido de torná-lo representativo no contexto da Curadoria e da Rádio que a abriga. Tal acervo é de muitas formas significativo pelo empenho criativo dos alunos em produzi-lo.

Em contraposição à Rádio e à Curadoria, a Roda de Conversa, infeliz e diferentemente da experiência em Mata de São João, acabou por não produzir nada que seja aqui digno de nota. Não, é claro, por opção das meninas que se inscreveram para fazer parte das oficinas, pois o interesse foi manifestado de imediato à apresentação da pesquisa e do IGETEC, mas pelas inúmeras dificuldades em encontrar espaços apropriados para a realização das reuniões e de conciliar a disponibilidade de horários das alunas participantes.

Chegamos a provocar algumas oportunidades para os encontros, mas isso acabava por não funcionar, e a frustração de muitas das alunas

participantes crescia, esvaziando os sentidos de sua participação da roda de conversa. Os espaços limitados da escola não comportavam o grupo para as atividades extracurriculares, e na Vila do Capão há dificuldades para se encontrar espaços do tipo auditório, biblioteca etc.

As reuniões, ou manifestações que envolvem a comunidade para tomar decisões, ouvir palestras etc, são, em geral, realizadas no Coreto central ou, muitas vezes, em lugares como o Posto de Saúde local, a exemplo de algumas reuniões de Pais e Mestres da escola.

É bom que se diga que a atividade da Rádio, por sua natureza, se pode adequar com muito mais serenidade a qualquer espaço disponível, mesmo que este esteja movimentado por outras atividades não correlacionadas.

O que se produz para a Rádio não depende tanto das leituras, análise e produção textual em grupo, palestras de convidados sobre os temas em discussão – para e com o grupo, quanto a Roda de Conversa. Esses aspectos não podem ser vistos de forma isolada no contexto da roda de conversa em questão e, por isso mesmo, consideramos que este fator tenha dificultado a implantação e a produção de resultados da Roda.

#### **4.5 Finalização da observação no Anexo do Colégio Estadual Nilde Maria Monteiro Xavier**

No final do mês de novembro, com a aproximação do final do ano letivo, tivemos um breve período de paralisação das atividades em função de terem se extinguido os recursos para o pagamento da mensalidade paga ao provedor para a manutenção do *site* da rádio no ar.

Logo conseguimos superar esta dificuldade com a captação do recurso necessário, junto a alguns dos comerciantes locais, que se prontificaram a contribuir individualmente com pequenas cotas e dar seguimento ao projeto.

Nesse aspecto, é necessário que se faça mais um elogio à atitude e à iniciativa de alguns alunos pesquisadores participantes. O plano de captar recursos e buscá-los junto à comunidade, partiu do grupo de trabalho e foi por ele executado.

Com a captação aprendeu-se também, supomos, que a manutenção de projetos depende, entre outras coisas, de recursos, e que para obtê-los é necessário não só criar maneiras de captá-los, mas também organizar e executar um plano de captação. Entendemos que isso foi importante para o entendimento de que, ao gerir alguma atividade, é preciso considerar as várias instâncias que a constituem e estar pronto para lidar com seus próprios limites e possibilidades.

Ainda no final do mês de novembro, com a aproximação do término do ano letivo, a pressão por resultados sobre os alunos e alunas aumenta e é mais difícil se concentrar em objetivos que não sejam trabalhos, provas e notas para atravessar o portal como aprovado(a) em direção ao ano letivo que se seguirá. Ainda assim, nos momentos possíveis houve encontros com vistas a avaliar o nosso percurso e o que foi nele produzido, enquanto participantes da pesquisa.

Tais avaliações são um contributo e conduzem-nos às conclusões que se seguem.

## 5. CONCLUSÕES

Daquelas coisas que estão ditas e postas neste documento, nesta dissertação, cabe recolher agora aquela que expressa uma preocupação que não nos abandonou até o final da redação, e que representa a alma do esforço e do tempo que aqui empregamos: “Essa pesquisa tem por base um princípio educativo e por tal razão preocupam-se os participantes não apenas com o produto decorrente das atividades, mas com a valorização dos processos criativos em movimento”. Claro que há resultados, mas desejamos aqui, sobretudo, enfatizar o que levou-nos a eles e como seguimos adiante em nossa busca.

De fato, isso revela como nós e outros integrantes dessa pesquisa buscamos ajustar o foco da nossa compreensão para uma visão humanista e holística, que pudesse por as pessoas em estado de cooperação. Valorizar os processos criativos significa, mais que tudo valorizar as pessoas no seu melhor empenho. No que seus sonhos, imaginação, trabalho, podem servir aos outros.

A cada novo momento que essa investigação possibilitou, vemos que nossos levantamentos e análises da observação de como se dão as atividades, o prazer, mesmo nos pequenos resultados, o empenho dos pesquisadores participantes em dar de si para contribuir com o que vem sendo realizado; tudo mostra que estávamos no caminho.

E se estivemos procurando com cuidado não o caminho certo, mas o caminho possível, trilhando-o com seriedade e empenho, podemos pra já considerar a experiência como exitosa. Êxito aqui é poder trazer para o cotidiano escolar a importância da pesquisa e poder colocá-la em diálogo com a universidade.

Êxito é poder propô-la como agente emancipatório a contribuir na construção da pessoa; contribuir com o protagonismo juvenil; contribuir com a cultura popular e ser por ela contemplado num cenário que, a cada dia, a nega para uma maior valorização da cultura de massas no macro-ambiente do consumo.

E podemos considerar isto um aspecto muito importante dentro da discussão que essa pesquisa buscou também fomentar: enquanto a cultura de massas, a indústria cultural, sabemos, não contribue (e nem faz disto parte dos



seus objetivos) para a formação de um ponto de vista cidadão, ainda não se sabe, paradoxalmente, o quanto a cultura popular pode ser aportada para contribuir de modo significativo nessa formação.

É apenas correto afirmar que ela carrega em si valores intrínsecos – e podemos observar isto também claramente no decorrer desse trabalho – que ligam as pessoas aos seus próprios territórios e reforçam seu protagonismo e suas identidades.

Obviamente que podemos ver também, no decorrer da pesquisa, que a indústria cultural exerce forte influência sobre os adolescentes em idade escolar. E temos que ver isto de modo claro, como o quer Lastória (1994, p. 152) para quem a indústria cultural seria uma inibidora da constituição das individualidades (e o protagonismo juvenil é também uma individualidade em uma de suas manifestações).

Para o autor, a indústria cultural propicia a massificação dos gostos e da moral, a partir de determinados *standards* (ou padrões) que definem o que é e o que não é “boa” cultura, e são determinantes para indicar o que deve e o que não deve ser consumido.

Segundo Maria da Conceição Tavares (2001, p.3) “A alienação tende a ser substituída por uma nova consciência, uma nova filosofia moral, que não será a dos valores mercantis mas sim a da solidariedade e da cidadania”.

Mas há muitos mais resultados a levar em conta no caminho possível ao qual nos referimos: a cultura popular vem, de fato, se mostrando, ainda que de maneira incipiente, em sua importância para os meninos e meninas que operacionalizam as dimensões do projeto no IGETEC.

Essas dimensões se revelaram um interessante ponto de convergência de planos e ações, de encontros e debates, de responsabilidade, protagonismo e lições de cidadania que esses meninos e meninas têm para dar, e eles e elas já começam a se perguntar: “o que é cultura popular e para que, ou para quem isto serve”?

Se por um lado aquela alienação de que nos falava o professor Milton Santos interpõe-se no mundo como fato concreto, também a possibilidade de superá-la está posta no mundo; ele também um conjunto de possibilidades a partir dos seus diferentes lugares.

E os lugares tornam o mundo uma existência sempre concreta, mas sempre incompleta. Nossa tarefa é entender o que fazemos, em conjunto com os outros, para torná-lo melhor, mesmo em sua incompletude.

“Cada lugar é, à sua maneira, o mundo” Milton Santos (2014, p.314) [...] “Mas, também, cada lugar, imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” [...] A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade”. Por isto é preciso levar em conta, como buscamos aqui, a cultura popular como uma “individualidade” presente no território, a zelar por sua identidade com valores que lhe são caros.

E é também o professor Milton Santos quem resume, em grande parte, o que sentimos em relação a esse trabalho.

Essas palavras representam com quase inteira exatidão aquilo que temos feito até aqui: o aporte de objetos e de algumas práticas próprias da cultura de massa que, na contradição de suas finalidades, prestam-se a ser instrumentos de difusão e permanência da cultura popular.

Por isso a Rádio está no ar, está online, está no lugar! Está sendo, à sua maneira, o mundo.

## REFERÊNCIAS

ADDOR, Felipe. *Reflexões sobre democracia participativa na América Latina*. Rev. Adm. Pública vol.52 no.6 Rio de Janeiro nov./dez. 2018. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: abr. 2019.

AEVO, Innovate. *Tríplice hélice da inovação: empresas, universidades e governo*. Plataforma de Gestão da Inovação. Disponível em: <https://blog.aevo.com.br/triplice-helice-da-inovacao-empresas-universidades-e-governo/> 2018. Acesso em: 27 de jan. 2020

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 36).

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. 26. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.

CANCLINI, N.G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CAVALCANTI, Maria Laura. In SILVA, René Marc da Costa (Org.). *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília, DF: TV Escola, 2008.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

ETZKOWITZ, Henry; ZHOU, Chunyan. *Hélice tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo*. Estud. av. Vol.31 no. 90, São Paulo, May/Aug. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190003>. Acesso em: 27 de jan. 2020.

FELCHER, Carla Denize Ott; FERREIRA, André Luís Andrejew; FOLMER, Vanderlei. *Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook*. Experiências em Ensino de Ciências V.12, No.7, 2017.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOOGLE. Disponível em <https://www.google.com/search/2019>. Acesso em: 28 de jan. 2020.
- HAESBAERT, Rogério. Prefácio. In RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Roberto Sanchez. (Orgs.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- HANGAR 33. *Como as hélices funcionam*. Disponível em: <http://blog.hangar33.com.br/como-as-helices-funcionam/> 2019. Acesso em: 27 de jan. 2020.
- HARVEY, David. *Espaços de esperança*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- IDEB\_ Índice de desenvolvimento da educação básica, 2017. Dados disponíveis em <<http://ideb.inep.gov.br/Site/>>. Acesso em: jul. 2018.
- LASTÓRIA, Luiz Antonio Calmon Nabuco. *Ética, estética e cotidiano: a cultura como possibilidade de individuação*. Piracicaba: Unimep, 1994.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MAÇANEIRO, Marlete Beatriz; da CUNHA, Sieglinde Kindl. Eco-inovação: um quadro de referência para pesquisas futuras. XXVI Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD, Vitória - Espírito Santo, 2010.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. *Cultura popular urbana e educação: o que a escola tem a ver com isso?* In SILVA, René (Org.). *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília, DF: TV Escola, 2008.
- MELODIA, Luiz. *Juventude transviada*. In: Maravilhas Contemporâneas. Intérprete: Luiz Melodia. Rio de Janeiro, c1976.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1985.
- MÜLLER, Maria Juscélia Sabai; UJJIE, Nájela Tavares. *Protagonismo juvenil no ensino médio e gestão democrática da escola pública: implicações e possibilidades metodológicas para a prática escolar*. Cadernos PDE, Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, Artigos, V. I, Secretaria da Educação do Governo do Estado do Paraná, 2014

NETO, João Teixeira de Carvalho; HERNANDEZ, Rafael; PASSOS, Damascena dos; MARTINS, Rodrigo Siqueira. Manual de incubadoras, cap. III. In VIRGÍNIO, Darlyne Fontes; AZEVEDO, Márcio Adriano de; MARTINS, Rodrigo Siqueira (Orgs.). *Manual de processos relacionados a pesquisa, inovação e publicações*. Natal: IFRN, 2018. 148 p.

PAULA, Fernanda Cristina de. *Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia*. GeoTextos, vol. 7, n. 1, jul. 2011. Disponível em < <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5271> > Acesso em: jul. 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*. 4. ed. 8. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Coleção Milton Santos; 1)

\_\_\_\_\_. *O espaço do Cidadão*. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 176 p. (Coleção Milton Santos; 8)

\_\_\_\_\_. *O território e o saber local: algumas categorias de análise*. Cadernos IPPUR, Ano XIII, n. 2, Ago-Dez 1999.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 6.ed.

\_\_\_\_\_. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Milton Santos [et al] – Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 3. ed.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985, 9. ed.

SEABRA, Odette; CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SILVA, René Marc da Costa. *Cultura popular, linguagens artísticas e educação*. In SILVA, René Marc da Costa (Org.). *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília, DF: TV Escola, 2008.

SOARES, Leandro Queiroz; FERREIRA, Mário César. (2006) Pesquisa participante como opção metodológica para investigação de práticas de assédio moral no trabalho. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: jul. 2019.

SOUZA, Maria Adélia de (Org.). *Território brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Edições TERRITORIAL, 2003.

SOUZA, Herbert José de. *Análise de conjuntura*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

TAVARES, Maria da Conceição. In Santos, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 6.ed.

TEIXEIRA, Coelho. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2013. Coleção primeiros passos; 8)

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUNES, Regina. *Geografia da Inovação: o debate contemporâneo sobre a relação entre território e inovação*. Espaço e Economia [Online], 9 | 2016, posto online no dia 19 janeiro 2017, consultado o 25 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/2410>; DOI : 10.4000/espacoeconomia.2410

## APÊNDICE

### ALGUNS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA EXPERIÊNCIA

Fonte: Acervo do autor.

#### Na Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos



Primeiros encontros com professores e gestores. Conectando pessoas



Ligando fios, caixas de som e conectando pessoas



Roda de Conversa Papo Franco conectando pessoas



## Um dos textos utilizados na Roda de Conversa Papo Franco Caeté-Açu; Vale do Capão

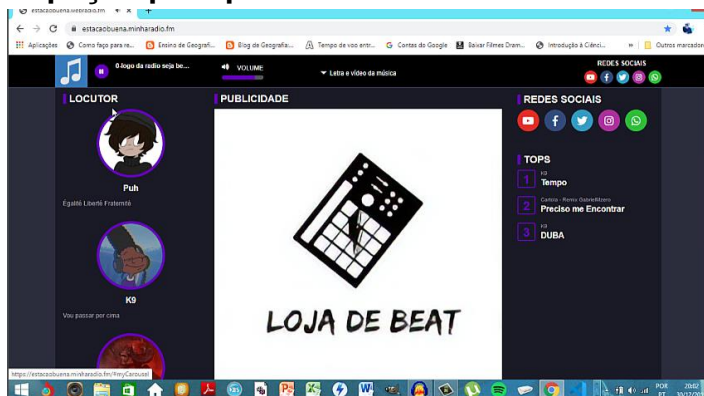


Anexo do Colégio Nilde Maria Monteiro Xavier, no Vale do Capão  
Fonte: Google (2019)

## A Rádio Web – Página Inicial

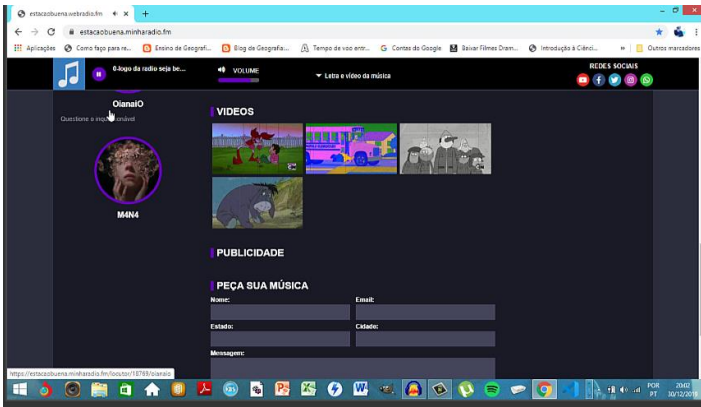


## Espaços para publicidade

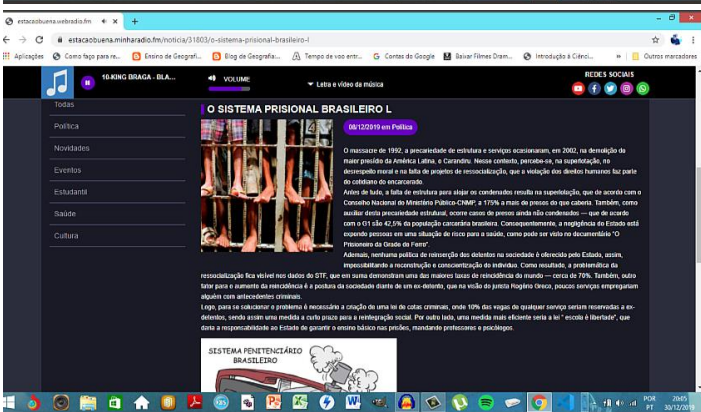
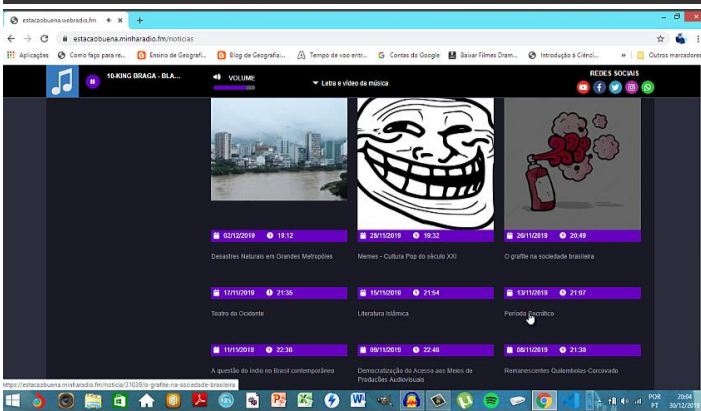
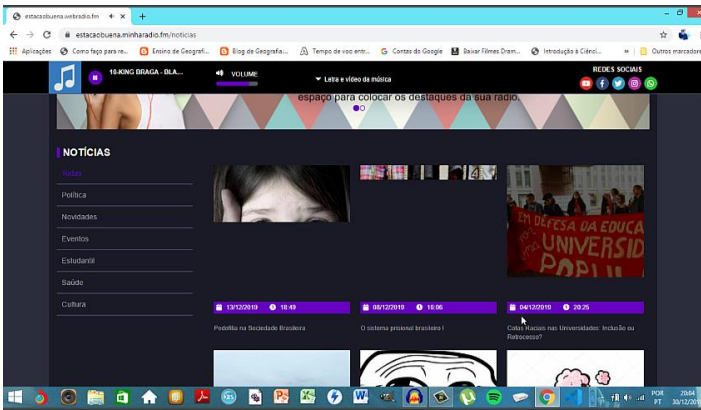


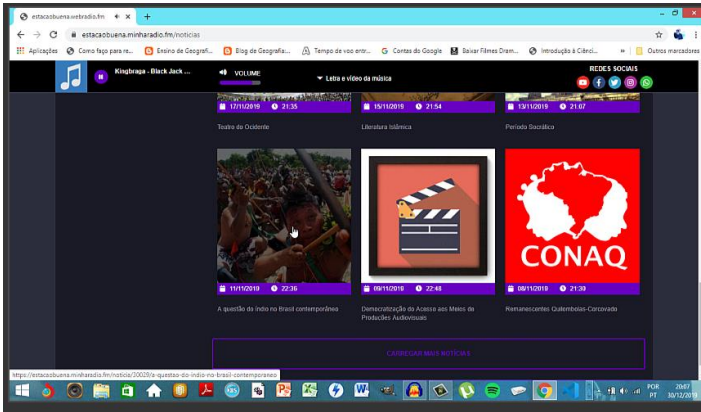
## Vídeos linkados com o Youtube



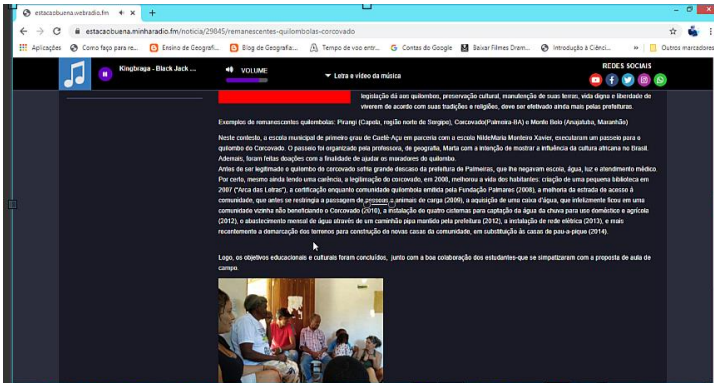


## Artigos





## Notícias e Eventos




estacabuenamirradio.fm

estacabuenamirradio.fm/evento/10100/feira-literaria-de-palmeiras-flipa

Como fazer para... Entro de Geograf... Bing de Geograf... Tempo de voz em... Contas do Google Baixar Filmes Down... Introdução à Cinc... Outros emissores

Letra e vídeo da música



**Chapada: Feira Literária em Palmeiras estimula hábito da leitura e promete envolver toda a comunidade**

O município de Palmeiras, localizado na Chapada Diamantina, contará nos dias 5, 6 e 7 de dezembro com sua primeira Feira Literária. A professora Jocelma Duarte é filha da terra e letrada há mais de 10 anos. Foi ela quem teve a ideia de montar essa primeira Feira Literária de Palmeiras (FLIPA), para envolver toda a comunidade, levar os alunos para a Praça Doutor José Gonçalves e fazer diversas ações para promover a literatura e divulgar a cultura local.

Nas oportunidades, acontecerá leitura de livros, onde o autor presencha como fante, além disso o dia também terá o que tem a ver com os professores. "Assim estimulamos a participação de todos e temos certeza de que eles leram os livros. Também lançamos uma árvore literária, onde livros são pendurados para as pessoas escovarem para ler", salienta Jocelma de Jesus da Chapada.

Fonte: <https://jornaldachapada.com.br/2019/07/31/chapada-fecha-literaria-em-palmeiras-estimula-habito-da-leitura-e-promete-envolver-toda-a-comunidade/>

CLIQUE E COMPARTILHE

estacabuenamirradio.fm

estacabuenamirradio.fm/noticia/29757/vale-que-danca-2019


Relações Como fazer para... Entro de Geograf... Bing de Geograf... Tempo de voz em... Contas do Google Baixar Filmes Down... Introdução à Cinc... Outros emissores

Letra e vídeo da música

Todas  
Política  
Novidades  
Eventos  
Estudantil  
Saúde  
Cultura

**VALE QUE DANÇA 2019**

07/10/2019 em Eventos



A 5ª edição do Vale que Dança, festival de danças do Capão, ocorreu na praça central da vila, entre os dias 18 e 20 de outubro, com a presença de uma excelente equipe artística. O evento, que já é tradição na região, teve alguns problemas técnicos e consequentemente atrasos, mas tudo que ocorreu no melhor do espírito. Diversos estilos de dança foram apresentados: break dance, funk, anarcopop, funk e samba.

A abertura foi feita pela Tereza dos Ciganos, mulheres de todos os lugares desfilando funk, com músicas baseadas no fundo da bela apresentação, que rendeu muitos aplausos, de meninos e meninas. Logo após tivemos mais duas sequências de dança funk, mas desta vez foram 2 casais, e todos nativos do Vale do Capão. Um verdadeiro sábado de chapada.

## ANEXO

### DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

**Termo de autorização institucional da coparticipante**  
**Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos**  
**Mata de São João – Bahia**

	Por gentileza, inserir o timbre do departamento ou instituição.
---	---

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador(a) Alberto Batinga Pinheiro a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado "Cultura Popular e Educação para a Cidadania: a IGETEC e as novas idelas para as rodas de conversa, rádios e curadorias de arte popular no cotidiano escolar" o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Mata de São João, 11 de março de 2018.

*João Marques de Jesus*

Assinatura e carimbo do  
responsável institucional

João Marques de Jesus  
Diretor  
Decreto 588/2018

## Termo de autorização institucional da coparticipante

### Anexo do Colégio Nilde Maria Monteiro Xavier Caeté-Açu – Palmeiras – Bahia



Universidade do Estado da Bahia  
Comitê de ética em Pesquisa - CEP

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o pesquisador Alberto Batinga Pinheiro a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado **A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR NA ESCOLA COMO INCENTIVO A UMA FORMAÇÃO CIDADÃ: UMA PESQUISA-AÇÃO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO ANEXO DO COLÉGIO ESTADUAL NILDE MARIA MONTEIRO XAVIER, NO DISTRITO DE CAETÉ-AÇU, PALMEIRAS – BAHIA**, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.


Salvador, 16 de maio de 2019.

*Rosana Mercês Santos*

Assinatura e carimbo do  
responsável institucional

Escola Municipal de 1º Grau de  
Caeté-Açu: Port. 125-A de 31/08/1999

## Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DEDC I CAMPUS I

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM  
SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

**I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**  
Nome do Participante: \_\_\_\_\_  
Sexo: F ( ) M ( ) Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Nome do responsável legal: \_\_\_\_\_  
Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/(\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**  
1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:**  
\_\_\_\_\_  
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Prof. Dr. José Cláudio Rocha**  
Cargo/Função: Professor Titular da Universidade do  
Estado da Bahia (UNEB)\_Orientador do Mestrado e do  
Doutorado

**III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**  
Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa:  
"Cultura Popular e Educação para a Cidadania: a IGETEC e as novas ideias para as rodas de  
conversa, rádios e curadorias de arte popular no cotidiano escolar", de responsabilidade da  
pesquisadora Prof. Dr. José Cláudio Rocha, docente da Universidade do Estado da Bahia que  
tem como objetivo **investigar, em oficinas produzidas juntamente com os estudantes de  
Mata de São João e de Caeté-Açu, como a cultura popular local pode contribuir para  
estreitar e fortalecer os laços entre os atores da escola, incentivando sua formação crítica  
enquanto cidadãos e cidadãs.**  
A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como: promover o  
protagonismo juvenil, a cidadania, a criatividade, e a gestão de novas ideias de inovação  
tecnológica e educacional. Caso o(a) Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a)  
ele(a) fará parte como pesquisador participante das oficinas de gestão da rádio escolar, da  
roda de conversa e da curadoria de arte popular, conduzidas pelo aluno Alberto Batinga  
Pinheiro, do curso de pós-graduação (Mestrado) em Gestão e Tecnologia Aplicadas à  
Educação. Não há nesta pesquisa coleta de amostras de nenhum tipo, apenas dados gerados  
pela observação, não oferecendo assim nenhum risco para a saúde física nem mental do  
participante. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da  
Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível  
no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA – Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem do seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retrair sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta(m) o(s) contato(s) do(s) pesquisador(es), com quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

**V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**


**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Prof. Dr. José Cláudio Rocha  
Endereço: Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Av. Ulysses Guimarães, 3.386, Edf. Multicab Empresarial, 1º andar. Sussuarana, CEP: 41.219-400 - Salvador – BA  
Telefone: (71) 3117-5307; E-mail: joseclaudiorochaadv@gmail.com  
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1º andar, Cabula, Salvador- BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br  
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP-End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF


**VI. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.**

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **"Cultura Popular e Educação para a Cidadania: a IGETEC e as novas ideias para as rodas de conversa, rádios e curadorias de arte popular no cotidiano escolar"**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via a mim.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Assinatura do responsável pelo(a) participante da pesquisa

  
Assinatura do pesquisador discente

  
Assinatura do professor responsável

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob número de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

## Sinopse enviada à direção da Escola Nadir Ribeiro para a instalação da rádio (ainda a fios)

### ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA NADIR RIBEIRO DOS SANTOS

#### PROGRAMA DE INSTALAÇÃO DA RÁDIO ESCOLAR E IMPLEMENTAÇÃO DA INCUBADORA DE GESTÃO DA ECONOMIA TECNOLÓGICO-CRIATIVA (IGETEC)

Alberto Batinga Pinheiro<sup>1</sup>

Há bastante tempo já não se vê novidade no fato de que o rádio é um dos mais eficientes veículos de comunicação, informação e entretenimento no Brasil e no mundo. Hoje, inclusive, com novas possibilidades da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), produtos como a Web Rádio (conhecida também como Rádio online ou, ainda, via Internet) têm mobilizado desenvolvedores, empreendedores, artistas, e milhões de usuários pelo mundo, com baixo custo e programações que variam desde notícias em tempo real, até programas especializados em música temática, num mercado que movimenta, de fato, um alto capital criativo.

As rádios AM e FM, chamadas tradicionais, também estão por toda a parte, mas o alcance destas é mais restrito e seus custos de implantação mais altos. Todos os dias, milhões de pessoas em todo o globo ouvem suas rádios favoritas locais ou nacionais no carro, a caminho ou de volta do trabalho, da escola ou, ainda, em casa enquanto lêem, produzem algo, ou simplesmente se exercitam.

Também não se trata de novidade a utilização do rádio na escola como instrumento democrático, de importante papel na divulgação do conhecimento. Os mais variados projetos, utilizando essa mídia, se espalharam e se multiplicaram com sucesso pelas escolas do nosso país nos últimos anos. É reconhecido, portanto, o seu potencial educativo na promoção do melhor relacionamento entre os atores da escola e sua comunidade, no fortalecimento das relações entre professores e alunos, entre os professores numa perspectiva interdisciplinar, na união, na troca e na comunicação, fazendo emergir de suas práticas importantes espaços colaborativos onde a solidariedade e o protagonismo juvenil podem e devem se expressar.

O que este projeto pretende contribuir como inovação no uso do rádio, e da rádio escolar, é realizar a sua construção assentada na concepção de uma rádio na

<sup>1</sup> Professor de Geografia na Escola Municipal Professora Nadir Ribeiro dos Santos; Licenciado em Geografia, pela UFBA; mestrando em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela UNEB.